

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITETURA DE LISBOA



ESTRATÉGIAS DE CUSTOMIZAÇÃO APLICADAS NA HABITAÇÃO TEMPORÁRIA EM REABILITAÇÃO

INTERVENÇÃO NA MANUTENÇÃO MILITAR, BEATO, LISBOA

Cristiana Magalhães Peres

(Licenciado)

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,
especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Presidente do Júri : Professor Pedro Jorge Rodrigues

Vogal : Professora Doutora Maria Dulce Loução

Orientador : Professor Doutor João Nuno de Carvalho Pernão

DOCUMENTO DEFINITIVO

LISBOA, FAUL, JANEIRO 2018

ESTE DOCUMENTO FOI ESCRITO SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

Resumo

A presente dissertação de Projeto Final de Mestrado, encontra-se inserida no tema “Construir a contemporaneidade sobre um passado industrial” com intervenção na Manutenção Militar de Lisboa, lançado em Laboratório de Projeto VI pelo professor João Nuno Pernão.

Neste sentido, é proposto uma intervenção na área da reabilitação com base em conceitos relacionados com a preservação da identidade e memória dos edifícios que atualmente são património industrial.

Através da leitura do território correspondente ao Beato e restante zona envolvente, torna-se possível a elaboração geral e redefinição programática da Manutenção Militar, com base na regeneração social e cultural, debruçando grande atenção numa teoria de valores das pré-existências e sem descurar os programas existentes, encontrando um equilíbrio com os programas contemporâneos propostos ao nível dos usos e com o objetivo de devolver viva a esta freguesia.

Foi tomado como objeto principal de estudo o edifício do antigo Convento e o edifício das residências. São edifícios de habitação familiar, neste caso destinados às famílias dos militares. Na abordagem projetual, é proposta uma redefinição não da função que os mesmos têm, mas do programa a eles aplicados, que paralelamente com a abordagem geral da manutenção militar e espaço adjacente – Beato, visam gerar uma proposta coerente e viável para esta freguesia.

Percecionadas as principais características dos edifícios e com base na análise de conceitos, pretende-se impor um novo programa com base na oferta da possibilidade de customização das habitações por parte dos seus utilizadores, sem nunca esquecer a identidade do edifício, preservando-o e valorizando-o.

PALAVRAS CHAVE: REABILITAÇÃO | HABITAÇÃO TEMPORÁRIA | CUSTOMIZAÇÃO |
CONVENTO DAS GRILAS | MANUTENÇÃO MILITAR

(248 PALAVRAS)

Abstract

The present Master's Dissertation is part of the theme "Building contemporaneity on an industrial past" with intervention in the Military Maintenance of Lisbon, launched in Project VI Laboratory by Professor João Nuno Pernão.

Therefore, it is proposed an intervention in the rehabilitation area based on concepts related to the preservation of the identity and memory of the buildings that are currently industrial heritage.

Through the reading of the territory corresponding to Beato and the remaining surrounding area, it becomes possible the general elaboration and programmatic redefinition of Military Maintenance, based on social and cultural regeneration, focusing on a theory of values of pre-existences without neglecting the existing programs, finding a balance with the contemporary programs proposed at the level of uses and with the objective to return life to this parish.

The main object of study was the building of the old Convent and the building of the residences. They are family dwelling buildings, in this case intended for the families of the military. In the projectual approach, it is proposed a redefinition not of the function they have, but of the program applied to them, which in parallel with the general approach of the Military Maintenance and adjacent space - Beato, aim to generate a coherent and viable proposal for this parish.

With the main characteristics of the buildings perceived and based on the analysis of the concepts, it is intended to impose a new program based on the offer of the possibility of customization of the dwellings by its users, without ever forgetting the identity of the building, preserving and valuing it.

KEYWORDS: REHABILITATION | TEMPORARY HOUSING | CUSTOMIZATION | GRILL
CONVENT | MANUTENÇÃO MILITAR

(264 WORDS)

Agradecimientos

Sem hierarquizar ninguém, agradeço aos meus pais que nunca deixaram de me guiar e de me passar os valores certos, muitas vezes apenas com palavras silenciosas. Ao meu pai, agradeço que me tenha sempre encorajado com a maior força do mundo e à minha mãe que me ensina que conseguimos ser realmente bons naquilo em que investimos com muita dedicação.

Às minhas três irmãs que, entre discussões e momentos de alegria nunca me deixaram caminhar sozinha.

Ao meu namorado André Mira, que esteve comigo incondicionalmente, principalmente quando corria menos bem. Pelas suas palavras de grande carinho e preocupação, fica para sempre um sentimento de gratidão imenso.

E como deste grande percurso não vou sozinha, levo comigo os que desde o início me acompanharam, a Aida Costa, o Fabrício Josef, a Joana Veloso, o Pedro Garcia e a Séfora Ferreira. É de coração cheio que agradeço toda a ajuda e companheirismo, mas principalmente que tomo consciência que esta passagem me brindou com pessoas incríveis e que com toda a certeza ocupam um lugar especial no meu coração.

À Ana Sofia Fonseca, pelos sábios ensinamentos nos dois últimos anos.

Ao Professor João Nuno Pernão, um agradecimento especial pelas inúmeras sessões, de dúvidas e desabafos e principalmente pela santa paciência que tem, quando nos corre bem, mas também quando corre mal. Pela oportunidade e sabedoria, pelo cuidado que tem em transmitir os seus conhecimentos, pelo extraordinária capacidade de ensinar.

À Professora Marcela Neves, agradeço a prontidão e prazer que teve em ajudar-me.

E, por fim mas não menos importante, à Arquiteta Isabel Santos, por ter proporcionado o contacto direto com o local de intervenção e pelas conversas sábias e com conteúdo que ajudaram a enriquecer este trabalho.

Índice

RESUMO.....	II
ABSTRACT.....	IV
AGRADECIMENTOS.....	VI
ÍNDICE DE FIGURAS.....	X
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Contextualização.....	3
1.2 Objetivos.....	5
1.3 Estrutura do trabalho.....	5
1.4 Metodologia.....	7
2 ESTADO DA ARTE.....	11
2.1 Conservação, Reabilitação e Restauro.....	15
2.2 Habitação Temporária.....	25
2.2.1 Tempo e Espaço.....	25
2.2.2 A habitação temporária.....	27
2.3 Customização.....	30
2.3.1 A customização aplicada no design de moda.....	30
2.3.2 A customização na arquitetura.....	34
3 INTERVENÇÃO NO ANTIGO CONVENTO DAS CARMELITAS NO BEATO E NO EDIFÍCIO DAS RESIDÊNCIAS.....	39
3.1 Contextualização histórica e geográfica.....	41
3.2 Análise e descrição do objeto de estudo.....	46
3.3 Convento das grilas.....	49

3.3.1	Caracterização construtiva do Convento das Grilas.....	52
3.4	Edifício das residências.....	55
3.4.1	Caracterização construtiva do edifício das residências.....	58
3.5	Programa.....	61
3.6	Descrição do Projeto.....	68
3.6.1	Edifício do Convento das Grilas.....	71
3.6.2	Edifício das residências.....	84
3.6.3	A cor aplicada no edifício do Convento e no edifício das Residências.....	88
4 	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
5 	BIBLIOGRAFIA.....	99
5.1	Referências bibliográficas.....	100
6 	ANEXOS.....	105
	Anexo I. Referências	
	Anexo II. Processo de trabalho	
	Anexo III. Maquetas	
	Anexo IV. Painéis síntese A3	

Índice de figuras

| Figura 1 – Ferramenta de customização de ténis Nike

Fonte: http://store.nike.com/pt/en_gb/product/air-max-1-premium-id/?piid=43573&pbid=369002607 [consultado em Março 2017]

| Figura 2 – passos para a customização de calções LEVI'S

Fonte: http://www.levi.com/PT/pt_PT/customization [consultado em Março 2017]

| Figura 3 – Ambiente do website da LEVI'S para as diversas opções de customização

Fonte: http://www.levi.com/PT/pt_PT/customization [consultado em Março 2017]

|Figura 4 – ferramenta de customização de bolsas Louis Vuitton – customização cosmética

Fonte:<http://br.louisvuitton.com/por-br/produtos/speedy-bandouliere-35-mon-monogram-monogram-008945> [consultado em Março 2017]

| Figura 5 - Esquema explicativo das quatro estratégias de customizar segundo Gilmore e Pine II

Fonte: Imagem realizada pela autora [realizado em Março 2017]

| Figura 6 – Mapa de Lisboa – área de intervenção e proximidades

Fonte: Esquema realizado pela autora

| Figura 7 – Conventos principais e área de intervenção e proximidades

Fonte: Esquema realizado pela autora

| Figura 8 – Mapa de evolução territorial

Fonte: Esquema realizado pela autora

| Figura 9 - Localização da Manutenção Militar de Lisboa em Portugal

Fonte: <http://www.opss.pt/node/138> [consultado em Junho 2017]

| **Figura 10 - Pontos de interesse na freguesia do Beato**

Fonte:<https://www.google.pt/maps/@38.7297163,-9.1071653,157a,35y,357.44h,44.98t/data=!3m1!1e3> [editado pela autora]

| **Figura 11 - Esquema ilustrativo da localização dos edifícios da Manutenção Militar a que se propõe intervir.**

Fonte:<https://www.google.pt/maps/@38.7297163,-9.1071653,157a,35y,357.44h,44.98t/data=!3m1!1e3> [editado pela autora]

| **Figura 12 - Convento das Grilas**

Fonte:<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&cid=584&lang=pt> [consultado em Maio 2017]

| **Figura 13 - Convento das Grilas**

Fonte:<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&cid=584&lang=pt> [consultado em Maio 2017]

| **Figura 14 - Convento das Grilas**

Fonte:<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&cid=584&lang=pt> [consultado em Maio 2017]

| **Figura 15 - Convento das Grilas**

Fonte:<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&cid=584&lang=pt> [consultado em Maio 2017]

| **Figura 16 - separação da Manutenção Militar em duas alas, feita pela rua do Grilo**

Fonte:<https://www.google.pt/maps/@38.7297163,-9.1071653,157a,35y,357.44h,44.98t/data=!3m1!1e3> [editado pela autora]

| Figura 17 - Gráfico circular, realizado com base em levantamento feito em visita de estudo à freguesia do Beato

Fonte: Esquema realizado pela autora

| Figura 18 - edifício do antigo Convento das grilas ou carmelitas

Fonte: Imagem turma MIARQINT 5A 2016/17 – FAUL

| Figura 19 - vista aérea do edifício do antigo Convento – a intervir

Fonte: <https://www.google.pt/maps/@38.7297163,-9.1071653,157a,35y,357.44h,44.98t/data=!3m1!1e3> [editado pela autora]

| Figura 20 - alçados do Convento (Existente)

Fonte: Grupo que interveio no edifício do antigo Convento - turma MIARQINT 5A 2016/17 – FAUL

| Figura 21 - organização dos apartamentos existentes – Esquerdo, frente e direito

Fonte: Esquema realizado pela autora

| Figura 22 - parede exterior do Convento

Fonte: Imagem da autora

| Figura 23 - cantarias exteriores do antigo Convento

Fonte: Imagem da autora

| Figura 24 - paredes interiores do antigo Convento

Fonte: Imagem da autora

| Figura 25 - pavimentos – mosaico hidráulico e madeira tipo casquinha

Fonte: Imagem da autora

| Figura 26 - pavimento - mosaico hidráulico

Fonte: Imagem da autora

| Figura 27 - claraboia no núcleo de escadas

Fonte: Imagem turma MIARQINT 5A 2016/17 – FAUL

| Figura 28 - núcleo de escadas

Fonte: Imagem da autora

| Figura 29 - interior do edifício do antigo Convento

Fonte: Imagem da autora

| Figura 30 - edifício das residências

Fonte: <https://www.google.pt/maps/@38.7297163,-9.1071653,157a,35y,357.44h,44.98t/data=!3m1!1e3> [consultado a Junho 2017]

| Figura 31 - vista aérea do edifício do antigo das residências – a intervir

Fonte: <https://www.google.pt/maps/@38.7297163,-9.1071653,157a,35y,357.44h,44.98t/data=!3m1!1e3> [editado pela autora]

| Figura 32 - divisão do edifício em 4 apartamentos – informação de plantas existentes

Fonte: turma MIARQINT 5A 2016/17 – FAUL [editado pela autora]

| Figura 33 - divisão do edifício em 3 apartamentos – informação atual, segundo levantamento no local

Fonte: MIARQINT 5A 2016/17 – FAUL [editado pela autora]

| Figura 34 - paredes exteriores do edifício

Fonte: Imagem da autora

| Figura 35 - pavimentos – mosaico hidráulico – edifício das Residências

Fonte: Imagem da autora

| Figura 36 - interior do edifício das Residências

Fonte: Imagem da autora

| Figura 37 - interior do edifício das Residências

Fonte: Imagem da autora

| Figura 38 - Pavimento – mosaico hidráulico

Fonte: Imagem da autora

| Figura 39 - planta esquemática referente às demolições

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 40 - Planta de envolvente de intervenção na freguesia do Beato e programa imposto para os edifícios da Manutenção Militar

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 41 - distribuição do novo programa no edifício do Convento, planta segundo intervenção no piso da cave

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 42 - distribuição do novo programa no edifício do Convento, planta segundo intervenção no piso 0

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 43 - esquema ilustrativo referente à variante número 1, do edifício do Convento

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 44 - esquema ilustrativo referente à variante número 2, do edifício do Convento

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 45 - distribuição do novo programa no edifício do Convento, planta segundo intervenção no piso 1

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 46 - distribuição do novo programa no edifício do Convento, planta segundo intervenção no piso 2

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 47 - distribuição do novo programa no edifício das residências, planta segundo intervenção no piso 0 e 1

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 48 - Axonometria programática

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 49 - Planta de representação do existente, do demolido e construído de novo – piso 0

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 50 - Planta de representação do existente, do demolido e construído de novo – piso 1

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 51 - Planta de representação do existente, do demolido e construído de novo – piso 2

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 52 - Esquema ilustrativo do processo de tratamento de roupa na lavanderia comum

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 53 - Planta do edifício do Convento – piso 0

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 54 - Esquema ilustrativo da configuração da cozinha comum

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 55 - Apartamento para mobilidade reduzida

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 56 - Compartimentos existentes onde se iram localizar os novos espaços de estar e/ou trabalhar

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 57 - Convento piso 1

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 58 - Planta de apartamento tipo, piso 1

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 59 - Convento piso 2

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 60 - Planta de apartamento, piso 2

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 61 - 2 faces distintas das almofadas

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 62 - 2 faces distintas das almofadas

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 63 - Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referente ao mobiliário M1

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 64 - Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referente ao mobiliário M2

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 65 - Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referente ao mobiliário M3

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 66 - Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referente ao mobiliário M4

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 67 - Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referente ao mobiliário M5

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 68 - Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referente ao mobiliário M6

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 69 - Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referente ao sistema de sombreamento interior

Fonte: Realizado pela autora

| Figura 70 - janela de acesso às varandas no edifício do Convento

Fonte: Imagem da autora

| Figura 71 – escadas de acesso a uma das varandas no edifício do Convento

Fonte: Imagem da autora

| Figura 72 – Varanda no edifício do Convento

Fonte: Imagem da autora

| Figura 73 – Corte horizontal e corte vertical – varandas acedidas pelos compartimentos do edifício do Convento

Fonte: Imagem da autora

| Figura 74 – Edifício das residências – piso 0

Fonte: Imagem da autora

| Figura 75 – Esquema ilustrativo da configuração do café/bar

Fonte: Imagem da autora

| Figura 76 – Edifício das residências – piso 1

Fonte: Imagem da autora

| Figura 77 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M1

Fonte: Imagem da autora

| Figura 78 – Opções de customização do sofá/cama e dos elementos que o compõem – proposta apartamento a sul

Fonte: Imagem da autora

| Figura 79 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M2

Fonte: Imagem da autora

| Figura 80 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M3

Fonte: Imagem da autora

| Figura 81 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M4

Fonte: Imagem da autora

| Figura 82 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M5

Fonte: Imagem da autora

| Figura 83 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M6

Fonte: Imagem da autora

| Figura 84 – Esquema ilustrativo das cores para uma das janelas do edifício do Convento

Fonte: Imagem da autora

| Figura 85 – Esquema ilustrativo das cores para uma das janelas do edifício das residências

Fonte: Imagem da autora

| Figura 86 – Esquema ilustrativo das cores a aplicar no exterior do edifício do Convento (à direita) e no edifício das residências (à esquerda).

Fonte: Imagem da autora

1 | INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A proposta de Projeto de Final de Mestrado (PFM), está inserida no tema “Construir a contemporaneidade sobre um passado industrial” com intervenção projetual na Manutenção Militar de Lisboa, lançado em Laboratório de projeto VI pelo professor João Nuno Pernão.

Este lugar como caso de estudo, surge no início do ano letivo 2016-2017, por se considerar ser uma área com grande degradação a todos os níveis, e o objetivo da intervenção passa por repensar tanto o futuro da Manutenção Militar como também do território adjacente à mesma e como religar ambos.

A proposta é desenvolvida a partir de um levantamento que irá germinar um plano de pormenor do território correspondente ao Beato e restante zona envolvente, que irá ajudar numa leitura mais coerente daquele espaço, e na elaboração e redefinição programática da Manutenção Militar, tendo em conta que a mesma deverá ser desenvolvida através de uma abordagem com base na regeneração social e cultural debruçando grande atenção na teoria de valores das pré-existências, mas não descurando os programas existentes, respeitando-os e assim alcançar um equilíbrio com os programas contemporâneos ao nível dos usos.

O tema “Estratégias de customização aplicadas na habitação temporária” surge como resposta à grande necessidade de tornar o Beato um Pólo de centralidades, e por isso repensar a cidade do zero. A partir de uma abordagem muito sistematizada, temos a perceção de que a zona do Beato se encontra abandonada e que por isso precisa de pessoas, de lugares, de alguma identidade que não seja apenas um passado industrial desativado. O desenvolvimento de habitação surge como resposta a uma análise detalhada do local, das pessoas e do que é hoje o Beato. Esta resposta visa alterar aquela zona, tornando-a verdadeiramente uma cidade, atraindo pessoas a viver ali, permanecer mesmo que a curto espaço de tempo, reproduzir-se e a gerar um novo ciclo de vida que agora não existe. A Habitação irá gerar a necessidade de passar a haver comércio, mais serviços e outras necessidades diárias para a permanência das pessoas num determinado espaço.

Em paralelo com esta necessidade, o tema em questão assenta também num tópic de bastante interesse pessoal e que surge com base no estudo de um determinado número de pessoas que, por questões profissionais ou outras, sejam obrigadas a residir temporariamente em diversos locais totalmente distintos. Assim sendo, deparamo-nos com um problema de falta de identidade destes espaços, pois os que se encontram acessíveis para o uso temporário, são desprovidos de qualquer relação com o seu utilizador, ou seja, a ligação existente entre ambas é meramente por motivos de necessidade. Estes utilizadores, por estarem deslocados temporariamente, nunca chegam a “sentir” um determinado espaço como seu; mas, ainda assim, tentam encontrar estratégias de o tornar mais pessoal e mais “casa”. A solução passa pelo estudo de como alterar essa impessoalidade e inflexibilidade habitacional, através da procura de métodos de customização, de modo a atribuir ao espaço arquitetónico maior identidade pessoal, dando especial atenção aos seus pormenores. Com o estudo destes métodos, os espaços habitacionais podem assimilar características pessoais de cada utilizador, resultando assim na poética do espaço pessoal. Estas características são então, nestas circunstâncias, efémeras, pois à medida que os utilizadores vão mudando, as características mudam com eles.

Esta intervenção irá ser centrada numa teoria de valores da pré-existência e através de uma abordagem projetual que irá, através de avaliação aprofundada, garantir a preservação de todos os elementos que constituem o património industrial e que pela sua qualidade e interesse devem dialogar com as abordagens realizadas na intervenção.

Lado a lado com o local onde o tema será desenvolvido, funcionarão a pesquisa bibliográfica tanto de casos de estudo desenvolvidos em espaços industriais, como de outros em que a habitação poderá ser desenvolvida e tornada customizável para os vários utilizadores.

1.2 OBJETIVOS

Ao nível do local – Beato:

- Definir quais os elementos da pré-existência a manter na reabilitação, tendo em conta uma teoria de valores.
- Repensar o modo como a Manutenção Militar pode ser religada ao respetivo tecido urbano.
- Definir de que modo as vias e cruzamentos do território adjacente à Manutenção Militar, poderão ser repensadas de modo a que se eliminem questões que descaracterizem o Beato.

Ao nível do tema como intervenção:

- Reabilitar o edifício através de uma abordagem projetual que garanta a preservação e qualidade da pré-existências;
- Projetar um espaço de habitação tendo em conta as novas formas de habitar – habitação temporária.
- Estabelecer o tipo de customização a aplicar no espaço habitacional e o modo como se pode aplicar;
- Definir após a junção das principais necessidades para o bem-estar dos utilizadores quais os elementos através dos quais se pode aplicar o tipo de customização, de acordo com as preferências dos mesmos e de modo a que o espaço seja adaptável ao maior número de pessoas.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho será dividido em quatro partes distintas:

- Na primeira parte irá conter uma pequena introdução onde é exposto o contexto do trabalho e definição das palavras-chave. Será ainda feita uma abordagem aos objetivos que se pretendem atingir com o desenvolvimento e realização do mesmo e também às situações de trabalho/hipóteses que remetem para uma abordagem geral do tema, na qual colocamos algumas

questões que ajudam a dar rumo à investigação do tema, nomeadamente dos conceitos a analisar para o desenvolvimento da proposta.

- Na segunda parte e em primeiro lugar, nesta fase, será abordado de um modo geral todo o estado de conhecimento, ou seja, desde o enquadramento histórico e geográfico do local de intervenção – Manutenção Militar, bem como o enquadramento teórico das temáticas relacionadas com o subtema em análise, e que surgem após a colocação das questões de trabalho. Neste desenvolvimento a nível teórico, e com base em autores que abordam assuntos importantes para o entendimento do tema, procede-se a uma análise e reflexão dos dados adquiridos onde é evidenciada a importância da customização na habitação temporária, tendo como principal preocupação o seu utilizador.

Num segundo momento, é ainda realizado um esclarecimento dos diversos conceitos que são parte integral na condução do desenvolvimento do trabalho, mais especificamente no que se refere à aplicação da customização na habitação temporária, como se processa a aplicação desta temática na arquitetura e qual o objetivo do seu emprego.

De seguida, procede-se à investigação de casos de estudo em que os conceitos que se pretende analisar, e sobre os quais refletir, sejam aplicados na vertente prática. E em paralelo, outros elementos constituintes do estado da arte e que fazem parte de todo o desenvolvimento.

- Na terceira parte, é executada a proposta prática de intervenção na Manutenção Militar de Lisboa, mais especificamente no antigo edifício do Convento das Grilas, onde atualmente encontramos um edifício de habitação.

- Na quarta parte serão apresentadas as considerações finais, bem como os balanços concretizados após a realização do trabalho.

E por fim, a bibliografia que foi tida como base na análise dos conceitos que auxiliaram no desenvolvimento do tema “Estratégias de customização na habitação temporária”.

1.4 METODOLOGIA

No decorrer da PFM, recorreu-se a um conjunto de etapas, à sua concretização e estas vieram beneficiar a organização do trabalho a realizar, quer do ponto de vista teórico ou prático. Este conjunto de etapas visa a coerência do trabalho ao nível da existência de um fio condutor que organizado metodologicamente origine um trabalho perceptível na prática e na teoria.

Assim, esta metodologia inicia-se numa primeira fase com a definição do tema a desenvolver, neste caso “Estratégias de Customização na habitação temporária”.

Consequentemente procede-se à definição das palavras-chave, objetivos a atingir e questões de partida/hipóteses que constam do início da fase teórica.

No segundo momento, é realizada uma pesquisa e análise de referências bibliográficas que vão ao encontro do estado da arte e de conceitos como habitação temporária e customização, e mais especificamente de exemplos onde estes conceitos tenham sido aplicados. Por estarem inseridos no tema em que se está a desenvolver o presente trabalho irão auxiliar na definição de algumas questões fundamentais ao nível prático. No que diz respeito à formalização da aglomeração de toda a vertente teórica, é considerado elemento principal no que diz respeito à redação desta fase, mas também no auxílio da formalização e justificação das escolhas e propostas apresentadas na fase projetual.

Já a terceira fase é marcada por dizer respeito exclusivamente à vertente prática, que obviamente será tida como base no desenvolvimento das fases anteriores, mais uma vez para preservar a coerência ao nível metodológico do trabalho, com início na definição de soluções de projeto, testando a sua adequação ao local, sem esquecer a análise das condicionantes a elas inerentes, mas desta vez através de métodos gráficos, ou seja, ao nível do desenho digital e analítico e também ao nível da modelação de maquetas que ensaiem e acompanhem um processo de trabalho projetual, a fim de nos depararmos com um conjunto de elementos que vinquem o início do

entendimento e domínio do espaço a intervir, até ao encontro da representação do projeto final.

Por último, serão, de um modo contextualizado, realizadas as considerações finais do presente trabalho, no que diz respeito ao cumprimento dos objetivos finais face aos objetivos iniciais propostos, esclarecendo se foi possível ou não atingi-los.

Seguidamente à reflexão geral, será feita a apresentação do impacto que o tema causou ao nível do desenvolvimento da habitação, mais especificamente da habitação temporária, mas também das questões positivas que seriam levantadas com esta especial atenção, para os utilizadores.

2 | ESTADO DA ARTE

NOTA INTRODUTÓRIA

Neste capítulo será desenvolvida uma reflexão com base nos conceitos que se pretendem explorar para uma melhor compreensão e entendimento do tema. A importância da pré-existência face ao ato de reabilitar, restaurar e conservar, bem como a análise de elementos como o tempo e o espaço, a função determinante que têm na habitação. A Customização.

2.1 CONSERVAÇÃO, REABILITAÇÃO E RESTAURO

Desde há muito tempo que é notável a influência das gerações nos diversos usos sociais no que diz respeito à "vida" e percurso dos monumentos. Estes usos sociais desempenhados pelo homem são bastante marcados pela necessidade e importância dada a uma determinada construção, e perante o grau dessa importância, o homem tem a necessidade de a manter e preservar para que de certo modo se façam perdurar estes elementos no tempo. Neste sentido, os elementos considerados importantes, desde o homem à cidade devem ter uma determinada atenção e cuidado.

Mais especificamente na Época Medieval (século XII-XIII), e relativamente ao conjunto de Papas que conservavam os monumentos que eram do seu interesse e "por outro lado, a indiferença relativa aos monumentos, que tinham perdido o seu sentido e a sua utilidade"¹ fazia com que os mesmos não usufríssem da mesma sorte, rumando em direção distinta. Eram não só "reciclados" mas "...desmantelados em bocados e fragmentados..."². Este ato, que por um lado remete para a eliminação daquilo que de todo já não fazia falta, e, por outro, vinca um modo de preservação, ou seja, os materiais obtidos da destruição além de servirem para a produção de "cal", serviam também para serem aplicados "de seguida em novas construções para embelezar e decorar"³ e, deste modo, se deixava "vivo" e marcada a memória das antiguidades importantes que definiam um determinado tempo da história que não deveria ser esquecido.

Contudo, só mais tarde e já no período referente ao século XIV e XV, a que damos o nome de Renascimento se adquire a consciência do significado da História, e dos valores que a mesma traz consigo ao logo do tempo, sendo deste modo necessário preservá-la.

¹Choay, F. (2000). *A alegoria do património*. 4 ed. Lisboa: Edições 70, p.32

²Choay, F. (2000). *A alegoria do património*. 4 ed. Lisboa: Edições 70, p.36

³Choay, F. (2000). *A alegoria do património*. 4 ed. Lisboa: Edições 70, p.36

“A liderança e o controlo das iniciativas de conservação na Itália Renascentista cabia diretamente aos papas. A bula papal de Pio II...”⁴, “...é uma das mais antigas peças legislativas de que há conhecimento sobre a matéria, e surge com o objetivo de introduzir uma tutela que permitisse salvaguardar os vestígios da antiguidade clássica, naquele tempo altamente valorizados”⁵. Em contraste com o que acontecia na época anterior, esta legislação veio trazer a proibição daquilo que acontecia nessa mesma altura, a destruição. Concluímos que foram várias as medidas de salvaguarda de monumentos, tomadas no final do que foi, a fase do desenvolvimento referente ao “...interesse pelos vestígios do passado...”⁶, ou seja, o *Quattrocento*.

A Revolução Francesa (1789-1799) marca o início da idade contemporânea na qual muitas medidas foram tomadas.

Exatamente depois da revolução, a detenção da degradação e do “...vandalismo ideológico (anti-monárquico, anti-clerical e anti-feudalista)...”⁷ através de medidas legais marcam o fim daquilo que era a destruição sem qualquer controlo do monumento da cidade.

“Pela primeira vez, verificou-se a assunção, por parte de um Estado, do interesse público da conservação dos seus monumentos e o conseqüente assumir da sua responsabilidade na sua salvaguarda”⁸.

⁴Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.35.

⁵Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.35.

⁶Choay, F. (2000). *A alegoria do património*. 4 ed. Lisboa: Edições 70, p.38

⁷Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.36.

⁸Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.37.

É no auxílio do controlo por parte desta entidade e respondendo à necessidade de existir um sistema de gestão do património que conhecemos Ludovic Vitet, inspetor dos monumentos históricos, que veio reestruturar o serviço pioneiro dos mesmos. Esta reestruturação foca-se bastante naquilo que se chama o restauro arqueológico, no sentido em que o arquiteto deveria proceder ao estudo no que diz respeito à arqueologia de um monumento aquando da intervenção, para que desse modo possa “levá-lo” ao seu estado primitivo.

Esta linha de pensamento, guiada pelo desejo de preservar o original, é também seguida pelo segundo Inspetor dos monumentos históricos: Prosper Merimèe. Perante o estudo arqueológico, se fosse conhecido o estado original o mesmo deveria ser recuperado, se tal não acontecesse então recorria-se à cópia dos traços pertencentes a outros monumentos da mesma época e com o mesmo estilo arquitetónico. A esta atitude damos o nome de restauro estilístico, e o

seu maior defensor é o Francês Viollet-Le-Duc que dá continuidade ao pensamento e ao que Merrimée levava avante.

Caracterizado pelo restauro estilístico e com uma atitude intervencionista definida através de uma teoria projetual e não arqueológica, focada no *“...conhecimento rigoroso da linguagem com que se exprime o valor do monumento estabelece os critérios analógicos que guiam o projecto de restauro”*⁹ e nunca esquecendo que os valores históricos de carácter nacionalista são transmitidos pelos monumentos.

Relativamente ao ato de projetar um determinado edifício, Viollet-Le-Duc, defende que eram precisos muitos anos para que um projeto fosse

⁹Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.41.

levado ao seu estado de perfeição, ou seja, quanto mais tempo se trabalhasse nele mais bem desenvolvido ficaria.

Visto que a antiguidade e os valores históricos de carácter nacionalista transmitidos pelos monumentos deveriam ser sempre preservados de modo a mantê-los vivos até ao futuro, existem dois modos de os preservar. "*Uma cópia fiel adquiria um valor similar ou muito próximo de um original*"¹⁰, mas, por outro lado, o ato de acrescentar elementos característicos do estilo referente à época do projeto do monumento, era por ele defendido com o objetivo de "aperfeiçoar" e valorizar o monumento, exprimindo assim o estilo ao máximo. A valorização em questão é especificamente a aproximação do monumento a um estado de completude que possivelmente nunca chegou e que era muito importante para transparecer corretamente o passado.

Esta ideia era claramente incompatível com a defesa e valorização que John Ruskin fazia, na mesma altura mas em Inglaterra, perante os valores dos monumentos, originando assim uma disputa mútua.

Vivia-se o período neogótico, estilo considerado puro e rigoroso, como uma religião, e muito mais do que um estilo arquitetónico. Com a influência deste estilo, que predomina em Inglaterra mas também como resposta aos conceitos de Viollet-Le-Duc, surge, como foi referido, John Ruskin.

Impulsionador de muitas obras literárias, Ruskin era conhecido pelo Restauro Romântico, no que diz respeito à valorização estética e simbólica da ruína.

As obras do passado deviam manter-se intactas, conservando assim as características originais dos monumentos e jamais se recorria ao restauro porque este significava destruição tanto da matéria, como do

¹⁰Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.40.

ciclo normal da "vida" do monumento, semelhante à vida humana, com nascimento e morte.

O objetivo marca-se pela manutenção cuidada e regular, a fim de evitar o restauro e "*...a realização de cópias ou acrescentos a elementos originais*"¹¹, que somente constituem mentiras arquitetónicas.

A maior glória de um edifício é a sua idade e, segundo Ruskin, "*...as marcas do tempo faziam parte da essência do monumento.*"¹²

Na sequência de algumas denúncias de intervenção feitas na Europa, gera-se um movimento Anti-Restauro.

Este movimento uniu vários arquitetos preocupados com o real significado de restauro, defensores da conservação e reparação em vez do restauro estilístico caracterizado pela "*...condenação definitiva de autenticidade material do objecto*"¹³, dando por isso continuidade aos pensamentos e teorias de John Ruskin e baseando-se nos princípios estabelecidos pelo Arquitecto Camilo Boito e pelo restauro filológico.

Camilo Boito foi um dos arquitetos com maior importância no que diz respeito à fundação da Conservação.

Interpretador filológico dos valores patrimoniais, o arquiteto aborda uma junção das teses dos seus antecedentes (John Ruskin e Viollet-Le-Duc), defendendo sempre a preservação dos valores históricos e artísticos do monumento e a intervenção de nível intermédio.

¹¹Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.44.

¹²Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.43.

¹³Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.43.

Relativamente às teorias de Ruskin, Boito apoia-as comparativamente à conservação dos monumentos, “...fundada sobre a noção de autenticidade.”¹⁴, contudo “...sustenta a prioridade do presente sobre o passado e afirma a legitimidade do restauro”¹⁵ tão bem defendida por Viollet-Le-Duc.

Assim, Boito considera legítima a ação de manutenção do edifício ao longo do tempo de modo a evitar o restauro com acrescentos e renovações (à semelhança de Ruskin), mas em casos extremos e quando todos os meios de “...salvaguarda (manutenção, consolidação, reparações não expostas à vista) falharem...”¹⁶ a intervenção ao nível do restauro também é considerada válida por Boito.

*“A falta de autenticidade da zona restaurada deve poder ser distinguida dos elementos originais do edifício à vista desarmada, graças a uma encenação engenhosa, recorrendo a artifícios múltiplos: diferentes materiais, de diferente cor dos do monumento original, aposição sobre as partes restauradas de inscrições e de sinais simbólicos precisando as condições e as datas das intervenções.”*¹⁷

Esta nova perspetiva de Boito, que une dois conceitos de dois antecedentes distintos, é resumida em princípios ou métodos de atuação para a intervenção, métodos estes apresentados no III Congresso de Arquitetos e Engenheiros Civis em Roma (1883) e que sustentaram uma nova base para as teorias de restauro moderno.

A definição e consolidação do tema Conservação teve, como percebemos anteriormente, diversas contribuições.

¹⁴Choay, F. (2000). *A alegoria do património*. 4 ed. Lisboa: Edições 70, p.137.

¹⁵Choay, F. (2000). *A alegoria do património*. 4 ed. Lisboa: Edições 70, p.137.

¹⁶Choay, F. (2000). *A alegoria do património*. 4 ed. Lisboa: Edições 70, p.137.

¹⁷Choay, F. (2000). *A alegoria do património*. 4 ed. Lisboa: Edições 70, p.138.

Tal como Camillo Boito em Itália, na Áustria tínhamos Alois Riegl, mais conhecido por dirigir a comissão austríaca dos monumentos históricos e por preparar a nova legislação de Salvaguarda do património.

Françoise Choay esclarece-nos que foi segundo este teórico que é ganha a primeira noção do significado de teoria de valores, tida como base na interpretação da conservação dos monumentos.

Desta análise surgem duas categorias diretamente ligadas aos monumentos:

- Valores memoriais, ligados à memória que temos do passado, e referentes à história e ao valor de antiguidade.

-Valores de contemporaneidade, ligados ao presente e a um novo valor, no que remete para a preferência “...*da coisa nova sobre a coisa velha...*”¹⁸, mas também para o valor de uso, “...critério de distinção entre o monumento histórico e as ruínas, as quais possuem valor de uso, mas apenas valor memorial e histórico.”¹⁹ A definição do tipo de intervenção a que os monumentos estão sujeitos, depende da avaliação dos valores patrimoniais ditados por Riegl.

Na sequência de Camillo Boito, mas também de Alois Riegl, as teorias de restauro moderno sustentadas por ambos são agora continuadas pelo aluno de Boito, Gustavo Giovannoni, que marcou o restauro da primeira metade do século XX, conhecido pelo Restauro Científico.

¹⁸Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.48.

¹⁹Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.48.

“Por restauro científico, entendeu uma nova metodologia de conservação que procurava garantir a sobrevivência da autenticidade dos monumentos enquanto documentos históricos e enquanto obras de arte, recusando a sua renovação de acordo com paradigmas arquitectónicos contemporâneos, por esta afectar drasticamente a salvaguarda desses valores.”²⁰

Dando seguimento à teoria de Ruskin, relativamente à conservação dos monumentos, apoia a manutenção regular dos monumentos e defende ainda que toda a atuação desenvolvida perante um monumento deve seguir um modelo, segundo uma ordem específica, procedendo-se à consolidação, recomposição, depois a remoção de acrescentos, o complemento e, por fim, a inovação.

A reconstrução deveria ser baseada em desenhos e plantas de modo a proceder ao restauro sem as inovações e acrescentos feitos no restauro estilístico característico de Viollet-Le-Duc. Mas, caso seja necessário recorrer a estes acrescentos, os mesmo deveriam, tal como Boito defende, ser identificados e datados, através da utilização de novos materiais que se adaptassem aos originais, sem que nunca afetassem o edifício original.

É também através de Giovannoni que se começa a olhar o património urbano com outros olhos. Ele é pioneiro relativamente à atenção cuidada dada a este aspeto, imprimindo uma importância especial no que diz respeito à salvaguarda do contexto onde se inserem os monumentos.

“As ideias de Boito foram em grande parte incluídas na redação da legislação italiana de protecção do património. Muito mais tarde, influenciaram ainda decisivamente, através de Gustavo Giovannoni, discípulo de Boito, a redação da Carta de Atenas para o restauro, de 1931.”²¹

²⁰Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.50

²¹Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2ed. Porto: FAUP publicações,p.47

Em 1921, no Congresso Internacional de História e de Arte em Paris, manifesta-se a necessidade de estabelecer regras internacionais no que diz respeito à salvaguarda do património.

Mais tarde, em 1930, manifesta-se em Roma, mas foi em 1931, em Atenas, que se viram resultados relativamente ao futuro.

Surge nesta data, a elaboração de um documento, Carta de Atenas, onde pela primeira vez na história da conservação, nasce um documento internacional que estabelece princípios e critérios aplicáveis à conservação do património. Estes princípios iriam estar, mais tarde, na base das legislações nacionais europeias da salvaguarda do Património Arquitetónico.

Nesta carta, são expostas ideias fundamentadas relativas à utilização funcional adequada aos monumentos, o cuidado com os aspetos ligados à envolvente do edifício, a defesa do monumento segundo o interesse coletivo, pois os monumentos pertenciam a todos, a evitação do restauro com base em restituições, a realização de inventários para controlo geral, entre outros aspetos que no geral foram bastante importantes e que, mais do que terem servido como ponto de referência para o conceito de Restauro, impulsionaram estas medidas de modo a serem tomadas por outras nações.

No ano seguinte, Giovannoni transcreve a Carta Italiana de Restauro, com base na Carta de Atenas, acrescentando à valorização do património artístico e histórico, a valorização das ciências e tecnologia, mas também e sem esquecer a grande consideração que tinha pela salvaguarda da envolvente do património.

César Brandi é um dos grandes protagonistas destes novos pensamentos e modos de ver o restauro. Sobrevalorizou, acima de tudo, os aspetos históricos, mas criticava outras teorias, como a de Giovannoni, dando origem a uma nova teoria de conservação – Teoria del Restauro, publicada pelo autor em 1963, na qual prevaleciam algumas importâncias básicas que

surgem pelo sentimento relativo ao valor artístico sobreposto ao valor histórico.

O restauro era visto como uma obra de arte particular de caso para caso, e por isso era imprescindível depositar a máxima atenção para que não se criasse um falso histórico e jamais se apagassem as marcas do tempo.

Após a guerra, muitos monumentos tinham sido destruídos, e por isso era importante analisar se as partes que tinham desaparecido assumiam valor de obra de arte ou não, sempre excluindo que do seu restauro surgisse uma cópia.

Estas ideologias, tanto de Giovannoni como de Cesar Brandi, são bastante levadas a sério pela ICOMOS, e desse modo reformuladas, fazendo surgir a Carta Internacional do Restauro – Carta de Veneza de 1964.

Esta carta vem ampliar a noção de património arquitetónico e assinalar a importância da conservação de áreas e estruturas edificadas.

Deste marco na história, é de salientar alguns pontos importantes como a ampliação do conceito de monumento até ao conjunto urbano, ou seja, envolvimento do espaço adjacente, a importância que os materiais utilizados assumem numa determinada obra de arte, as partes referentes a todas as épocas e a manutenção periódica dos edifícios.

Mais tarde, em 1987, surge a Carta Internacional para salvaguarda da cidade histórica, ou seja, dos núcleos históricos.

2.2 HABITAÇÃO TEMPORÁRIA

“É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num «canto do mundo».”²²

2.2.1 TEMPO E ESPAÇO

A relação entre tempo e espaço, é desde há muito tempo evidentemente importante visto que verificamos a inexistência de um sem o outro, ou seja, tudo o que decorre num período de tempo, ocorre do mesmo modo num determinado espaço, e tudo o que ocorre num espaço, decorre num tempo específico.

Relativamente ao tempo, a nossa percepção, no que a ele diz respeito, guia-se pela experiência que adquirimos. Esta experiência, que é distinta de indivíduo para indivíduo, dá origem à formação de padrões de utilização temporal aplicados de modos diferentes, por serem guiados por díspares modelos culturais e aplicados em espaços distintos.

É neste sentido perceptível que a imensidade de tempo, pelo qual vivemos submersos, modela, controla e influencia tanto a relação que o indivíduo tem com o espaço como condiciona a forma de percepção e o tipo de vivência e permanência no mesmo.

A relação de vivência com o espaço é intensamente abordada pelo autor Marc Augé, no sentido em que ele aborda o espaço vivido como lugar antropológico.

*“Reservaremos o termo de «lugar antropológico» a essa construção concreta e simbólica do espaço...”*²³

²²Bachelard, G. (2003). *A poética do espaço*. 1st ed. Martins Fontes, p200.

²³Auge, M. (1994). *Não-lugares*. 1 ed. Bertrand, p58.

O lugar, tendo como principal característica algo que é praticado, “*identitário, relacional e histórico...*”²⁴, no qual existe o cruzamento dos corpos, experienciando a relação entre os mesmos é descrito segundo Merleau-Ponty, como espaço existencial, na medida em que é caracterizado como sendo um “*lugar de experiência de relação com o mundo por parte de um ser essencialmente situado «em relação com o meio»*”.²⁵

Contudo, o facto de os espaços “vivididos” serem caracterizados como lugares, não significa que todos tenham essa designação.

Estamos perante uma cultura contemporânea caracterizada pela superabundância de diversos fatores que condicionam a relação de afinidade do indivíduo com o espaço e consequentemente a designação do mesmo.

O fator superabundância, quer ao nível de excesso de tempo como também de excesso de espaço pelo qual nos encontramos rodeados, são originados pelo domínio da lei da produtividade, dando origem ao que o autor Marc Augé chama *Sobremodernidade*.

A ocorrência deste novo conceito, conduz particularmente a várias modificações físicas a vários níveis, quer no sentido do deslocamento da população (transportes cada vez mais rápidos), no aumento de aglomerações urbanas e na alteração da falta de relação entre indivíduos e destes com o espaço e tempo, produzindo assim *Não-Lugares*. (*Marc Augé in Não-Lugares*).

“*O não-lugar será então um lugar que não é relacional, não é identitário e não é histórico*”²⁶, incapaz de criar qualquer tipo de relação com o seu utilizador, apenas comunica através de textos ou mensagens, como vemos acontecer nas autoestradas, grandes superfícies comerciais ou até mesmo aeroportos,

²⁴Auge, M. (1994). *Não-lugares*. 1 ed. Bertrand, p83.

²⁵Auge, M. (1994). *Não-lugares*. 1 ed. Bertrand, p86

²⁶Silvano, F. (2010). *Antropologia do Espaço*. 1st ed. Lisboa: Assírio & Alvim, p.96.

onde a circulação é imposta de um modo específico, e o utilizador desse espaço é quase comandado por *placards* ou letreiros com toda a informação necessária de como o utilizar durante o período de tempo em que se irá deslocar. Transformam-se em meras passagens definidas por Marc Augé como não-lugar.

Neste sentido, entendemos que quer ao nível da evolução social e técnica mas também ao nível dos modos de vida, “...os não-lugares acolhem um número cada vez maior de indivíduos”²⁷ e o número de lugares transformados em não-lugares também aumenta de dia para dia. Numa visão geral da abordagem que distingue uns de outros permite-nos tomar conhecimento das transformações que originam que a cidade antiga dê lugar a uma nova cidade.

2.2.2 A HABITAÇÃO TEMPORÁRIA

Um dos aspetos mais elementares no que diz respeito à vida do homem é a necessidade do mesmo em habitar, como manifestação do ser em relação com o espaço propriamente dito.

As formas de habitar são impostas a qualquer indivíduo através da Casa, que desde as suas primeiras manifestações, têm vindo a evoluir.

Mas como sabemos, as primeiras características da ação do homem em habitar, são delineadas pela necessidade do mesmo em proteger-se contra determinados fatores (intempéries, ameaças dos inimigos e animais selvagens), reforçando a criação de um abrigo para se proteger.

²⁷Auge, M. (1994). *Não-lugares*. 1 ed. Bertrand, p.116.

A Casa assume portanto, e desde sempre um espaço de domínio privado e limitado.

A casa, ao acompanhar a evolução, passou a ganhar outras características mais sérias, passando a ser conhecida como “...o nosso canto no mundo”²⁸, à qual associamos, tal como faz Bachelard, a ideia de ninho “...como imagem de repouso, de tranquilidade...”²⁹ onde depositamos as nossas características pessoais até a levar à perfeição. Ela é referência ao maior poder de integração, para os nossos pensamentos, para as lembranças e para os sonhos e assume um papel tão importante que é dela que o homem sai e é a ela que regressa sempre.

Ainda que desta perspetiva, a habitação ganhe este valor de proteção incondicional e de propriedade individual, tais características não acompanham a evolução ao longo do tempo.

Os espaços habitacionais, que evoluem a nível construtivo, perdem a sua característica tão própria e acompanham os acontecimentos exteriores (referentes à sobremodernidade), dando origem a novas formas de habitar, novos espaços e novas tipologias.

Estas novas tipologias, que são características de um período a que Marc Augé dá o nome de sobremodernidade, são uma resposta à cultura moderna que se faz sentir, à evolução demasiado rápida, à instabilidade a nível profissional que obriga que a casa passe a ser-nos um lugar indiferente como outros que o autor refere, como as superfícies comerciais às quais nos deslocamos por necessidade e nunca com afinidade, um não-lugar.

²⁸Bachelard, G. (2003). *A poética do espaço*. 1st ed. Martins Fontes, p.200.

²⁹Bachelard, G. (2003). *A poética do espaço*. 1st ed. Martins Fontes, p.110.

O tempo de permanência é reduzido, regressamos ao nomadismo, só “recolhemos à Casa”, à noite, por não termos outro sítio onde ir, porque precisamos de dormir e conseqüentemente de nos deslocar àquele local.

A noção de casa para a vida desaparece, tal como a habitação fixa, e vive-se permanentemente a mudar de não-lugar em não-lugar, a apropriação não acontece na sua plenitude, e a Casa ganha conhecimento por ser um espaço de passagem na qual o tempo de permanência se intitula temporário e, nesse seguimento, estes espaços que nunca pertencem na totalidade a quem os habita geram um novo paradigma de habitar.

2.3 CUSTOMIZAÇÃO

2.3.1 CUSTOMIZAÇÃO APLICADA EM DESIGN DE MODA

A palavra customizar significa personalizar, adaptando produtos, configurações ou processos, de acordo com a preferência ou gosto de um determinado utilizador.

Customização em massa é um termo popularizado pelo autor B. Joseph Pine II, na década de 1990, e cujo significado é marcado pelo objetivo de oferecer aos consumidores/utilizadores a possibilidade de satisfazer as necessidades pessoais, sendo isso possível desde uma simples adaptação até à personalização total.

A customização em massa, tendo como principal importância o utilizador, diz respeito, como o próprio nome indica, à realização deste ato de um modo massificado para que o valor de custo possa ser muito próximo de tudo o que é produzido de um modo *standard*.

A aplicação deste novo conceito é principalmente visível no design de moda e acessórios.

As roupas e os acessórios estão relacionados não só com valores funcionais, referentes ao conforto e proteção, mas também com valores estéticos, culturais e sociais, sendo deste modo uma forma de expressão ao nível da identidade pessoal. Muitas vezes, as necessidades e o gosto pessoal não são satisfeitos por parte da oferta que se encontra acessível, no entanto, e como resposta a este problema, diversas marcas, para assinalar a diferença, inovam possibilitando a customização aos utilizadores/consumidores.

De acordo com o autor James H. Gilmore e Pine II, esta necessidade focada no utilizador, pode ser posta em prática através de quatro estratégias distintas: colaborativa, adaptativa, cosmética e transparente.

Relativamente à *colaborativa*, esta é característica de um tipo de customização na qual o cliente intervém durante a fase de projeto ou fabricação, ou seja, é possível que o mesmo possa escolher certos detalhes

da peça final, como, por exemplo, tipos de botões, punhos, golas e mangas. Para este processo, é necessário que as diferentes partes que a compõem sejam pensadas e desenhadas de forma a adaptarem-se a qualquer transformação pedida e escolhida pelo utilizador.

Um bom exemplo deste tipo de customização é uma das marcas pioneiras que nesta área, a LEVI'S (figura 2,3). A empresa desenvolveu uma opção online que possibilita ao cliente a aplicação, transformação e produção de jeans de acordo com as suas necessidades e preferências pessoais.

Contudo, este tipo de conceito está cada vez mais integrado no marketing das empresas, na medida em que se torna um privilégio ser-se portador desta opção que familiariza a marca e o utilizador.

Também a Nike possibilita a hipótese de intervir e escolher na fase de produção, as cores nas diversas partes que compõem os ténis, assim como materiais e acabamentos (figura 1).

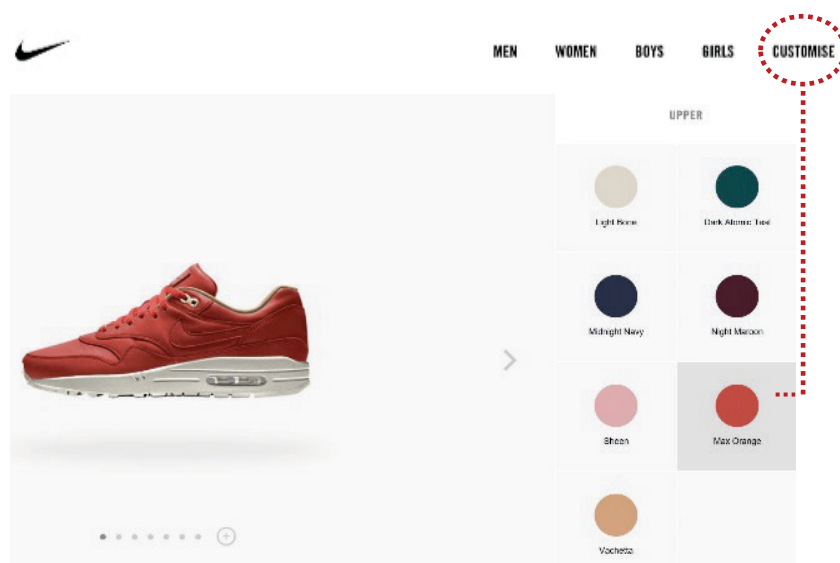
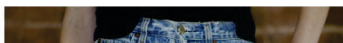


Figura 1 – Ferramenta de customização de ténis Nike

1. ESCOLHE O COMPRIMENTO



2. MARK YOUR LINE



3. FAZ O CORTE



4. DESFIA ATÉ À PERFEIÇÃO



Figura 2 – passos para a customização de calções LEVI'S

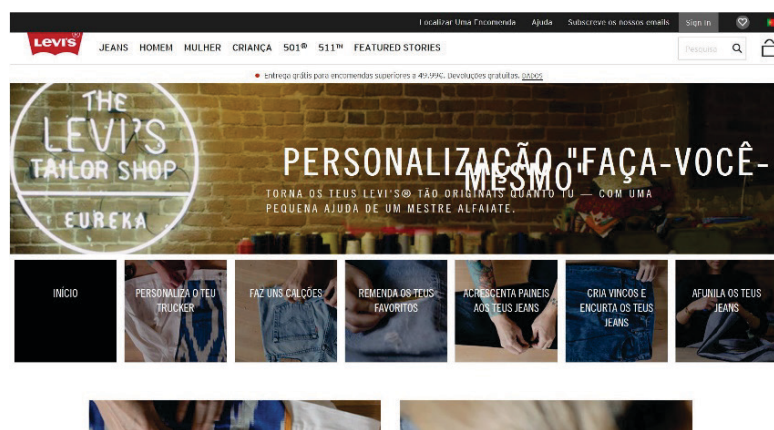


Figura 3 – Ambiente do website da LEVI'S para as diversas opções de customização

A customização *adaptativa* é, como o próprio nome indica, característica de um processo de adaptabilidade, proporcionando um número amplo de possibilidades ao nível dos usos.

Neste caso, o design do produto é realizado para que dê origem a algo adaptável, sendo a peça pensada na fase de projeto para esse fim, suscitando assim ao utilizador a função de operar sobre configurações possíveis, ampliando as possibilidades de uso, e dessa forma adaptando-o da melhor forma a situações, ambientes e estações do ano distintas.

É maioritariamente conhecida pelo vestuário transformável, no qual os fechos *éclair* e as molas funcionam como dispositivos que permitem não só adição como a subtração dos componentes, dando origem a um processo de metamorfose composto pela transformação e conversão da peça.

Como exemplo deste modelo de customização, temos como referência algumas peças como, por exemplo, casacos que podem ser convertidos em coletes ou calças em calções, concluindo que a personalização neste campo não é adequada às preferências do utilizador mas sim às ocasiões em que o mesmo se encontra, sendo por isso caracterizada como flexível.

A customização **cosmética**, é mais focada numa fase final, ou seja, de acabamento e por isso o tipo de possibilidade de intervenção por parte do utilizador é mais superficial.

A marca Louis Vuitton caracteriza bastante bem este tipo de customização na medida em que possibilita que as malas fabricadas possam ter um acabamento com um toque pessoal e individual. Neste sentido, é possível a aplicação de monogramas com diversas cores alterando o aspeto das mesmas (figura 4).

Entendemos que este tipo de intervenção se dá exclusivamente numa fase em que o produto já se encontra produzido, ou seja, após o desenho e fabricação.

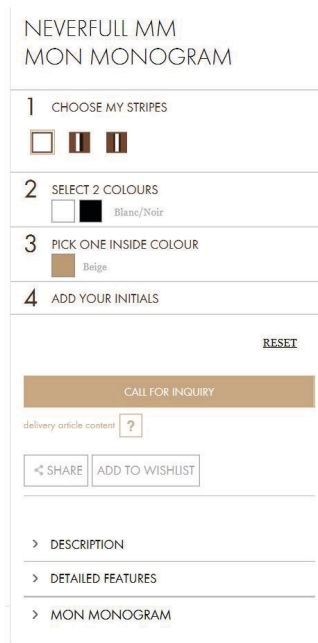
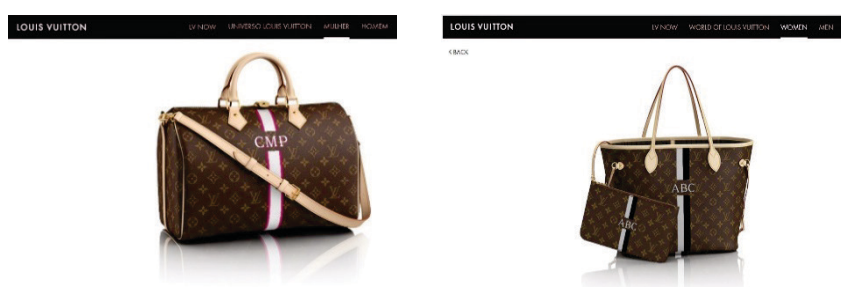


Figura 4 – ferramenta de customização de bolsas Louis Vuitton – customização cosmética

Já no caso da customização **transparente**, esta é a que implica menor envolvimento por parte do utilizador. É um processo de personalização que apresenta produtos únicos, mas no qual o utilizador desconhece que os mesmos foram explicitamente customizados para eles.

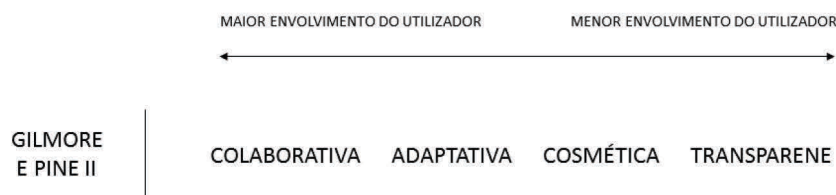


Figura 5 – Esquema explicativo das quatro estratégias de customizar segundo Gilmore e Pine II

2.3.2 CUSTOMIZAÇÃO APLICADA EM ARQUITETURA

No seguimento do tema anterior, e por consequência da dificuldade no encontro de referências e de informação relativamente a este item, é suscetível a relação direta entre a aplicação deste conceito no design bem como na arquitetura.

Ao encontro da questão anteriormente levantada relativa à habitação temporária, o grau de apropriação dos espaços não acontece na sua plenitude, são apenas espaços de passagem, não pertencem a quem os habita e por isso são considerados não-lugares, porque a relação com estes é inexistente. Na maioria dos casos é causada pelo tempo de permanência, mas também pelo facto de as habitações disponíveis para este tipo de permanência não oferecerem ao utilizador a capacidade para tal.

É neste sentido imprescindível proceder a algo que contrarie esta criação, cada vez mais frequente de não-lugares, partindo do princípio que a customização dos mesmos terá o poder de acabar com esta ocorrência.

É importante que a tónica incida sobre as necessidades, exigências, inquietações e desejos do utilizador. É na casa que o homem deposita as suas lembranças, os seus sonhos, a sua alma, moldando-a, formando-a e alterando-a de acordo com o seu “eu”, é nela que o homem vê refletidos a sua satisfação pessoal, o seu conforto e, assim sendo, todos estes fatores que fomentam a verdadeira forma de habitar traçam o rumo de todo o processo de alteração dos não-lugares tendo como estratégica a customização.

Com base nesta reflexão, uma das principais conclusões relativas ao tema customização aplicada ao design de moda, foca-se nas quatro principais estratégias enunciadas anteriormente: colaborativa, adaptativa, cosmética e transparente, e que do mesmo modo que são aplicadas ao design também poderão ser na arquitetura, independentemente de serem atualmente, pouco exploradas nesta área.

Relativamente à customização *colaborativa*, tal como no design, esta ocorre durante a fase de projeto e produção, podendo o utilizador estar diretamente em contacto com o arquiteto e fazendo as suas escolhas através da colaboração com o mesmo durante a fase projetual e deste modo adequar o espaço a si.

Já na customização *adaptativa*, o envolvimento do sujeito como utilizador é maior. Este modelo de customização no design funciona muito por módulos, “mexe” com as partes constituintes da peça de vestuário, e no caso da arquitetura interage com o projeto já desenvolvido, ou seja, o espaço projetado já foi previamente pensado tendo em conta as diversas possibilidades de uso e de modificação que um utilizador pode querer fazer, sendo por isso considerado um espaço adaptável ao usufruto, e daí o nome customização adaptativa.

No caso da customização *cosmética*, a interação deste modelo de customização com a arquitetura é mais superficial na medida em que é principalmente marcado na fase de acabamento, ou seja, o modo como um utilizador tem de acrescentar “um pouco de si”, é através de pequenos detalhes ou pormenores no ramo dos acabamentos e que competem à arquitetura de interiores. Estes detalhes funcionam, tal como no exemplo da mala da marca Louis Vuitton, como um acabamento pessoalmente personalizado de acordo com o utilizador.

Por fim, a customização *transparente*, que o é no sentido de o utilizador não se dar conta deste tipo de intervenção. Ou seja, um determinado espaço habitacional poderá ser customizado sem que o utilizar se dê conta que o mesmo foi moldado para si. Vejamos o seguinte exemplo, um apartamento habitacional temporário, que poderá tanto alojar uma pessoa singular como um conjunto de quatro pessoas, certos detalhes, como o número de camas, podem ser moldados consoante o número de pessoas a requisitar o apartamento. Se foi apenas uma pessoa, só permanece uma casa, mas se forem mais são acrescentadas mais. Este é um processo que decorre e do qual o utilizador não se apercebe.

O apartamento foi customizado no sentido em que o número de camas existentes foi guiado, e com base no utilizador, que neste caso permanecia sozinho.

Estes tipos de estratégias possibilitam que na arquitetura exista um novo olhar, uma nova atenção que muito raramente é tida em conta.

Torna-se possível que o utilizador passe a “sentir” um espaço como seu, que com esta estratégia o espaço de cada um possa ficar mais pessoal e mais “casa”, eliminando a impessoalidade habitacional e assim atribuir maior identidade individual e a criação de uma atmosfera, característica de uma poética espacial, constituída por lembranças, sonhos e pela sua alma.

3 | INTERVENÇÃO NO ANTIGO CONVENTO
DAS CARMELITAS E NO EDIFÍCIO DAS
RESIDÊNCIAS, MANUTENÇÃO MILITAR
LISBOA

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA

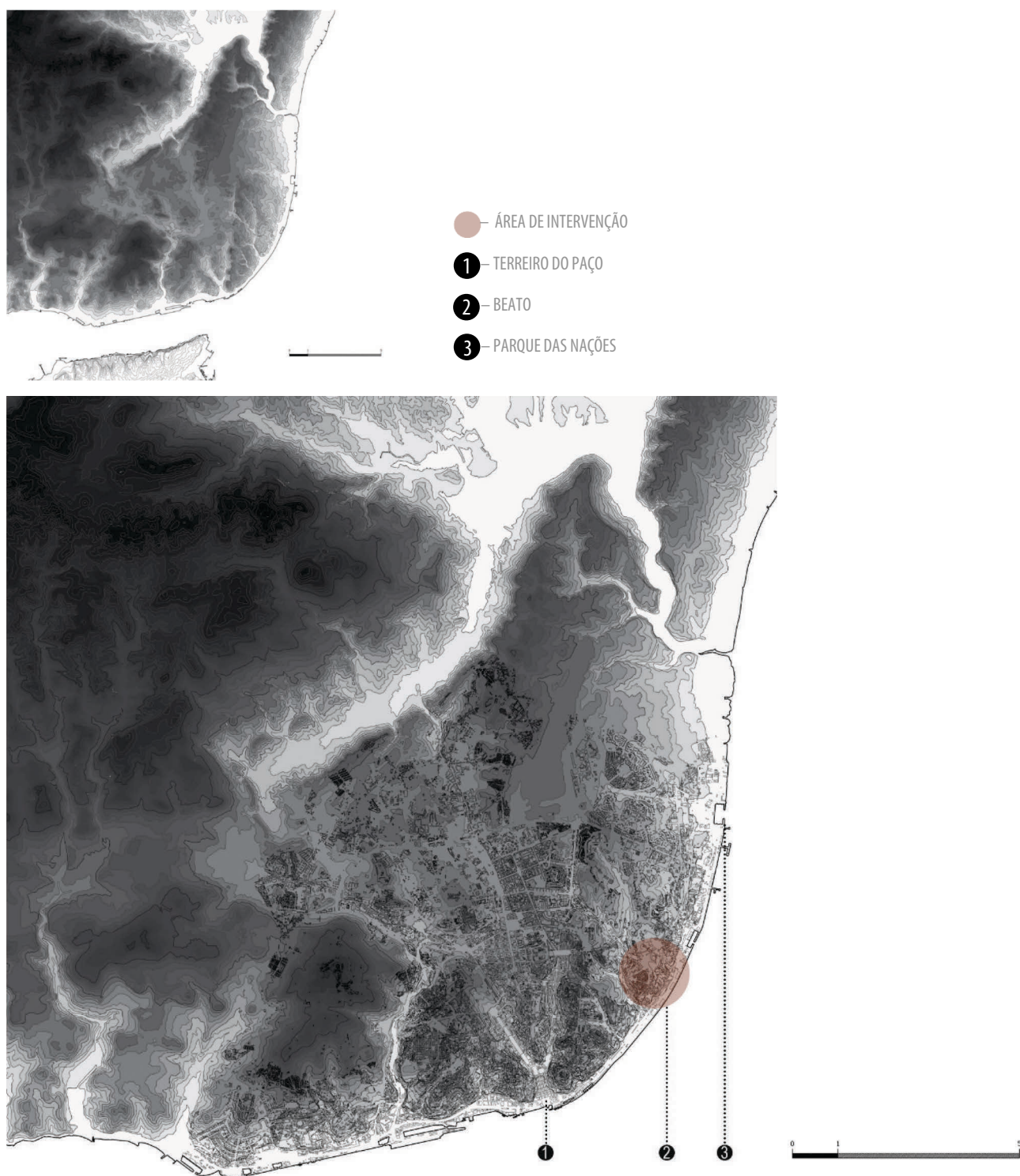


Figura 6 – Mapa de Lisboa, área de intervenção e proximidades

- MUSEU NACIONAL DO AZULEJO ①
- CONVENTO S. FRANCISCO DE XABREGAS ②
- CONVENTO DO GRILLO ③
- CONVENTO DAS GRILAS ④
- CONVENTO DO BEATO ⑤
- IGREJA DE SANTO AGOSTINHA A MARVILA ⑥
- ÁREA DE INTERVENÇÃO
- LINHA FÉRREA
- EDIFICADO
- CONVENTOS
- VIAS PRINCIPAIS



Figura 7 – Conventos principais e área de intervenção

- MAPA 2017
- LINHA NÍVEL ÁGUA 2017
- LINHA NÍVEL ÁGUA 1856
- MAPA FILIPE FOLQUE 1856
- LINHA NÍVEL ÁGUA 1911
- MAPA SILVA PINTO 1911

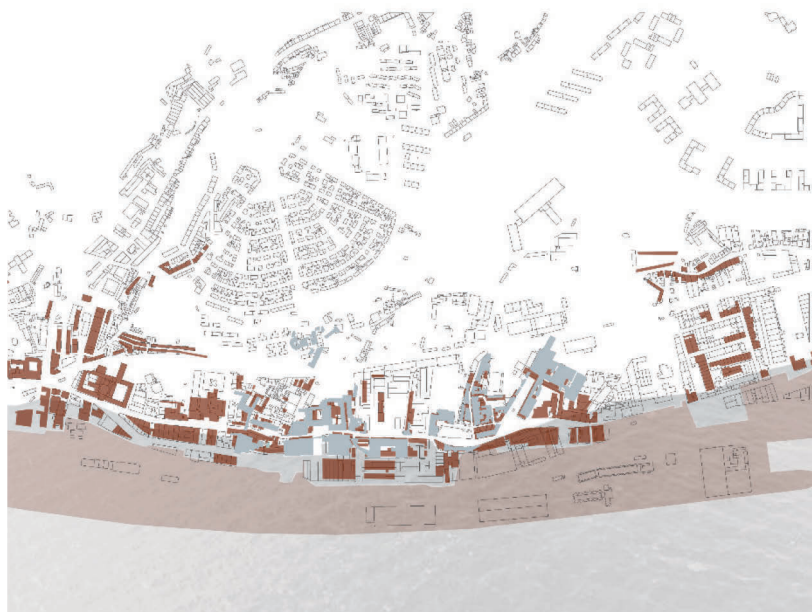


Figura 8 – Mapa de evolução territorial

O Beato, pertencente à zona oriental do distrito de Lisboa, é uma freguesia cuja sua origem remonta à Paróquia de S. Bartolomeu - segunda metade do século XVIII.

A sua localização face à proximidade com o Rio Tejo, foi sem duvida um dos fatores mais decisivos no que diz respeito à estratégia de industrialização do Beato, sendo deste modo, o local escolhido pelo Engenheiro militar Joaquim Renato Batista para implantação da Manutenção Militar de Lisboa.

Compreendida numa área de 80 mil metros quadrados, a Manutenção Militar surge como resposta e tendo como base a necessidade de alimentar o exército português. A sua grande extensão, composta por fábricas e serviços na forma de circuito fechado, faz com que a mesma tenha sido denominada como uma cidade dentro da cidade e atualmente como “cidade-fantasma”.

O Beato, encontra-se praticamente isolado da grande cidade e do grande movimento da capital ainda que visível a sua grande proximidade. Tendo em conta a imediação com tantos pontos de interesse desta capital, também a freguesia tem a seu favor várias oportunidades, como é o caso do Rio Tejo e da frente ribeirinha, bem como do grande complexo que é a Manutenção Militar (figura 9 e 10).



Figura 9 – Localização do Beato em Portugal

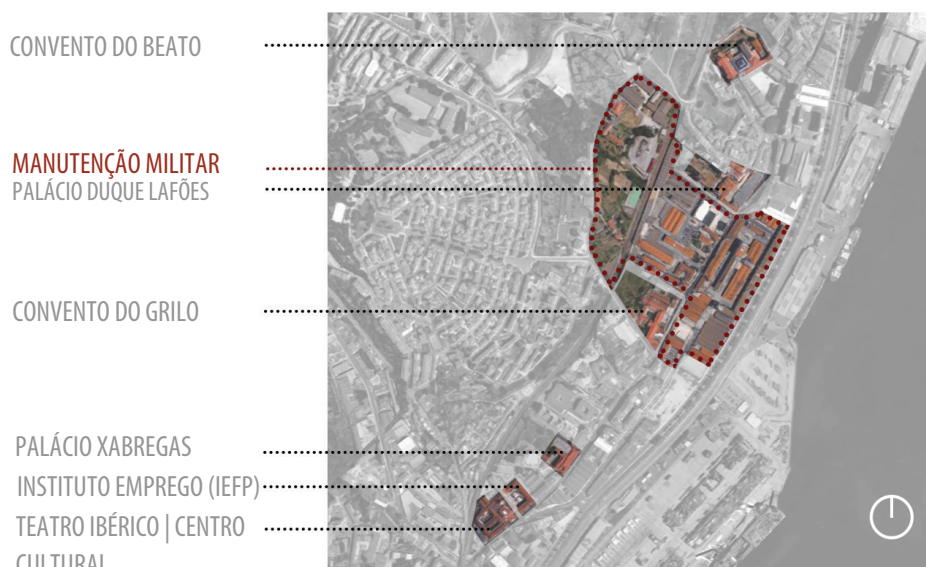


Figura 10 – Pontos de interesse na freguesia do Beato

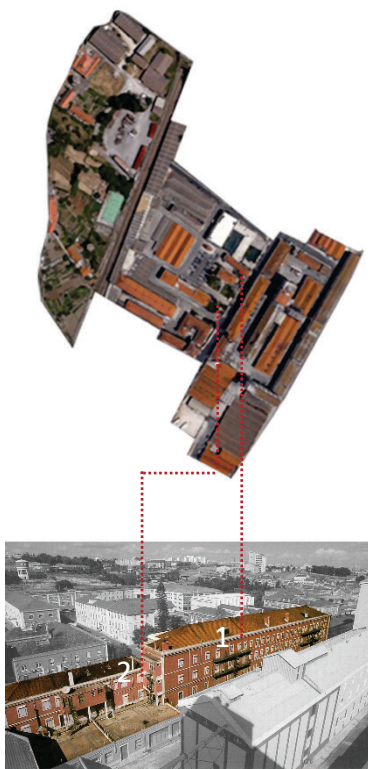


Figura 11- localização dos edifícios da Manutenção Militar a que se propõe intervir.

O conjunto de edifícios que a compõem, cada um com uma função específica, tem em grande destaque o Convento das Grilas, Carmelitas ou Nossa Senhora da Conceição. Adjacente à rua principal do Beato, Rua do Grilo, é juntamente com o edifício das residências, a Oeste do Convento, os dois edifícios a que se propõe a proposta de intervenção (figura 11).

O Convento, é um edifício cuja data de construção remete para os anos 1663 - 1665 pelo Arquitecto João Nuno Tinoco e fundado pela Rainha D. Luísa de Gusmão. Esteve diretamente ligado à fundação do Convento De Nossa Senhora da Conceição do Monte Olivete, visto que D. Luísa de Gusmão concretizou a sua vontade no que diz respeito à fundação de dois Conventos, um para cada género. Localizavam-se em duas quintas muito próximas, uma denominada por Quinta Francisco de melo (Marquês de Sande e Conde Da Ponte) e onde foi implementado o Convento das Grilas, localizando-se de forma original e privilegiada na zona oriental da cidade, junto ao rio e a umas das principais vias de saída de Lisboa em direção a nascente.

A data de 1850, foi marcante para o Convento devido ao facto de passar a existir o primeiro troço de caminho-de-ferro construído em Portugal e que ligava Lisboa ao Carregado.

Em 1886, e após o falecimento da última religiosa do Convento, o Estado põe em curso um processo para a tomada de posse do mesmo. Antes da sua supressão, foi atribuída à Associação de Santa Maria Magdalena parte do edifício onde se poderia estabelecer um futuro colégio.

Mas, em 1887, o piso térreo do edifício foi cedido para fins de armazenamento de material de guerra, sendo só no ano seguinte cedido na sua totalidade ao Ministério da Guerra. Uma vez tomada a posse do edifício e dos bens, instala-se o projeto de implantação da Manutenção Militar no Convento, que vinha substituir a Padaria Militar (inaugurada em 1862) por motivos de insuficiência de espaço. Mas só em 1889 é que é oficial a cedência do mesmo.

O edifício das residências (número 1 na figura 11), sobre o qual a informação relativamente à data de construção e história é desconhecida,

sabendo-se apenas que o mesmo foi construído com o intuito de alojar as famílias dos militares que ali permaneciam, sendo por isso conhecido entre os militares como o edifício das Residências.



Figura 12– Convento das Grilas



Figura 13– Convento das Grilas



Figura 14 – Convento das Grilas



Figura 15 – Convento das Grilas

3.2 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O complexo da Manutenção Militar é localizado na freguesia do Beato, junto à zona ribeirinha e atravessado pela Rua do Grilo, que a separa em duas alas distintas, a ala Sul e a ala Norte (figura 16).

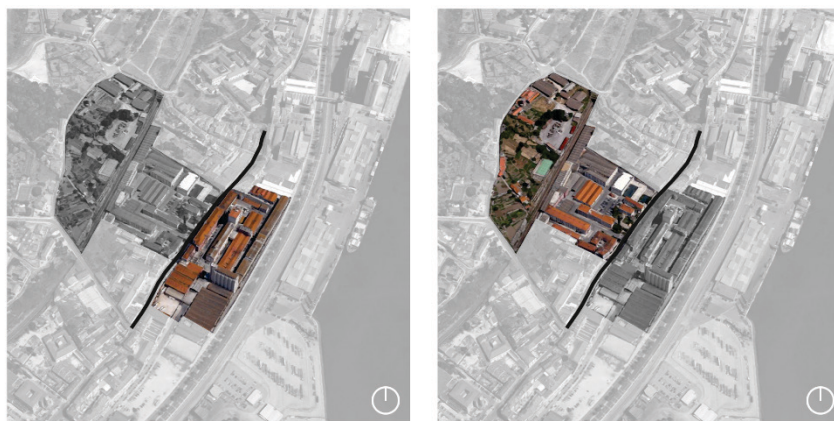


Figura 16 – separação da Manutenção Militar em duas alas, feita pela rua do Grilo

O conceito que este espaço militar praticava encontra-se nos dias de hoje inativo, fazendo com que a mesma se encontre praticamente abandonada.

Composta por um enorme conjunto de edifícios, cada um tinha a sua função e programa formando desse modo uma cidade. Na ala Norte, localizavam-se as escolas, adjacentes ao cinema/teatro, à biblioteca e refeitório. Haviam campos de jogos e era também aqui que se localizavam os espaços administrativos, a direção e o centro de saúde.

Já na ala Sul, o cenário era bastante distinto, pois era aqui que se localizavam as fábricas de produção alimentar (bolachas, pão, farinha, bolos secos, fritos/pastelaria), bem como os supermercados e correspondentes armazéns. A Habitação era feita em maioria nesta ala.

Posto isto, e juntamente com a análise na base de visitas de estudo e recolha de dados relativamente à Manutenção Militar e à freguesia do Beato, entende-se que o espaço em estudo é de urgente intervenção. O espaço referente à Manutenção Militar está desativo, ao nível da habitação, e as casas na freguesia encontram-se maioritariamente desocupadas e em

muitos casos devolutas. No que diz respeito ao comércio, o mesmo é reduzido, algum fechado, outros sem clientes. Os serviços são praticamente inexistentes, bem como os espaços de restauração. Concluimos que a problemática principal não se foca apenas na área da Manutenção Militar, mas também da zona adjacente à mesma, sendo esta conclusão baseada nos dados apresentados na figura 17, realizados através da visita ao local e levantamento para realização de esquema informativo e quantitativo dos espaços que compõem a freguesia do Beato (figura 17).

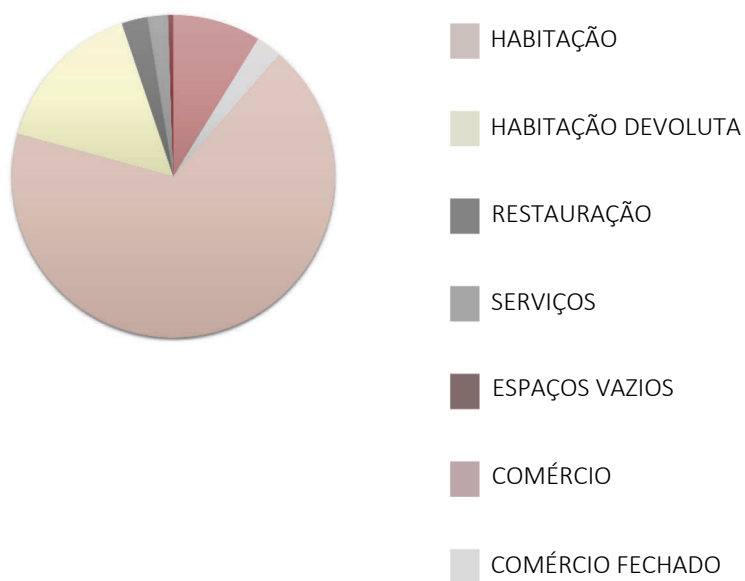


Figura 17 – Gráfico circular, realizado com base em levantamento feito em visita de estudo à freguesia do Beato

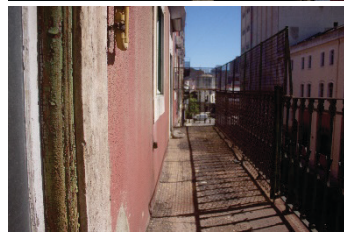
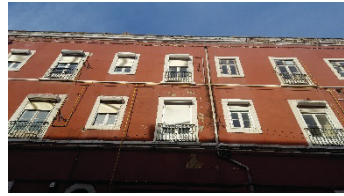
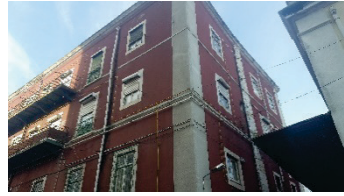


Figura 18 – Edifício do Antigo Convento das Grilas ou Carmelitas

3.3 CONVENTO DAS GRILAS

O Edifício do Convento, também conhecido como o edifício do Relógio é constituído por um único volume e repartido em 3 pisos, sendo que existe ainda um piso de cave semienterrado, acessível tanto pelo interior ou pelo exterior da extremidade direita do edifício.

Relativamente ao seu desenho e forma, resulta um edifício praticamente simétrico, de organização simples, geralmente feita através de um corredor central. Devido ao facto da sua implantação ter sido feita num terreno de ligeira pendente no sentido Noroeste-Sudeste, o acesso ao edifício tanto pelas duas entradas principais como pelas secundárias é feito em cotas diferentes. A fachada principal (a Norte), é composta por 3 entradas distintas, a central que é a principal e duas nas extremidades que são secundárias. Pela entrada principal é possível aceder ao piso 0 e pelas entradas secundárias é possível aceder aos pisos superiores através de um núcleo de circulação vertical – escadaria. Na fachada Sul, também é possível aceder ao piso 0, mas tal como na entrada principal a Norte não conseguimos aceder aos pisos superiores. Na fachada Este é apenas possível aceder à cave e na fachada Oeste acedemos a um núcleo de distribuição vertical comum entre este edifício e o adjacente ao mesmo, dando acesso a mais uma entrada secundária (figura 19).

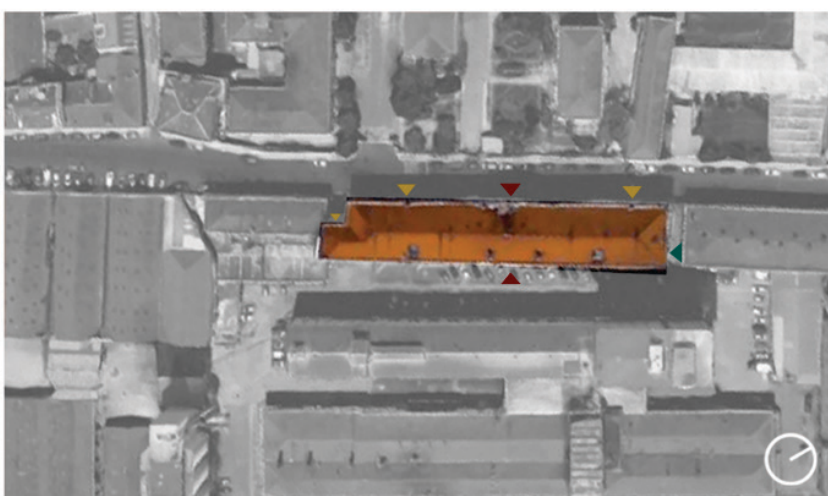
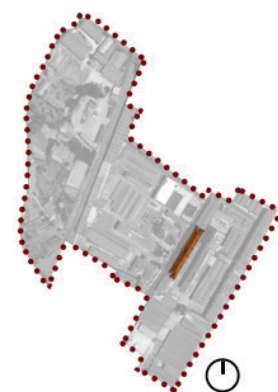


Figura 19 – vista aérea do edifício do antigo Convento – a interviri



- ▼ ENTRADA PRINCIPAL
- ▼ ENTRADA SECUNDÁRIA
- ▼ ENTRADA PARA A CAVE

Ao nível das fachadas, as mesmas são demarcadas por um ritmo quase contante entre janelas e janelas de sacada, sempre de duas folhas de abrir encimadas por uma bandeira basculante marcadas por um aro fixo de cor verde e o móvel de cor branca, sendo que no caso das de sacada há uma simples guarda no exterior.

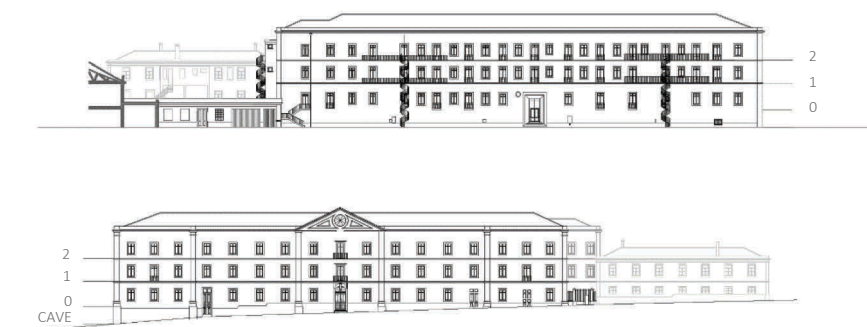


Figura 20 – alçados do Convento (Existente)

Ao nível da organização interior, atualmente verificamos que nos vários compartimentos do piso 0, deparamo-nos com dois núcleos museológicos adjacentes ao atrium principal do edifício, algumas zonas administrativas, instalações sanitárias, espaços para arrumos e alguns compartimentos desocupados. Ainda neste piso é possível acender aos pisos superiores, embora os dois únicos sítios através dos quais o podemos fazer se encontrem isolados e por isso, o acesso aos mesmos não se faz pelo interior deste mesmo piso, mas apenas pelo exterior.

Destinando-se o edifício do Antigo Convento a espaços de habitação para os familiares dos militares, verificamos que a organização interior foca nesse programa e por isso nos restantes pisos, como referido anteriormente, os dois núcleos de escadas nas extremidades originam 2 alas diferentes do edifício, a esquerda e a direita.

Cada uma dessas alas é composta tanto no piso 1 como no 2 por um conjunto de apartamentos que são organizados em Esquerdo, Frente e Direito (figura 21). O núcleo de escadas que liga o edifício do Convento ao adjacente ao mesmo, acessa um apartamento em cada piso.



Figura 21 – organização dos apartamentos existentes – Esquerdo, frente e direito

■ ESQUERDO

■ FRENTE

■ DIREITO

Nos núcleos de escadas verificamos que de meio em meio piso e no patim de descanso existe junto às janelas de sacada um pequeno nicho composto por uma escada de estrutura de maneira que acessa as varandas exteriores que encontramos na fachada Sul.



Figura 22 – parede exterior



Figura 23 – cantarias exteriores



Figura 24 – paredes interiores

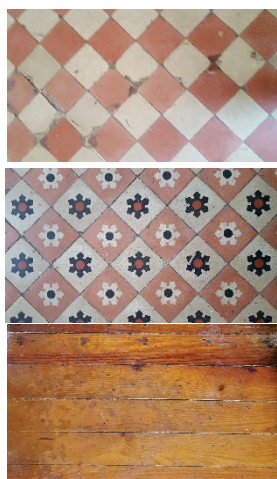


Figura 25 – pavimentos – mosaico hidráulico e madeira tipo casquinha

3.3.1 CARACTERIZAÇÃO CONSTRUTIVA DO EDIFÍCIO DO ANTIGO CONVENTO DAS CARMELITAS

Relativamente à descrição textual da caracterização construtiva, o presente edifício é composto por **fundações** construídas em alvenaria de pedra com argamassas de areia e cal, no qual observamos nesse seguimento que a largura das fundações das paredes anterior e posterior são mais largas do que as paredes de empena. É de frisar que, ainda que a informação não conste do projeto, estima-se que o mesmo seja um caso de fundação tipo contínua.

No que diz respeito às **paredes exteriores**, as mesmas são em alvenaria de pedra e argamassa de cal e areia. Verificamos ainda uma variante nas espessuras destas paredes. As paredes anterior e posterior são, geralmente, as mais largas do edifício, mas a da fachada tem maior espessura do que a do tardo.

Numa leitura vertical, é também frequente que as espessuras variem, não só por questões económicas mas também para existir uma redução do peso próprio das paredes, sendo esta característica construtiva vantajosa no que remete para o aproveitamento dos ressaltos para apoio dos pavimentos, além de que possibilita o aumento das áreas úteis dos mesmos.

Visto serem as paredes anterior e posterior as mais largas, as paredes de empena são visivelmente mais finas e na leitura vertical não variam em dimensão relativamente à espessura.

O sistema construtivo das **paredes interiores** não é o gaioleiro comum.

Como mencionado anteriormente, as paredes exteriores são sempre estruturais em alvenaria de pedra, assim como uma parede interior que atravessa todo o edifício e que, sendo também estrutural, permite que o vigeamento em madeira dos pavimentos seja nela apoiado. No caso da compartimentação interior, aqui sim, como no gaioleiro, é feita em paredes de tabique.

Os **pavimentos** do edifício são, nos pisos superiores, em estrutura de madeira apoiados nas paredes portantes. Nas zonas secas são

revestidos a soalho, e nas zonas húmidas a mosaico hidráulico ou cerâmico.

Com base nos desenhos de projeto, estima-se que as vigas de madeira sejam apoiadas nos frechais, dispostos nos socalcos das paredes portantes que vão reduzindo a sua espessura em altura. O soalho existente é em madeira tipo casquinha e assenta diretamente sobre o vigamento, inibindo a utilização de sarrafos e tarugos para o travamento desta estrutura. Do lado anterior, o revestimento da estrutura é feito em fasquiado, aplicado diretamente, sobre o qual é aplicado o estuque do teto.

Por fim, e relativamente à **cobertura**, esta é composta por uma estrutura em madeira de pinho e o seu revestimento é em Telha de Marselha sem adição de forro e/ou isolamento. Podemos concluir que o edifício apresenta diversos aspetos que o caracterizam em bom estado de conservação e através da racionalidade com que a sua planta foi desenhada, permite que o espaço, do ponto de vista geral, seja adaptável a uma redefinição ao nível programático sem que seja necessário quebrar com a identidade do mesmo.

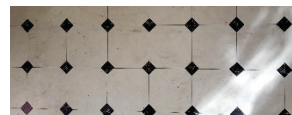


Figura 26 – pavimento - mosaico hidráulico

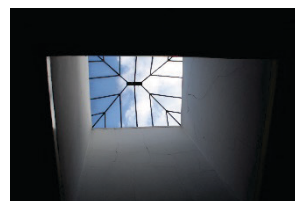


Figura 27 – claraboia no núcleo de escadas

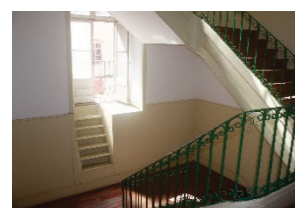


Figura 28 – núcleo de escadas

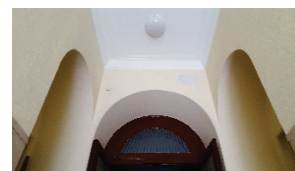


Figura 29 – interior do edifício



Figura 30 – Edifício das Residências

3.4 EDIFÍCIO DAS RESIDÊNCIAS

O edifício das residências e também ele constituído por um único volume, é dividido em 2 pisos, o piso térreo e o piso 1. Ao nível do desenho e forma, é muito semelhante ao edifício do antigo Convento, provavelmente por ter sido construído posteriormente e ser suposto gerar uma continuidade entre ambos, e daí o ter tido como base no que diz respeito à organização funcional através da distribuição horizontal que atravessa o edifício na longitudinal.

A sua implantação foi feita num terreno de elevada pendente, e por isso verificamos que o piso 0 se encontra parcialmente enterrado a Norte e por isso não possui acesso ao interior por esta fachada.

Posto isto, deparamo-nos com a existência de duas entradas principais, a Este e a Oeste. A Este através de um pequeno pátio existente e que apenas permite o acesso ao piso 0, onde é perceptível a união entre os dois edifícios (figura 31).



Figura 31 – vista aérea do edifício das residências – a intervir

Pelo facto de o edifício ter sido desenvolvido para os militares com cargos e posto maior importância e no topo da hierarquia, sabe-se que a entrada a Oeste era uma entrada mais nobre, por onde entravam as visitas e nesse seguimento dava acesso a um núcleo central com ligação direta a uma sala de estar.



É também através deste núcleo central, composto por uma escadaria com estrutura de madeira que se assede ao piso superior, único acesso vertical existente no edifício.

Ao nível das fachadas, a Norte, verificamos um ritmo regular ao nível dos vãos, composto no primeiro piso por janelas de duas folhas de abrir encimadas por bandeira basculante e no piso 0 janelas de dimensão menor justificado pelo facto de o piso se encontrar semienterrado, contrariamente ao visível na fachada Sul.

Na fachada Sul, verificamos a existência de uma maior variedade de vãos, justificado devido à existência de uma marquise. Esta, dá acesso do piso 1 ao terraço de um edifício adjacente ao edifício em questão através de umas escadas de estrutura metálica.

Com base em levantamentos antigos, apuramos que o edifício era dividido em 3 apartamentos de menor dimensão (dois no piso 0 e um no piso 1) e outro duplex que ocupa mais de metade do comprimento total do edifício, todos equipados com instalações sanitárias e cozinha. Muito embora, em visita ao local verificamos que o piso superior já não se encontra desta forma dividido e por isso é possível o atravessamento de uma ponta a outra, embora reduzindo o número de apartamentos, que com esta alteração passa para 3 (figura 32 e 33).

- APARTAMENTO 1
- APARTAMENTO 2
- APARTAMENTO DUPLEX
- APARTAMENTO 3

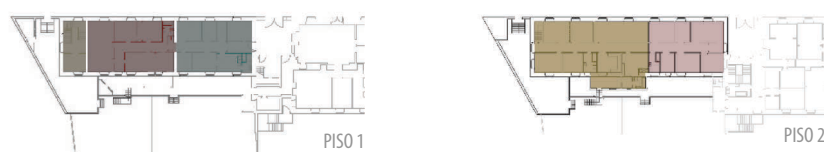


Figura 32 – divisão do edifício em 4 apartamentos – informação de plantas existentes

- APARTAMENTO 1
- APARTAMENTO 2
- APARTAMENTO DUPLEX

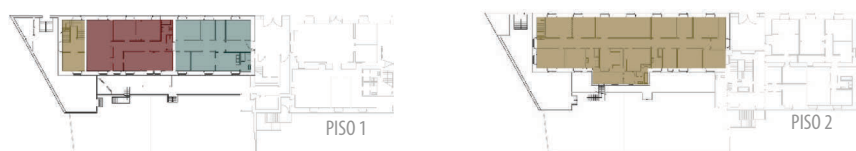


Figura 33 – divisão do edifício em 3 apartamentos – informação atual, segundo levantamento no local

De referir que, no apartamento duplex verificamos a substituição das caixilharias dos vãos orientados a Sudeste, possivelmente por ter sido o último a ser desocupado.

Como referido anteriormente, só existe um núcleo de distribuição vertical e o mesmo encontra-se localizado no apartamento maior, o que implica que os restantes tenham que ser acedidos pelo pátio existente entre este edifício e o edifício do antigo Convento.



Figura 34 – paredes exteriores do edifício



Figura 35 – pavimentos – mosaico hidráulico

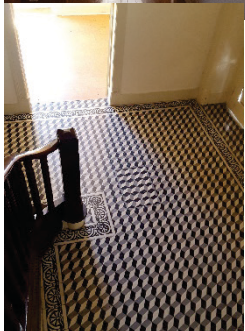


Figura 36 – interiores do edifício

3.4.1 CARACTERIZAÇÃO CONSTRUTIVA DO EDIFÍCIO DAS RESIDÊNCIAS

No que diz respeito à descrição textual da caracterização construtiva, o edifício das residências é tal como no Edifício do Convento composto por **fundações** construídas em alvenaria de pedra com argamassas de areia e cal.

No que diz respeito às **paredes exteriores**, as mesmas são em alvenaria de pedra e argamassa de cal e areia. Verificamos ainda uma variante nas espessuras destas paredes. As paredes anterior e posterior compreendem a mesma espessura que as de empena.

Numa leitura vertical, é também frequente que as espessuras variem, não só por questões económicas mas também para existir uma redução do peso próprio das paredes, sendo que no edifício em questão as paredes tanto anteriores, posteriores e de empena mantenham em ambos os pisos a mesma espessura.

O sistema construtivo das **paredes interiores** não é o gaioleiro comum.

Como mencionado anteriormente, as paredes exteriores são sempre estruturais em alvenaria de pedra, assim como duas paredes interiores que atravessam o edifício transversalmente.

No caso da compartimentação interior, aqui sim, como no gaioleiro, é feita em paredes de tabique.

Os **pavimentos** do edifício são, nos pisos superiores, em estrutura de madeira apoiados nas paredes portantes. Nas zonas secas são revestidos a soalho de madeira tipo casquinha, e nas zonas húmidas a mosaico hidráulico ou cerâmico.

Do lado anterior ao pavimento, o revestimento da estrutura é feito em fasquiado, aplicado diretamente, sobre o qual é aplicado o estuque do teto.

Por fim, e relativamente à **cobertura**, esta é composta por uma estrutura em madeira de pinho e o seu revestimento é em Telha de Marselha sem adição de forro e/ou isolamento.

Podemos concluir que o edifício pode ser considerado em bom estado de conservação, mas o modo como a sua planta foi desenhada não revela uma versatilidade no que diz respeito à adaptabilidade na redefinição programática, sendo por isso necessário recorrer a algumas alterações se o programa a aplicar não for habitação, tentando sempre não quebrar com a identidade do mesmo.

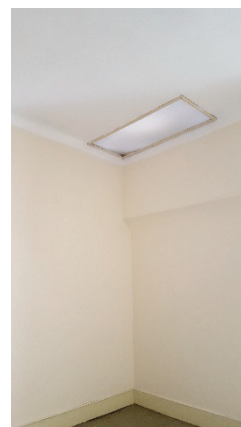


Figura 37 – interiores do edifício

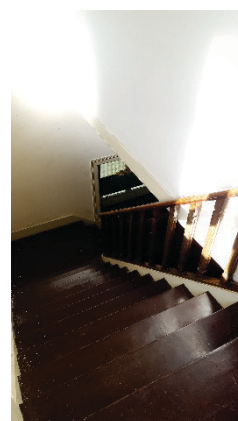


Figura 38 – pavimentos – mosaico hidráulico

3.5. PROGRAMA

Os objetivos previstos em conjunto com o tema previamente proposto para a realização do projeto, eram a análise e reformulação de um modo geral das instalações da Manutenção Militar, bem como o seu espaço adjacente – a freguesia do Beato. No seguimento desta análise, os diversos alunos tiveram a possibilidade de escolher um ou mais edifícios para intervir com maior detalhe (dentro do complexo da Manutenção Militar).

Não existiu nenhuma regra no que diz respeito à escolha do programa a aplicar a cada edifício. Cada aluno, teve a liberdade de adequar o programa a aplicar no edifício ou edifícios tendo como base a sua análise, e consequente intervenção resultante da leitura do território do Beato e da Manutenção Militar.

Apuramos a necessidade de tornar o Beato um Pólo de centralidades, e por isso a importância de repensar este espaço e o modo como o mesmo poderá funcionar melhor. Temos a perceção de que a zona se encontra abandonada e que por isso necessita de pessoas, de lugares, de alguma identidade que não seja apenas um passado industrial, uma “cidade-fantasma”. A reestruturação das vias de circulação bem como a interligação entre a própria freguesia e a Manutenção Militar é um dos primeiros passos para a quase reconstrução deste lugar (imagem 40).

Neste sentido torna-se obvio que faça parte do programa quebrar algumas barreiras que existem a cercar a Manutenção Militar. Com o objetivo de unificar a zona e facilitar o percurso entre a mesma, resulta a necessidade de proceder à demolição de alguns elementos, permitindo desse modo que o acesso seja direto ao interior da zona sul (figura 39).

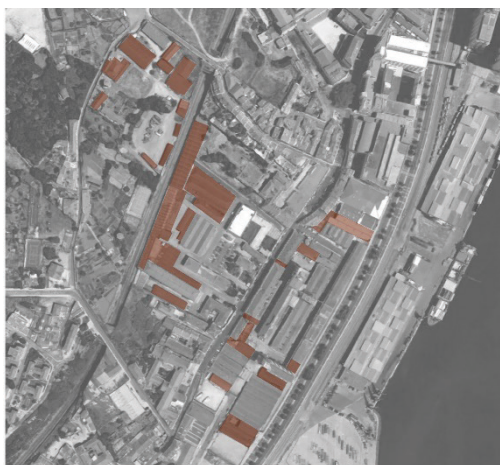


Figura 39 – planta esquemática referente às demolições na área de intervenção

 DEMOLIÇÕES

1. HABITAÇÃO TEMPORÁRIA
2. ESPAÇOS TRABALHO | CAFÉ-BAR |
ESPAÇOS REFEIÇÃO
3. MERCADO
4. ESTACIONAMENTO COBERTO
5. EDIFÍCIO MUSEALIZADO
6. ESPAÇOS DE TRABALHO . COWORKING
7. EDIFÍCIO MUSEALIZADO
8. ESPAÇOS DE TRABALHO
9. ATELIER . WORKSHOPS E OFICINAS
10. DEPÓSITO DE ÁGUA - MIRADOURO
11. RESTAURAÇÃO
12. RESTAURAÇÃO
13. CENTRO SAÚDE
14. ACADEMIA MÚSICA | DANÇA
15. ACADEMIA MÚSICA | DANÇA
16. MERCADO
17. CENTRO DE DIA . UNIVERSIDADE SÊNIOR
18. AUDITÓRIO
19. ESCOLA
20. DEPÓSITO DE ÁGUA . MIRADOURO
21. POLIDESPORTIVO
22. POLIDESPORTIVO
23. HABITAÇÃO PERMANENTE
24. DEPÓSITO DE ÁGUA . MIRADOURO
25. HABITAÇÃO PERMANENTE
26. HABITAÇÃO PERMANENTE
27. COMÉRCIO E SERVIÇOS
28. COMÉRCIO E SERVIÇOS
29. HABITAÇÃO PERMANENTE
30. HABITAÇÃO PERMANENTE
31. HABITAÇÃO PERMANENTE
32. HABITAÇÃO PERMANENTE
33. HABITAÇÃO PERMANENTE
34. COMÉRCIO E SERVIÇOS
35. COMÉRCIO E SERVIÇOS
36. ACADEMIA E GINÁSIO
37. ESCOLA NAVAL





Figura 40 – Planta de envolvente - intervenção na freguesia do Beato e programa imposto para os edifícios da Manutenção Militar

Paralelamente a este fator, outro tão importante está na urgência de atrair e povoar o Beato, dando-lhe uma vida nova e fazendo com que o mesmo volte a fazer parte da grande cidade de Lisboa, sem que aparente ser desfragmentado. O programa nesta Proposta de Projeto Final de Mestrado visa contribuir e melhorar nesse sentido e, por esse motivo desenvolver no edifício do Antigo convento, um conjunto de habitações temporárias, que por gerar a oportunidade de alojar pessoas, gera consequentemente a necessidade de surgir comércio, serviços e outras necessidades diárias para a permanência das pessoas num determinado espaço. No edifício das residências, um programa referente à implantação de café/bar que possa dar apoio às Start Up e espaços de coworking (que possivelmente se possam vir a instalar nos edifícios referidos na figura 40) com espaço interior e de esplanada numa nova adição (figura 40), bem como espaços de trabalho.

O programa para o edifício do antigo Convento, será feito de acordo com o esquema apresentado a baixo:

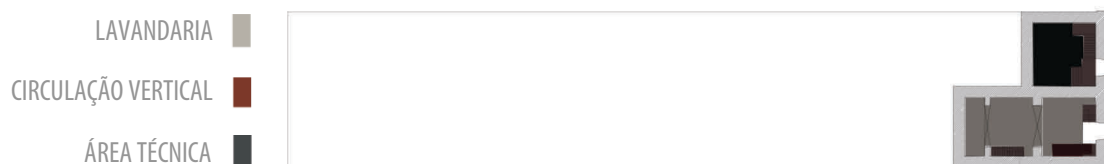


Figura 41 – distribuição do novo programa no edifício do Convento, planta segundo intervenção no piso da cave

O piso da cave, cuja função atual é desconhecida, passará a funcionar como zona de tratamento de roupa, a utilizar pelas pessoas alojadas. É possível aceder-lhe, através da nova adição de escadas localizadas no piso 0, ou pela fachada a Norte possibilitando a entrada de pessoas com mobilidade reduzida (figura 41).

O piso 0, é considerado o principal pois é nele que se encontra a receção e zona administrativa e onde os hóspedes podem conviver. Para tal, destaca-se uma cozinha comum e espaços de refeição adjacente, bem como espaços de estar ou até de trabalho individual ou em grupo.

É também neste piso que se localizam os apartamentos para pessoas de mobilidade reduzida, pensados de um modo inclusivo para que a sua estadia se torne mais fácil. Encontram-se especificamente no piso 0 por

estarem mais acessíveis relativamente aos espaços de utilização comum (figura 42).



Figura 42 – distribuição do novo programa no edifício do Convento, planta segundo intervenção no piso 0

- CIRCULAÇÃO VERTICAL
- CIRCULAÇÃO HORIZONTAL
- RECEÇÃO | ADMINISTRAÇÃO
- COZINHA COMUM
- ESPAÇOS DE ESTAR
- INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- ESPAÇOS DE TRABALHO
- ARRUMOS
- HABITAÇÃO MOBILIDADE REDUZIDA
- ESPAÇO DE REFEIÇÃO

Relativamente aos pisos 1 e 2, são de carácter mais privado no sentido de ser neles que se localizam a maioria dos apartamentos.

Para estes mesmos pisos, serão propostas sete variantes, sendo estas distinguidas apenas pela medida transversal, medida 1 da variante 1 e medida 2 da variante 2 apresentadas na figura 39 e 40. Deste modo as medidas longitudinais (figuras 43 e 44), são geralmente diferentes em todos os apartamentos do edifício.

No piso 1, prevê-se a construção de 30 apartamentos com capacidade máxima para 67 hóspedes, e no piso 2, 27 apartamentos para 51 hóspedes. Em ambos os pisos, os vários apartamentos podem alojar de uma a quatro pessoas, dependendo do tipo de variante. As instalações sanitárias são comuns e dispõem de sanitários e espaços de duche femininos e masculinos (figura 45).

No piso 2, existem além dos espaços anteriormente mencionados, dois espaços de estar comum, um orientado para a rua do grilo, local mais sombrio do edifício, e outro orientado a Sudeste (figura 46).

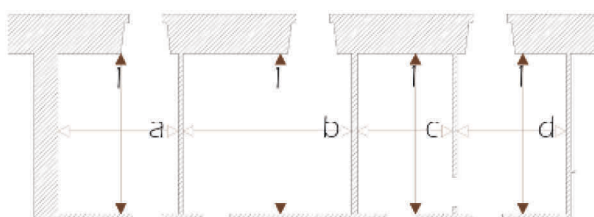


Figura 43 – esquema ilustrativo referente à variante número 1, do edifício do Convento

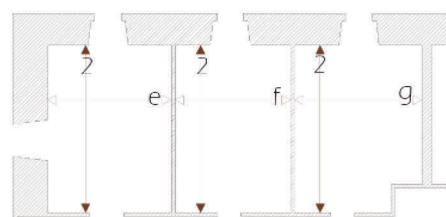


Figura 44 – esquema ilustrativo referente à variante número 2, do edifício do Convento

- CIRCULAÇÃO HORIZONTAL
- CIRCULAÇÃO VERTICAL
- HABITAÇÃO
- INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- ARRUMOS

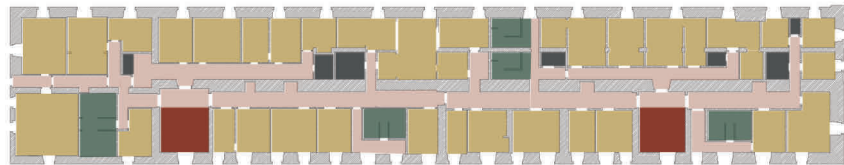


Figura 45 – distribuição do novo programa no edifício do Convento, planta segundo intervenção no piso 1

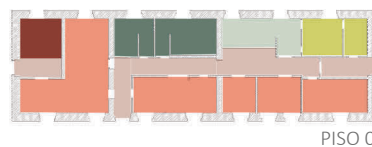
- CIRCULAÇÃO HORIZONTAL
- CIRCULAÇÃO VERTICAL
- HABITAÇÃO
- INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- ARRUMOS
- ESPAÇOS DE ESTAR



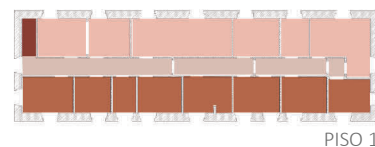
Figura 46 – distribuição do novo programa no edifício do Convento, planta segundo intervenção no piso 2

O programa para o edifício das residências, será feito de acordo com o esquema apresentado a baixo:

- CIRCULAÇÃO VERTICAL
- CIRCULAÇÃO HORIZONTAL
- CAFÉ | BAR
- COZINHA E ARMAZÉM
- ESPAÇOS DE ESTAR | TRABALHAR
- ESPAÇOS DE TRABALHO | BIBLIOTECA
- INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- ESPAÇOS DE REFEIÇÃO



PISO 0



PISO 1

Figura 47 – distribuição do novo programa no edifício das residências, plantas segundo intervenção no piso 0 e piso 1

Relativamente ao edifício em questão, é no piso térreo que encontramos um Café / Bar destinado a qualquer tipo de público com uma zona de buffet que servirá os pequenos-almoços aos hóspedes instalados no edifício do antigo Convento. Adjacente ao bar, e de apoio ao mesmo, existem pequenas salas de refeição com a possibilidade de ir até ao exterior (figura 47).

No piso 1, deparamo-nos com dois espaços distintos, a Norte um conjunto de salas de trabalho mais formal, com pequenas zonas de biblioteca onde se pode estudar/trabalhar. Nas salas orientadas a Sul, são espaços menos formais, nos quais se pode trabalhar individualmente ou em grupo, ou até mesmo estar (figura 47).

3.6 DESCRIÇÃO DO PROJETO



Figura 48 – Axonometria programática

O tema escolhido para abordar na proposta final de mestrado foi a customização aplicada na habitação temporária, desenvolvida no edifício do Convento e no edifício das residências. É nestes edifícios da Manutenção Militar que fará maior sentido, quer a nível formal quer espacial.

A intervenção será, com especial atenção, efetuada com base na importância das pré-existências, uma vez que o edifício do Antigo Convento das Grilas teve um papel bastante relevante naquele lugar e já sofreu algumas alterações ao longo das várias intervenções que em parte o descaracterizaram.

Uma das intervenções que ambos os edifícios sofreram foi a ligação entre ambos, de forma a ser possível acederem um ao outro em no piso 0 e 1. Esta intervenção descaracteriza o edifício do convento e unifica os dois num só, o que não fará qualquer sentido pois não têm a mesma importância a nível histórico e deveram ser vistos como edifícios individuais e não como um todo (figura 49 e 50).

O projeto proposto passa por respeitar essa diferença e por eliminar alguns elementos que contribuem para essa descaracterização, como marquises que ambos tinham, e uma garagem no tardo do edifício das residências (figura 49 e 50).

No interior, as demolições são ao nível pontual de modo a respeitar a pré-existência. Só ocorrem para melhorar o edifício ao nível da compartimentação e da circulação ao longo do mesmo.

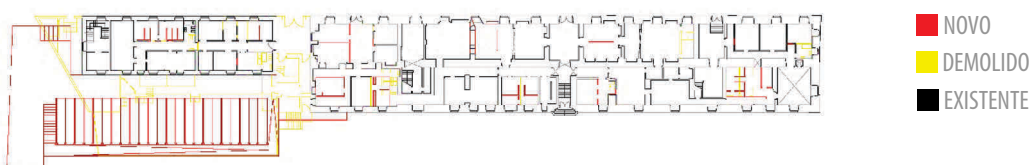


Figura 49 – Planta de representação do existente, do demolido e construído de novo - piso 0



Figura 50 – Planta de representação do existente, do demolido e construído de novo - piso 1

NOVO ■
DEMOLIDO ■
EXISTENTE ■



Figura 51 – Planta de representação do existente, do demolido e construído de novo - piso 2

O projeto de reabilitação proposto para o edifício do Convento propõe o mesmo uso programático implementado na última intervenção que sofreu, já o edifício das residências irá sofrer uma regeneração ao nível dos usos.

Em ambos os casos, seja no edifício onde o programa é mantido ou no edifício onde o programa é alterado, é necessário recorrer à integração de novos elementos bem como pontuais demolições que visam melhorar a solução final. Esta prática deve ser percebida pelos utilizadores a fim de os mesmos entenderem as diversas intervenções, ou seja, as novas adições percebem-se como novas ao edifício.

Deste modo, a utilização de novos materiais como o aço, gesso cartonado, entre outros materiais contemporâneos face aos materiais existentes e de caracterização mais tradicional (madeira, pedra) fazem a distinção da “nova intervenção”.

As soluções utilizadas na formalização da presente proposta consistem principalmente na utilização de sistemas modulares que tenham a possibilidade de funcionar independentemente da estrutura existente do edifício. Estes elementos em geral, são em MDF lacado e assumem em parte um carácter efémero, no que diz respeito à facilidade de montagem e desmontagem.

Deste modo, é possível perceber a pré-existência e a leitura do espaço.

3.6.1 EDIFÍCIO DO ANTIGO CONVENTO

Relativamente ao piso da cave (-1), o edifício não sofre nenhuma alteração significativa, a não ser ao nível dos acessos ao mesmo, que são reestruturados, bem como o programa neste espaço imposto. O que atualmente assume o papel de típica cave fechada, sem qualquer uso relevante, passa a assumir a função de espaço de lavandaria, preparada para que os utilizadores que habitam nos apartamentos dos pisos superiores, possam proceder ao tratamento da sua própria roupa.

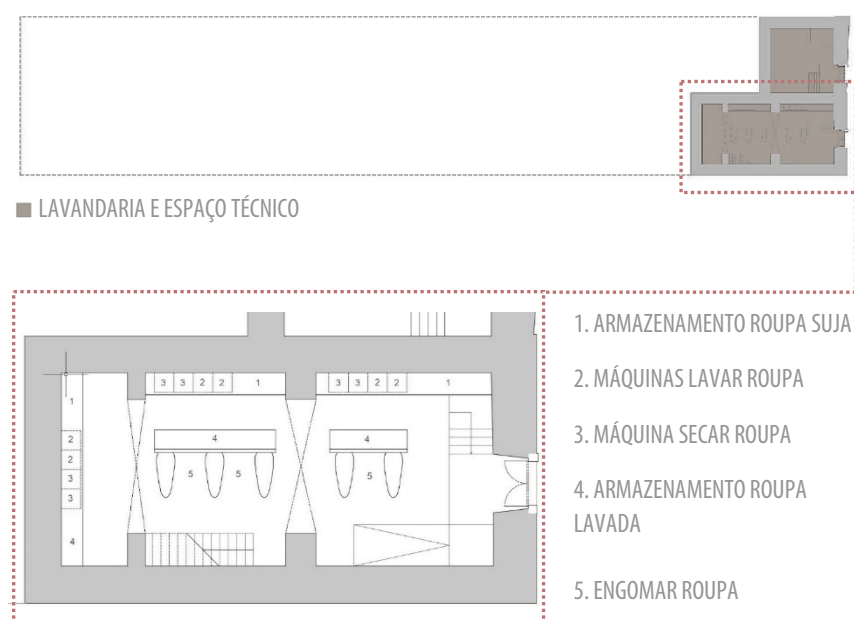
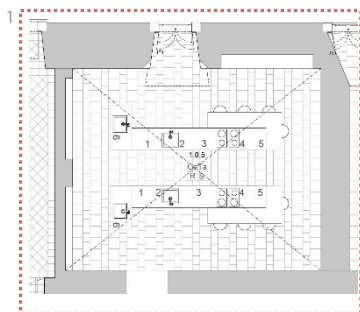


Figura 52 –Esquema ilustrativo do processo de tratamento de roupa na lavandaria comum

Relativamente ao piso 0, visualizamos a presença de espaços amplos que em geral são de utilização comum, como é o caso da cozinha comum, salas de estar e/ou trabalho, em exceção às extremidades do edifício que são onde se localizam os apartamentos preparados para mobilidade reduzida.



1. PREPARAÇÃO DOS ALIMENTOS
2. LAVAGEM DOS ALIMENTOS
3. PREPARAÇÃO
4. CONFEÇÃO
5. EMPRATAMENTO
6. LAVAGEM LOIÇA SUJA

Figura 54 –Esquema ilustrativo da configuração da cozinha comum



Figura 53 – Planta do Edifício do Convento piso 0

Em ambos os espaços, é colocado mobiliário modular, desenhado à medida, e como foi referido acima, de fácil montagem e desmontagem, sempre com o objetivo de nunca condicionar os espaços à nova compartimentação ou nova organização dos compartimentos.

No que diz respeito aos espaços habitacionais, todos são resolvidos com a colocação de mobiliário móvel que entram em contacto com a pré-existência sem a danificar, e apenas pontualmente com mobiliário fixo e que neste caso por assumirem um carácter mais permanente podem modificar as pré-existências.

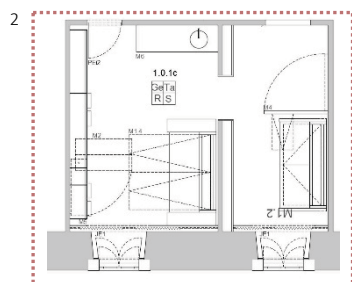


Figura 55 – apartamento para mobilidade reduzida



Figura 56 – compartimentos existentes onde serão construídos os novos espaços de estar e/ou trabalhar

No piso 1, à semelhança do piso 2, verificamos que os mesmos se destinam quase exclusivamente para os apartamentos (figura 57), que tal como no piso inferior são compostos por mobiliário móvel de fácil colocação no apartamento. De apoio aos apartamentos e também à estadia nos mesmos, verifica-se neste piso quatro instalações sanitárias comuns, equipadas com espaços de duche e alguns espaços de anexo, nos quais se desempenham funções de tratamento da roupa de cama e de banho por parte dos funcionários, bem como o armazenamento de produtos de limpeza e higienização.

O acesso a este piso é feito pelos dois núcleos de escadas existente, e os acessos a todos os espaços é feito pela forma de distribuição existente no edifício partindo sempre de um corredor central que liga os núcleos de escadas no edifício, sendo que se procedeu à demolição de algumas paredes de forma a melhorar a circulação ao longo do mesmo.

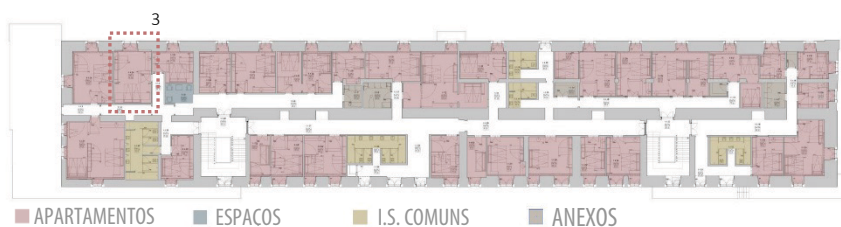


Figura 57 – Convento piso 1

No piso 2, o programa é idêntico e por isso composto por espaços para apartamentos, instalações sanitárias, espaços comuns e os anexos. Neste piso verificamos a existência de um espaço comum que atravessa o edifício na transversal e que ao centro é quebrado pelo núcleo de circulação horizontal principal, gerando quase que dois espaços distintos. De acordo com a sua localização, um a norte e outro a sul, permite aos utilizadores deste espaço habitacional escolherem qual o espaço que para eles se considera mais agradável de frequentar, partindo do princípio que por terem temperaturas diferentes, fator associado à sua orientação, são também eles ambientes diferentes satisfazendo pessoas também elas diferentes.

A circulação horizontal é feita pelo corredor central e a vertical pelos núcleos de escadas comuns ao piso 0, 1 e 2 (figura 57).

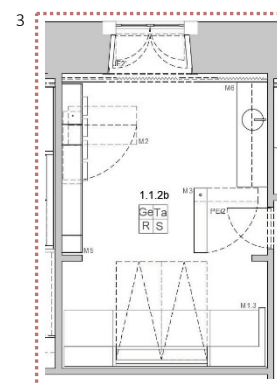


Figura 58 – Planta de apartamento tipo, piso 1

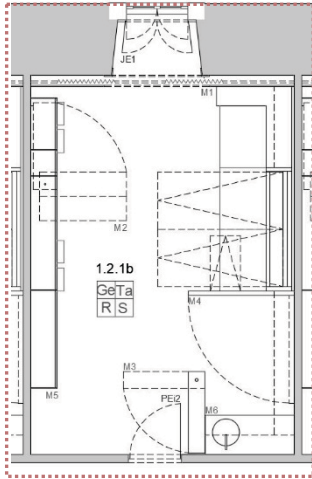


Figura 60 – Planta de apartamento tipo, piso 2

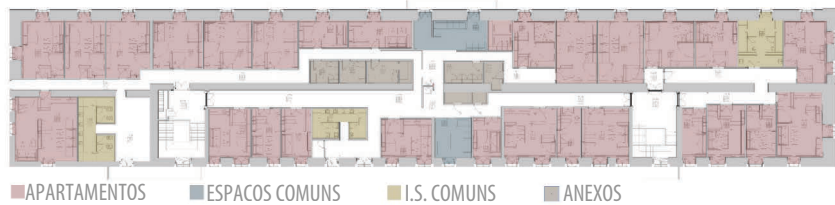


Figura 59– Convento piso 2

No que diz respeito aos apartamentos e como referido anteriormente, em todos os espaços nos vários pisos são colocados mobiliários geralmente móveis que pouco interferem com as pré-existências.

O conceito base para a projeção do conjunto de mobiliário implementado nos apartamentos, é sobretudo visar que o mesmo ofereça ao utilizador a possibilidade de o customizar, adaptando o apartamento ao seu gosto pessoal e tornando-o um pouco seu, independentemente do tempo que permaneça nele.

Em praticamente todos os apartamentos verificamos 5 tipos de mobiliário distinto, que disponibilizam esta opção de customização.

Em paralelo com o mobiliário, a iluminação do apartamento é feita através da utilização de um sistema que oferece a opção de o utilizador escolher a cor da luz (mais amarela ou mais branca) e a intensidade com que esta incide nos vários espaços do apartamento.

Tomemos como exemplo a organização ao nível da colocação do diverso mobiliário no espaço habitacional ilustrado na figura 60:

MOBILIÁRIO 1 - Um sofá com uma estrutura anterior de onde rebate uma cama que oferece a possibilidade de ser duas de solteiro ou uma de casal. Existem 6 variantes no edifício e variam consoante a dimensão do apartamento. A abertura das camas funciona através de peças metálicas laterais que desempenham a função de abrir mas também a de apoio das camas no chão.

Os assentos do sofá além de reversíveis, dispendo de 2 cores e texturas distintas, também eles abrem, originando assim 3 espaços de arrumação para a roupa de cama e de banho, bem como para um tapete caso o utilizador ache necessário para seu conforto no espaço (imagem 63).

As almofadas também apresentam 2 faces diferentes, em tecidos com texturas e cores diferentes (imagem 61 e 62).

As 6 variantes são desenhadas à medida e por isso o material escolhido para a sua construção é o MDF lacado.



Figura 61 – 2 faces distintas das almofadas



Figura 62 – 2 faces distintas das almofadas

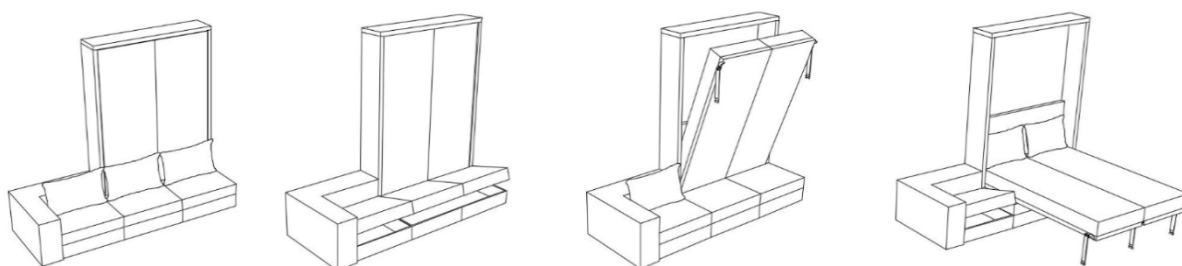


Figura 63 – Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referentes ao mobiliário M1

MOBILIÁRIO 2 – Uma mesa pivotante num aparador ancorado na parede existente dos compartimentos. Funciona em três posições diferentes, sendo que deste modo pode servir tanto para trabalho como para refeição. Relativamente a dimensões, as mesas são iguais em todos os apartamentos, variando apenas a dimensão do aparador que as suporta.

Por baixo do aparador é onde se guardam os bancos, visando maximizar o espaço geral do apartamento (imagem 64).

À semelhança do mobiliário M1, o material utilizado é o MDF lacado.

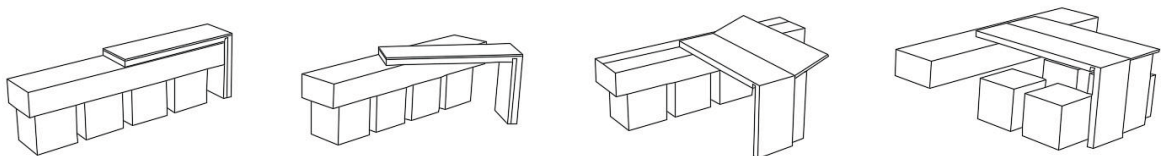


Figura 64 – Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referentes ao mobiliário M2

MOBILIÁRIO 3 – O mobiliário número 3, é uma estante pivotante composta por 8 caixas e um perfil em aço inox com secção circular de 400 mm. É colocada no apartamento sempre junto à porta de entrada com o objetivo de oferecer a opção de filtrar o acesso ao mesmo.

Poderá funcionar na posição que o utilizador preferir, pois as caixas giram em torno de um pivot ancorado tanto ao pavimento como ao teto por peças de fixação em aço.

Cada caixa é composta por duas folhas de abrir, e todas são construídas em MDF lacado a 3 cores distintas.

No que diz respeito a dimensões, este elemento varia em tamanho consoante a dimensão do apartamento, tendo sempre em conta que a sua colocação deve ser sempre a um mínimo de 90 cm da porta de entrada do apartamento.

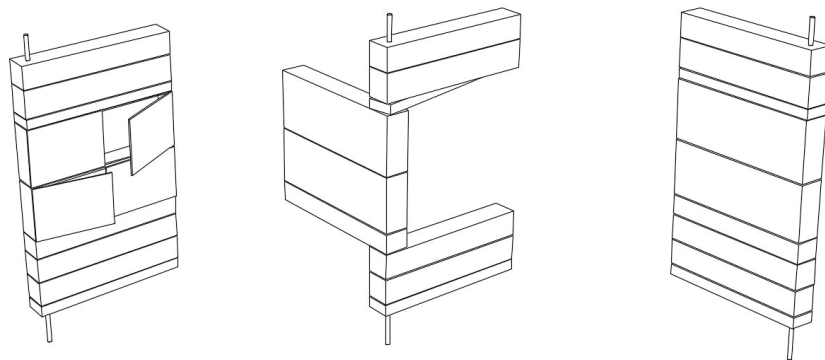


Figura 65 – Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referentes ao mobiliário M3

MOBILIÁRIO 4 – Uma parede móvel que geralmente funciona como elemento central no interior apartamento, marcando a diferença entre o espaço de estar/dormir/trabalhar da copa. É colocada à altura do rodapé existente e fixa à parede através de dobradiças em aço. Tem duas posições, a aberta e quando vinca a separação do espaço, e fechada quando se pretende um espaço mais amplo.

O mobiliário é construído em MDF lacado e as duas faces tem cores distintas, sendo um dos lados numa cor mais forte, devido ao facto de este elemento se apresentar como divisor do espaço do apartamento. Na face de cor mais forte encontramos a presença de íman a fim de se poder fixar alguns elementos.

Desta estrutura é possível rebater uma pequena mesa que poderá funcionar com mesa de trabalho ou mesmo para refeição, podendo o utilizador usufruir dela enquanto está sentado no sofá, ou mesmo quando a parede se encontra “fechada” gerando um novo espaço de trabalho ou refeição, completando-o com os bancos que se encontram por baixo do mobiliário M2.

A dimensão deste elemento é geralmente guiada pelo espaço que existe entre o sofá/cama e o mobiliário de copa, medida esta variante de apartamento para apartamento.

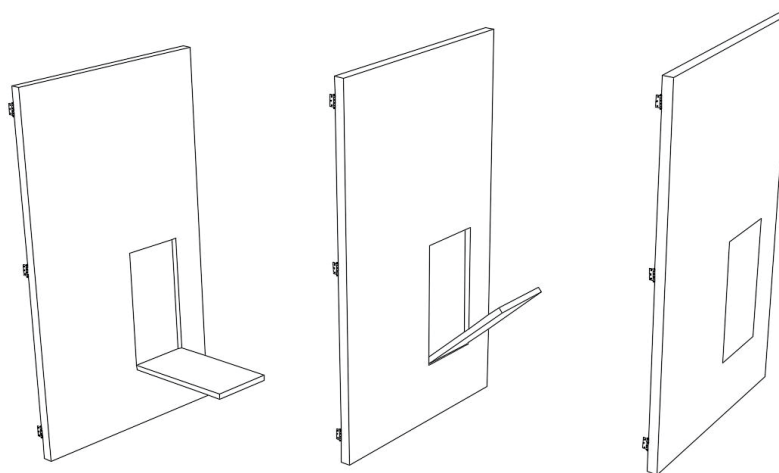


Figura 66 – Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referentes ao mobiliário M4

MOBILIÁRIO 5 – A estante de parede apresentada na imagem 67, é composta por laminas horizontais ancoradas à parede existente. Estas laminas tem na sua extremidade frontal perfis metálicos que funcionam de calha para as laminas verticais poderem horizontalmente mudar de lugar, e também para poderem ser desencaixadas e encaixadas.

O motivo pelo qual a construção deste elemento contém a calha, é para ser possível girar e mover as laminas verticais, e possuindo cores distintas em ambas as faces, proporcionam ao utilizador escolher a cor que pretendem e até mesmo criar um padrão ou ritmo através do jogo de posição destes elementos.

Como este é, na maior parte dos apartamentos o único espaço de arrumação para roupa e outros objetos, o facto de as laminas se moverem, geram a opção de criar na mesma estante, zonas fechadas e outras abertas consoante o tipo de objetos que nela se queiram guardar.

Mais uma vez o material utilizado é o MDF lacado, sendo que a cor das laminas horizontais é sempre a mesma e no caso das verticais a cor 1 é permanente em todas as laminas e a cor 2 (imagem 67) variante de apartamento para apartamento.

A dimensão deste elemento varia de espaço para espaço.

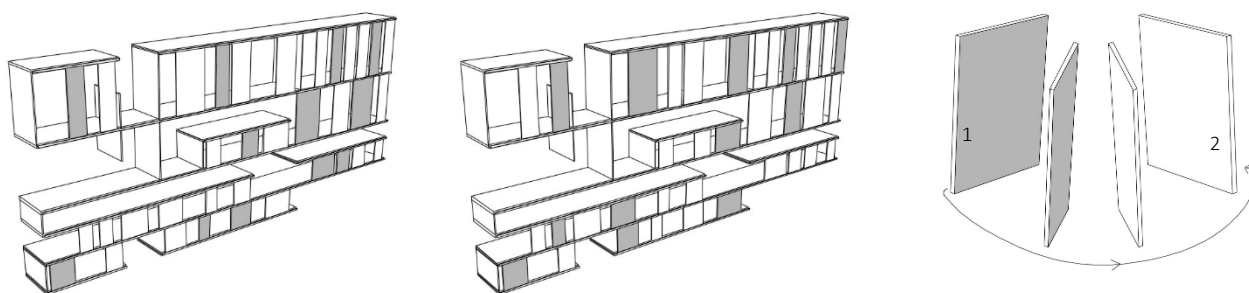


Figura 67 – Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referentes ao mobiliário M5

MOBILIÁRIO M6 – O conjunto de armários que compõem o mobiliário M6, são desenhados com base no ritmo utilizado para desenhar a estante pivotante (M3), incluindo a utilização da mesma sequência de cores, ou seja, 3 cores distintas.

É em conjunto com o M5, o mobiliário que entra em maior contacto com a pré-existência, uma vez que para a sua instalação é necessário a ancoragem à parede.

A dimensão do mesmo deverá ser adaptado às circunstâncias do apartamento tendo em conta as dimensões do mesmo.

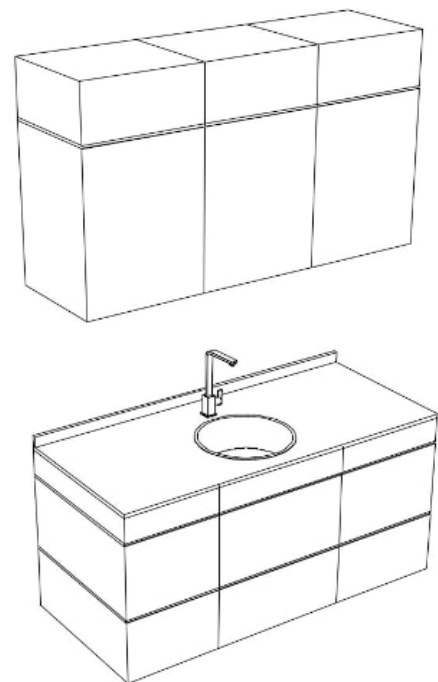


Figura 68 – Esquema ilustrativo do funcionamento e das opções referentes ao mobiliário M6

Ainda tomando como exemplo o apartamento ilustrado na figura 60, e relativamente ao sistema de sombreamento interior, verificamos a seguinte solução para a resolução desta questão no que diz respeito aos apartamentos:

SISTEMA DE SOBREAMENTO TEXTIL – O sistema de sombreamento aplicado em todos os apartamentos consiste na colocação de uma nova parede construída em pladur e externa à pré-existência que servirá como máscara à parede existente, mas com a função de ocultar uma segunda estrutura desenvolvida para suportar duas cortinas diferentes.

As cortinhas propostas, colocadas uma no lado esquerdo da janela e outra do lado direito, têm opacidades diferentes. Uma totalmente opaca e uma outra com maior nível de opacidade.

Sobre estas cortinas e inibido pela máscara, existe um sistema de iluminação que incidirá cor no elemento escolhido pelo utilizador e que se situa coincidente com a largura do vão projetado na máscara. Entre as 5 cores de opção, o utilizador pode através de um comando à distância escolher a cor que, com um toque pessoal, torne o espaço com melhor ambiência, podendo obter o tipo de opacidade que pretende com a cor que mais gosta.

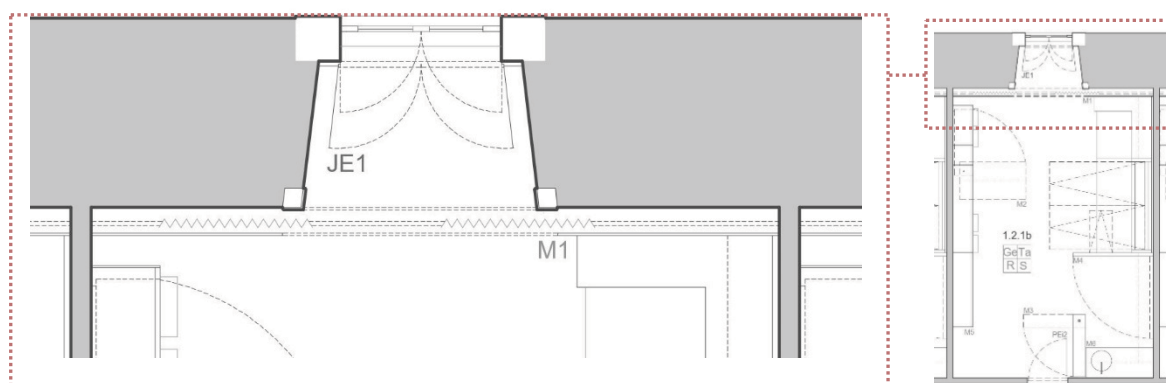
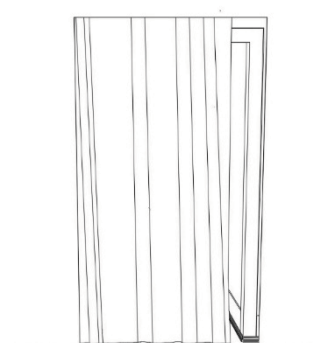
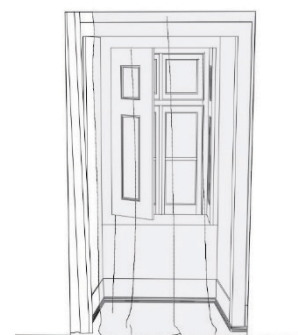


Figura 69 – Esquema ilustrativo das opções para o sistema de sombreamento interior



Figura 70 – janela de acesso às varandas

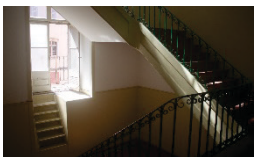


Figura 71 – escadas de acesso à varanda



Figura 72 – Esquema ilustrativo da configuração do Café / Bar

Quer no piso 1, como no piso 2, atualmente verificamos os vestígios daquilo que foram varandas. Estas varandas eram acedidas a partir dos meios pisos dos núcleos de acessos verticais existentes, no qual encontramos escadas de madeira junto às janelas de sacada (imagem 73), mas também através das restantes janelas de sacada existente no interior dos compartimentos.

O estado de conservação destes elementos é mau, e num registo de valorizar os mesmos e a função que tinham, são projetadas novas varandas com base na estrutura utilizada nas existentes.

A estrutura é metálica e encastrada na alvenaria, composta por vigas metálicas apoiadas em poleias também metálicas. Para a guarda, são utilizados perfis de secção romboide, em aço galvanizado e com secção de 30mmx60mm.

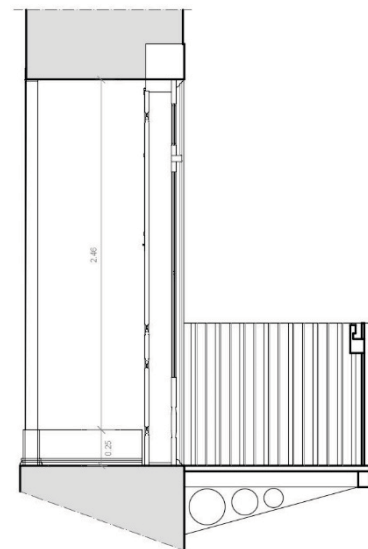
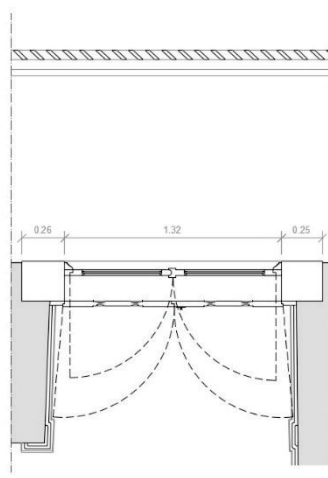


Figura 73 – corte horizontal e corte vertical – varandas acedidas pelos compartimentos do Edifício do Convento

3.6.2 EDIFÍCIO DAS RESIDÊNCIAS

O edifício das residências é uma construção mais recente face ao edifício do Convento e a base para a sua construção foi o alojamento da família do administrativo da Manutenção Militar. Assim sendo o edifício sempre teve o mesmo programa, habitação.

Como foi enunciado anteriormente no capítulo 4.4, a organização original do mesmo era feita em dois apartamentos distintos, sendo que um deles em tipologia duplex.

Hoje o cenário é um pouco diferente, pelo facto de ter sido adaptado à necessidade de alojar mais do que uma família.

O ano quer da construção, quer da intervenção posterior é desconhecido.

O programa que nesta Proposta Final de Mestrado imposto para este edifício é um pouco diferente do que verificamos atualmente.

Face à quantidade de apartamentos do Edifício do Convento, gerou-se a necessidade de criar espaços de estar amplos, bem como um espaço Café/Bar que servisse os pequenos almoços aos hóspedes (caso os mesmos estivessem incluídos na condição de alojamento), ou até mesmo refeições rápidas. Este edifício passa a funcionar como complemento do edifício do Convento.

Relativamente ao piso 0, o edifício não sofre nenhuma alteração significativa, nem a nível estrutural nem ao nível dos acessos ao mesmo. Neste piso, mais especificamente na extremidade direita – fachada norte, o espaço é repensado a fim de gerir a projeção do café/bar, sendo que o proposto é um balcão colocado numa posição mais central relativamente ao corredor de acesso a todos os espaços do edifício. Posto isto, e em paralelo com este espaço, há a necessidade de existir uma cozinha de apoio ao bar e uma zona de anexo para armazenamento dos produtos confeccionados ou a confeccionar pelo bar.

Este espaço fica localizado junto à entrada principal para que o depósito dos produtos neste mesmo espaço seja mais fácil e direto. O facto de estar mesmo junto à entrada principal não é uma condicionante, visto que o processo de descarga é feito quando o café/bar e encontra fechado.

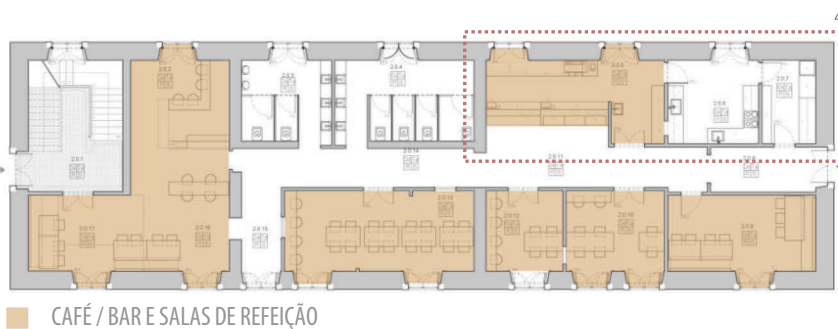


Figura 74 – Edifício das Residências piso 0

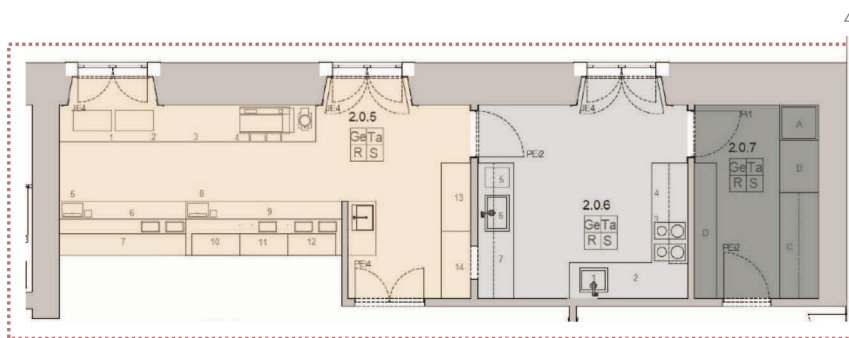


Figura 75 – Esquema ilustrativo da configuração do Café / Bar

- | | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> 1. TÁBUA DOCE 2. TÁBUA SALGADOS 3. BALCÃO PARA CONFECCÃO 4. MÁQUINA DE CAFÉ, PREPARAÇÃO DE BEBIDAS QUENTES 5. CAIXA DE PAGAMENTO DO BUFFET 6. PREPARAÇÃO / SERVIÇO BUFFET 7. ZONA DE BUFFET 8. CAIXA DE PAGAMENTO 9. PREPARAÇÃO E SERVIÇO 10. MONTRA PÃO 11. MONTRA SALGADOS 12. MONTRA DOCE 13. LOIÇA SUJA 14. LOIÇA LAVADA | <ul style="list-style-type: none"> 1. LAVAGEM DOS ALIMENTOS 2. PREPARAÇÃO 3. COZINHAR 4. EMPRATAR 5. DEPÓSITO LOIÇA SUJA 6. LAVAR LOIÇA 7. LOIÇA LAVADA |
| | <ul style="list-style-type: none"> A. FRIGORIFICO VERTICAL B. ARCA HORIZONTAL C. PRODUTOS MERCEARIA D. BEBIDAS E ARMAZENAMENTO DE OUTROS PRODUTOS |

A organização do espaço onde se localiza o balcão divide-se maioritariamente em duas zonas, uma de buffet e uma de atendimento e serviço comum. O balcão de buffet, destina-se ao serviço de pequenos almoços para os hóspedes alojados no edifício do Convento, mas também para qualquer pessoa não alojada que queira tomar o pequeno almoço neste espaço. O serviço das restantes refeições é feito no balcão à direita.

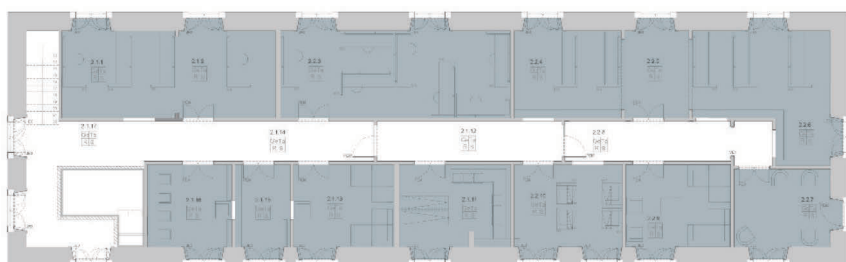
As salas de refeição, oferecem a oportunidade de os utilizadores escolherem qual o tipo de mobiliário no qual preferem disfrutar da sua refeição, sendo colocados nos espaços diversos mobiliários como, mesas altas e mesas baixas, bancos com encosto e outros sem, cadeiras baixas e cadeiras altas.

No que diz respeito ao piso 1, é neste piso que se dá uma maior intervenção ao nível estrutural, pois procede-se à demolição de uma marquise junto à fachada sul.

Tendo em conta a vista alcançada a partir deste piso, não faz qualquer sentido um filtro desta dimensão, muito menos quando o programa proposto para os compartimentos são espaços de trabalho. A norte numa perspectiva mais formal e de coworking, com secretárias de trabalho e a sul menos formais e de utilização para ler, trabalhar ou até mesmo estar.

Estes espaços podem ser utilizados 24h por dia, pelos hospedes do Convento e até por pessoas externas que pretendam um espaço de trabalho com bom ambiente e que possa ser frequentado fora de horas comuns.

É pensado como espaço comum, na medida em que existem pessoas que preferem trabalhar acompanhadas de outras pessoas com o mesmo objetivo. O café/bar que se encontra no piso inferior, mesmo fechando à hora comum, completa também a experiência neste edifício, uma vez que os utilizadores não terão de se deslocar caso pretendam fazer uma refeição (figura 76).



■ SALAS DE ESTAR / TRABALHAR / LER

Figura 76 – Edifício das Residências piso 0

3.6.3 A COR APLICADA NO EDIFÍCIO DO CONVENTO E DAS RESIDÊNCIAS

Relativamente ao edifício do Convento e das Residências, as cores interiores e exteriores encontram-se bastante danificadas, principalmente no exterior.

Sendo este o cenário, são apresentadas novas propostas neste âmbito com o intuito de melhor interior e exteriormente os edifícios.

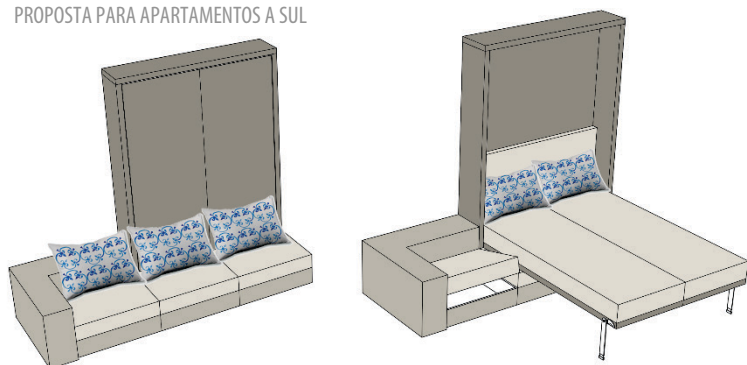
Sendo os acabamentos, pavimentos, rodapés e outras características a este nível apresentadas em forma de legenda de acabamentos junto das plantas, são aqui apresentadas as cores aplicadas no exterior dos dois edifícios bem como as cores aplicadas nos apartamentos e corredores de circulação que fazem aceder aos mesmos.

No que diz respeito aos corredores centrais de circulação horizontal e de distribuição aos apartamentos, é proposta uma cor bastante clara, escolha com base na pouca iluminação que o espaço tem por ser um corredor sem entrada de luz direta. Neste sentido a cor apresentada é NCS S 0502-Y, aplicada tanto nos tetos como nas paredes.

Referentemente aos apartamentos do edifício do Convento e ao mobiliário inserido nos mesmos, as cores escolhidas são frias para os apartamentos virados a sul e quentes para os virados a norte. Nesse sentido segue a proposta de cor apresentada:

MOBILIÁRIO 1

PROPOSTA PARA APARTAMENTOS A SUL



PROPOSTA PARA APARTAMENTOS A NORTE

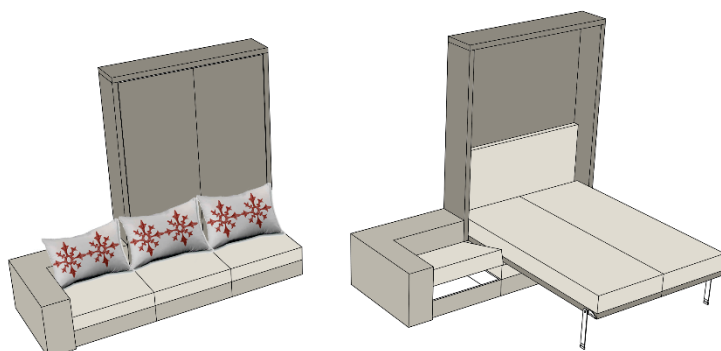
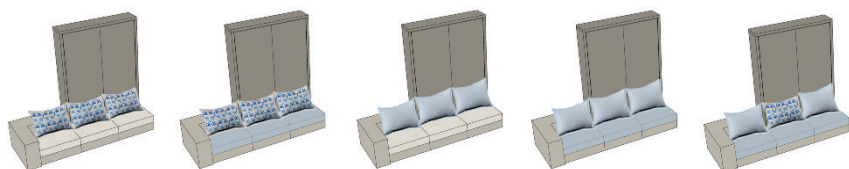


Figura 77 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M1



NCS S 1002-Y

NCS S 4502-Y

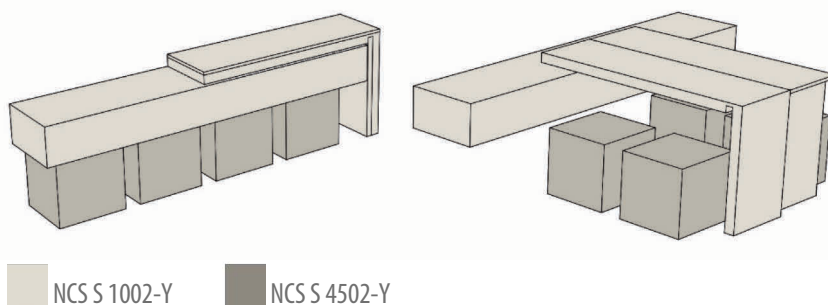
NCS S 2502-Y

NCS S 2010-R90B

Figura 78 – Opções de customização do sofá-cama e dos elementos que o compõem – Proposta apartamento a sul

M1

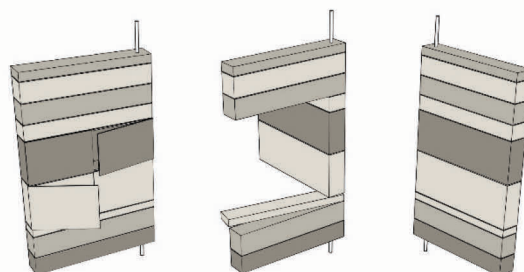
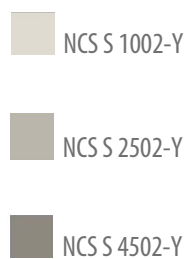
MOBILIÁRIO 2



M2

Figura 79 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M2

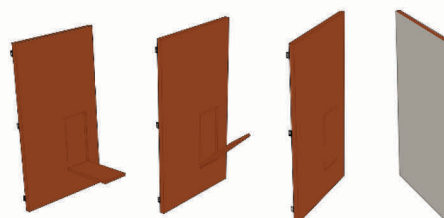
MOBILIÁRIO 3



M3

Figura 80 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M3

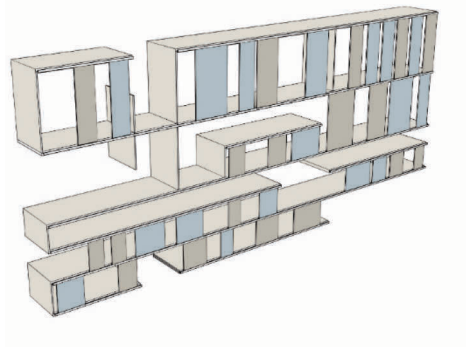
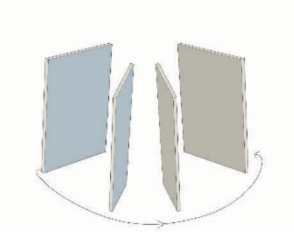
MOBILIÁRIO 4



M4

Figura 81 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M4

PROPOSTA PARA APARTAMENTOS A SUL

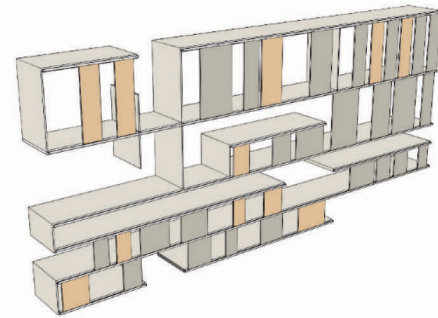
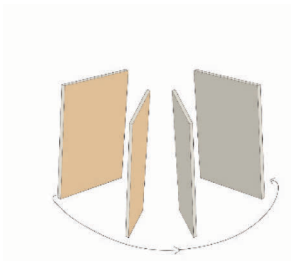


 NCS S 1002-Y

 NCS S 2502-Y

 NCS S 2010-R90B

PROPOSTA PARA APARTAMENTOS A NORTE



 NCS S 1002-Y

 NCS S 2502-Y

 NCS S 1515-Y30R

Figura 82 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M5

M5

 NCS S 1002-Y

 NCS S 2502-Y

 NCS S 4502-Y

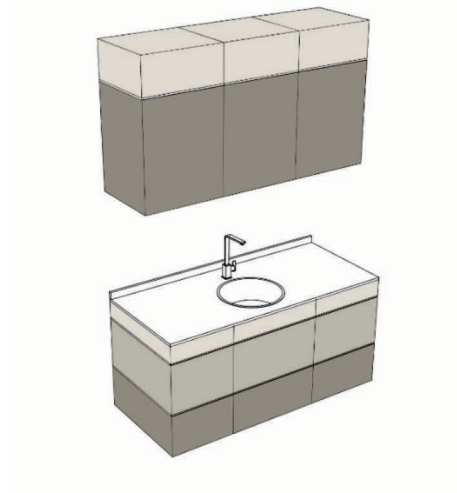


Figura 83 – Esquema ilustrativo das cores para o mobiliário M6

M6



Relativamente ao exterior dos dois edifícios, são apresentadas 3 cores distintas, uma para as paredes, e outras duas para os aros fixos e móveis.

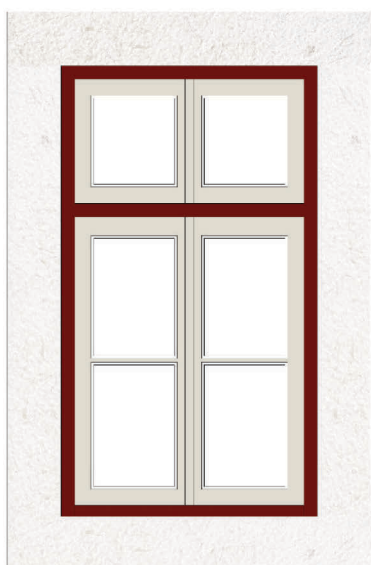


Figura 84 – Esquema ilustrativo das cores para uma das janelas do edifício do Convento

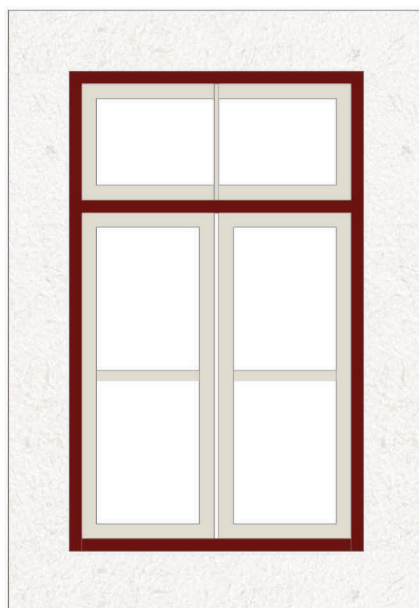


Figura 85 – Esquema ilustrativo das cores para uma das janelas do edifício das residências

EXTERIOR
NCS S 4030-Y70R

AROS FIXOS
NCS S 5040-Y90R

AROS MÓVEIS
NCS S 1002-Y



Figura 86 – Esquema ilustrativo das cores a aplicar no exterior do edifício do Convento (direita) e no edifício das residências (esquerda) – alçado sul

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Projeto Final de Mestrado, tendo como área de intervenção a Manutenção Militar de Lisboa, gerou a necessidade de haver uma compreensão mais detalhada do território, da sua memória, das condicionantes do espaço, bem como as qualidades e oportunidades.

Um dos objetivos principais foi a perceção da identidade do local, as pessoas, os seus costumes e outros elementos que com a sua importância se assumem como determinantes na regeneração programática deste local.

Desenvolver uma estratégia de ocupação adequada à realidade atual, preenchendo a cidade de equipamentos e infraestruturas que permitam aumentar a qualidade de vida de quem ali habita, bem como o aumento da atração para o ato de habitar a gerações mais novas.

Posta a redefinição programática geral, é com maior detalhe que o tema “Estratégias de customização aplicadas na habitação temporária” se lança como tema inovador aplicado no edifício do antigo Convento e no edifício das residências.

Após a realização de um enquadramento teórico com base em conceitos que abordam as novas formas de habitar bem como o conceito customização, tomamos conhecimento de uma nova maneira de projetar o espaço habitacional.

O conceito customização, atualmente muito conhecido no design de moda, é bastante extenso na medida em que existem diversas maneiras de o aplicar.

É fácil proceder à aplicação destes modos de customizar na arquitetura, uma vez que também esta é composta por objetos e esses objetos ao assumirem um carácter customizável permitem que o espaço em que se insiram possa também ele ser denominado customizável.

Quando no capítulo 3 são abordados os vários modos de customizar, quer no design quer na arquitetura, percebemos que este processo pode ser de maior ou menor envolvimento por parte do utilizador. De acordo com esta análise, o tipo de customização mais adequado para o desenvolvimento do projeto foi a customização adaptativa.

Esta escolha foca na qualificação do espaço habitacional como adaptável, isto é, oferece ao utilizador a possibilidade de entrar em contacto com os

elementos que compõem o mesmo, e deste modo transformá-lo de acordo com o seu gosto pessoal.

O desenvolvimento de mobiliário flexível, assume-se como elemento principal do projeto, pois este é a formalização do conceito customização na arquitetura.

Assim sendo, são alguns os seguintes elementos desempenhantes da função de adaptar o espaço:

- Um sofá | cama - permite ao utilizador dormir numa cama de solteiro ou de casal, escolher as cores ou texturas das almofadas ou dos assentos;
- Uma mesa - gerar a possibilidade de optar pela posição e/ou tamanho;
- Uma estante – mudar cores e definir um ritmo
- Um sistema de sombreamento – escolher a opacidade e cor das cortinas.
- Uma estante pivotante – possibilidade de a colocar em várias posições.

Concluo que esta abordagem e a proposta apresentada confronta uma situação atual, ligada a um estilo de vida que é definido por habitar temporariamente um determinado espaço e que gera um problema, que não é marcado pelo surgimento deste novo paradigma de habitar mas pela falta de identidade destes espaços, uma vez que os que se encontram acessíveis para uso temporário, são desprovidos de qualquer relação com o seu utilizador, ou seja, a ligação existente entre ambos é meramente por motivos de necessidade.

Estes utilizadores, geralmente nunca chegam a “sentir” um determinado espaço como seu, ainda assim tentam, sem sucesso, usar formas de o fazer ficar mais pessoal e mais “casa”.

Tendo em conta a ocorrência, a solução passou pelo estudo de como alterar essa impessoalidade habitacional, através de soluções ao nível do mobiliário customizável apresentados anteriormente, de modo a atribuir ao espaço arquitetónico maior identidade pessoal, dando especial atenção ao detalhe do mesmo e deste modo poder assimilar características pessoais de cada utilizador, resultando assim na poética do espaço pessoal.

Estas características são então nestas circunstâncias, efémeras, pois à medida que os utilizadores vão mudando, as características mudam com eles.

5 | BIBLIOGRAFIA

Referências Bibliográficas

- autores, V. (setembro 2017). *Modular loft*. Barcelona: Monsa.
- Bachelard, G. (s.d.). *A Poética do espaço*. Martins Fontes.
- BRiONES, C. (s.d.). *Habitar digital, arquitectura sensible al hombre*. N16 de arquitectura.
- Choay, F. (2000). *A alegora do património*. Lisboa: Edições 70, 4th edição.
- Costa, P. C. (s.d.). O Design de Customização das Cadeiras de Rodas. *Tese de doutoramento em design*.
- Esteves, A. M. (s.d.). Flexibilidade em Arquitectura, Um contributo adicional para a sustentabilidade do ambiente construído. *Dissertação de Mestrado em Arquitectura*.
- Frank T Piller, M. M. (s.d.). HANDBOOK OF RESEARCH IN MASS CUSTOMIZATION AND PERSONALIZATION. World Scientific.
- Intelligence, D. (Maio de 2001). *The Design Implications of Mass Customization*. Obtido em 15 de Novembro de 2016, de DesignIntelligence: <http://www.di.net/articles/the-design-implications-of-mass-customization/>
- Investopedia. (s.d.). Mass Customization. Obtido de <http://www.investopedia.com/terms/m/masscustomization.asp>
- López., D. A. (s.d.). Arquitectura Interactiva, reacción, comportamientos y transformaciones en el Programa de Diseño Digital Interactive architecture, reaction, behaviors and transformations in the Digital Design Program. Obtido de http://papers.cumincad.org/data/works/att/sigradi2011_356.content.pdf
- Martín, D. (21 de Junho de 2010). *Diseño de aplicaciones adaptativas*. Obtido em 14 de Novembro de 2016, de no solo usabilidad: revista sobre personas, diseño y tecnología: http://www.nosolousabilidad.com/articulos/aplicaciones_adaptativas.htm
- Menichinelli, M. (19 de Fevereiro de 2009). *P2P Foundation*. Obtido em 10 de Novembro de 2016, de

<https://blog.p2pfoundation.net/open-design-and-mass-customization-in-architecture/2009/02/19>

Oosterhuis, K. (s.d.). *Hyperbody, First Decade of Interactive Architecture*.

Pine, B. J. (s.d.). *Mass Customization: The New Frontier in Business Competition*. Harvard Business Review Press.

Poorang A.E. Piroozfar, F. T. (s.d.). *Mass Customisation and Personalisation in Architecture and Construction*.

Roberto Naboni, I. P. (2015). *Advanced Customization in Architectural Design and Construction*. Milão: Springer.

Ronchetti, E. (s.d.). *Design de Interiores – Tendência crescente de personalização do espaço*. Obtido em 14 de Novembro de 2016, de Eduardo Ronchetti, *Arquitetura e Acessibilidade*: <https://eduardoronchetti.wordpress.com/2014/05/28/design-de-interiores-tendencia-crescente-de-personalizacao-do-espaco/>

Sistema e Gestão, R. E. (s.d.). *Relações entre a customização em massa e o design de produtos industriais*. Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Departamento de Design, Florianópolis, Brasil.

Aguiar, J. (2005). *Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do património*. 2nd ed. Porto: FAUP publicações.

Aguiar, J. and Appleton, J. (2006). *Guia técnico de reabilitação habitacional*. 1st ed. INH Lisboa.

Auge, M. (1994). *Não-lugares*. 1st ed. Bertrand.

Silvano, F. (2010). *Antropologia do Espaço*. 1 ed. Lisboa: Assírio & Alvim.

Zumthor, P. (2006). *Atmosferas*. 1st ed. Amadora: Editorial Gustavo Gili, SL.

| Teses

AGUIAR, J. (1999) *Estudos cromáticos nas intervenções de conservação em centros históricos – Bases para a sua aplicação à realidade portuguesa*. Évora: Publicações U.E.

6 | ANEXOS

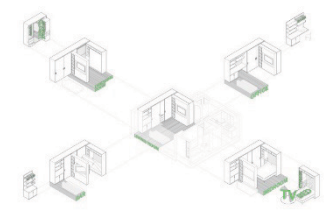
ANEXO I – REFERÊNCIAS

ANEXO II – PROCESSO DE TRABALHO

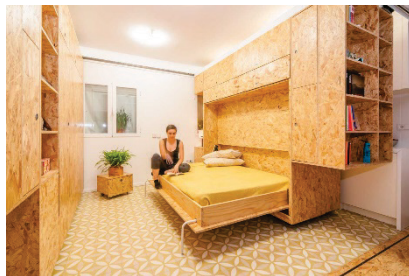
ANEXO III – MAQUETAS

ANEXO IV – PAINÉIS SÍNTESE

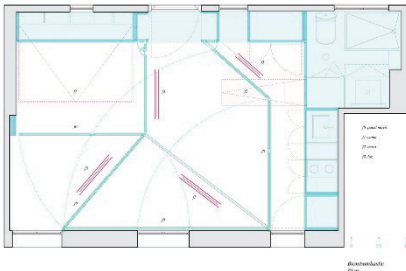
Anexo I - Referências



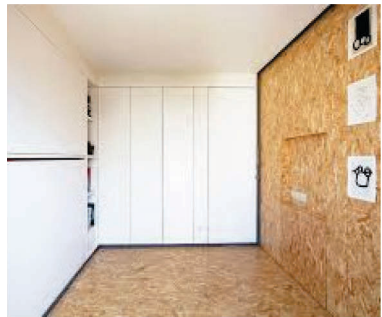
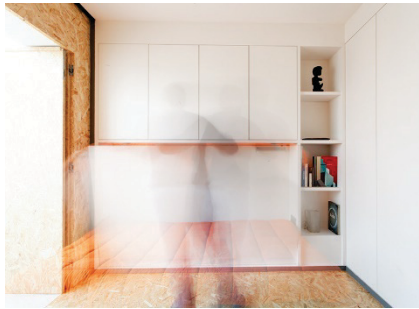
5:1 APARTMENT
Michael K Chen Architecture (MKCA)
New York, USA



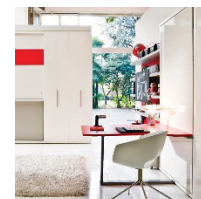
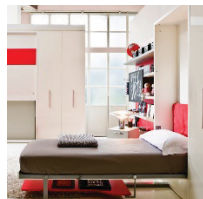
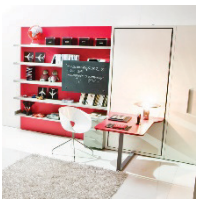
ALL I OWN HOUSE
PKMN Architectures
Madrid, Spain



BIOMBOMBASTIC
Elii
Madrid, Spain



XADREZ STUDENT'S APARTMENT
UMA Collective
Lisbon, Portugal

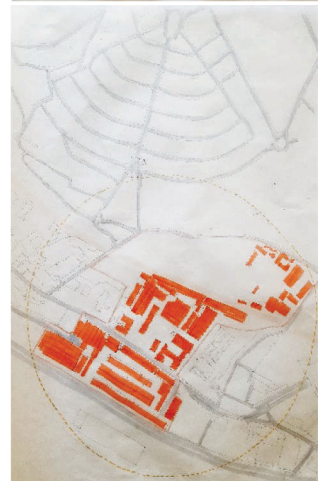
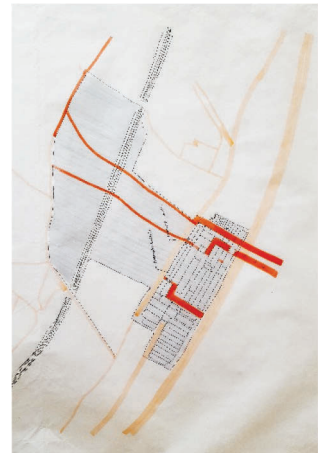


RESOURCE FURNITURE
SPACE, REINVENTED

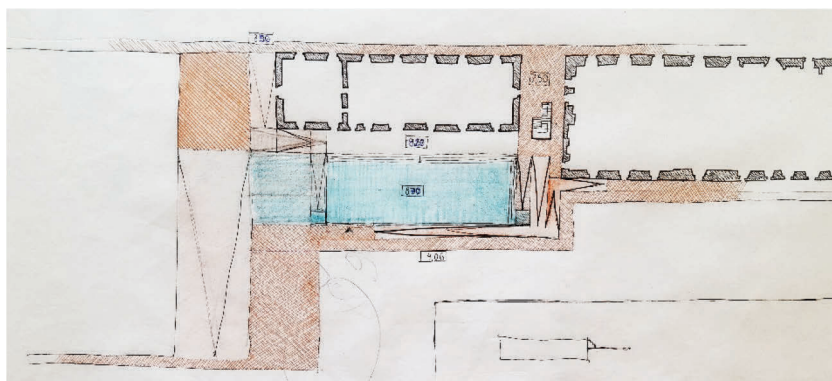
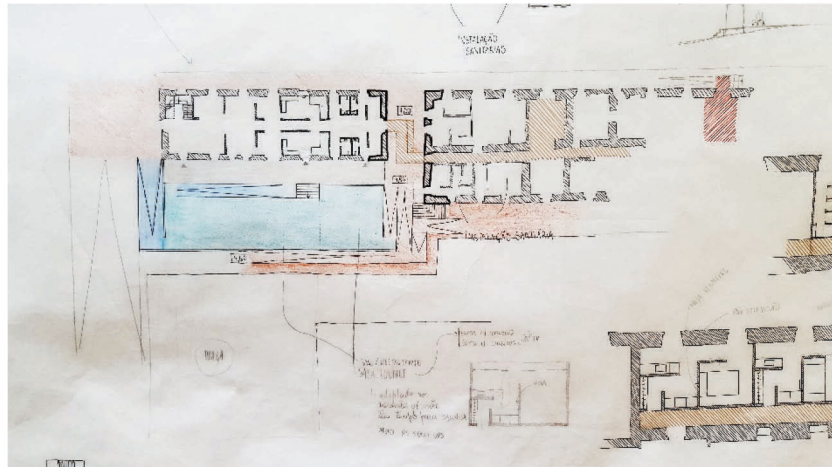
Anexo II – Processo de trabalho



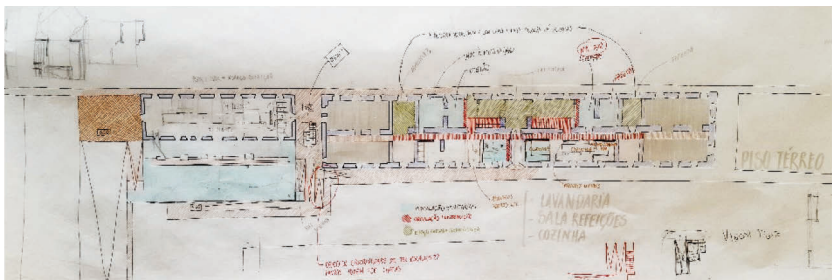
Processo referente ao programa a atribuir aos edifícios da Manutenção Militar bem como o re-pensar do espaço adjacente à mesma



Processo de desenvolvimento do espaço exterior adjacente ao edifício do antigo Convento e edifício das Residências

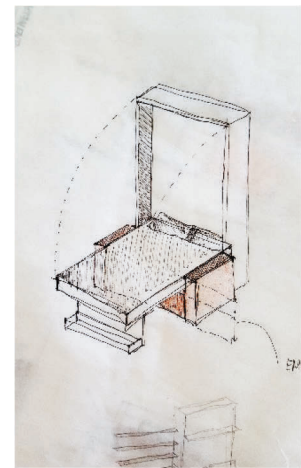
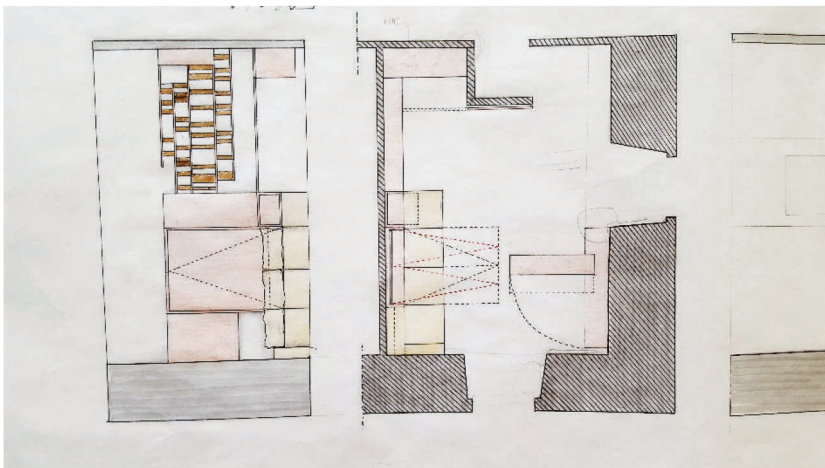
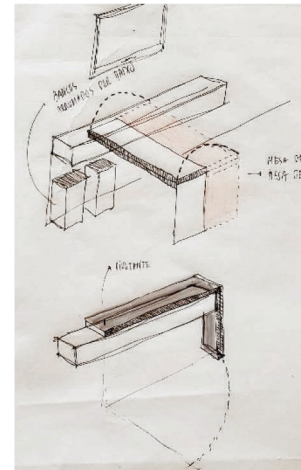
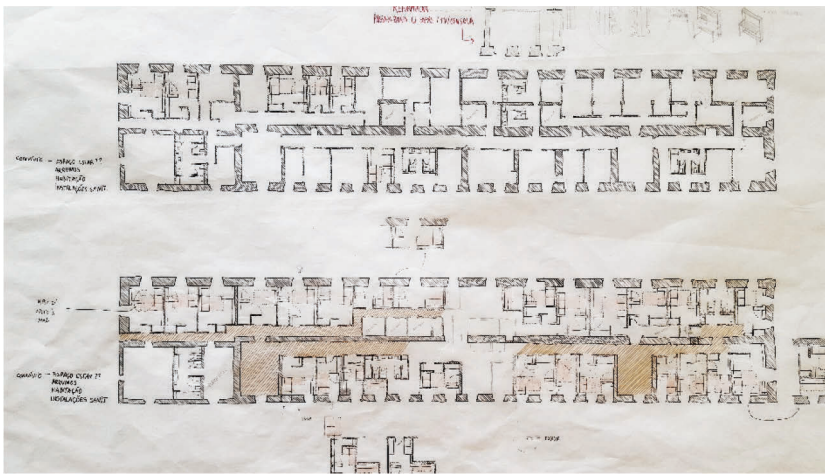
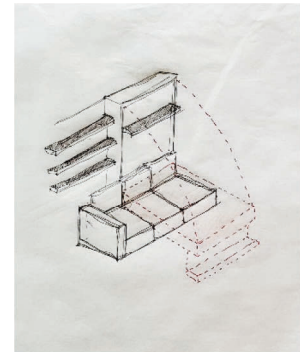
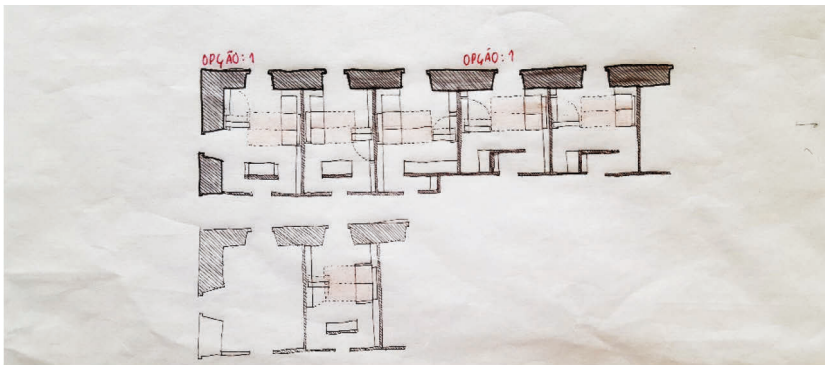
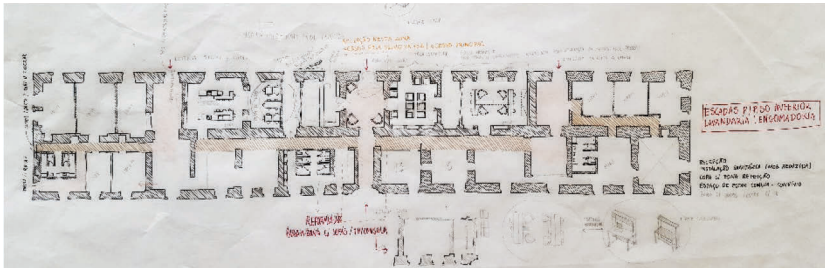


Implantação de programa no piso 0 dos edifícios

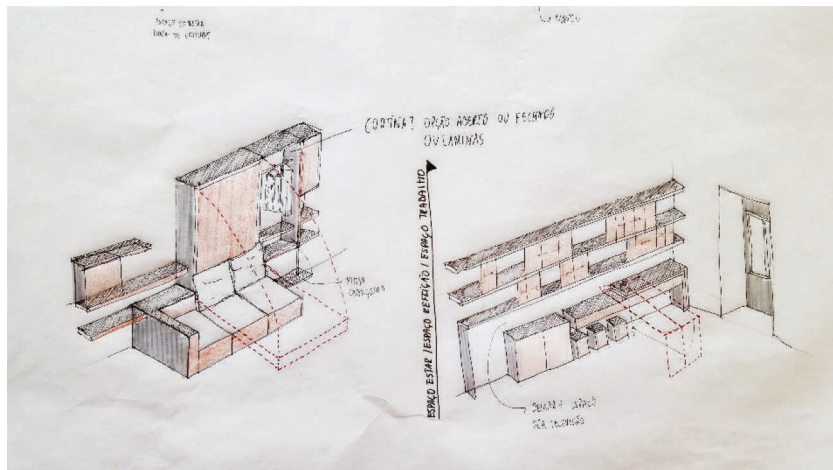
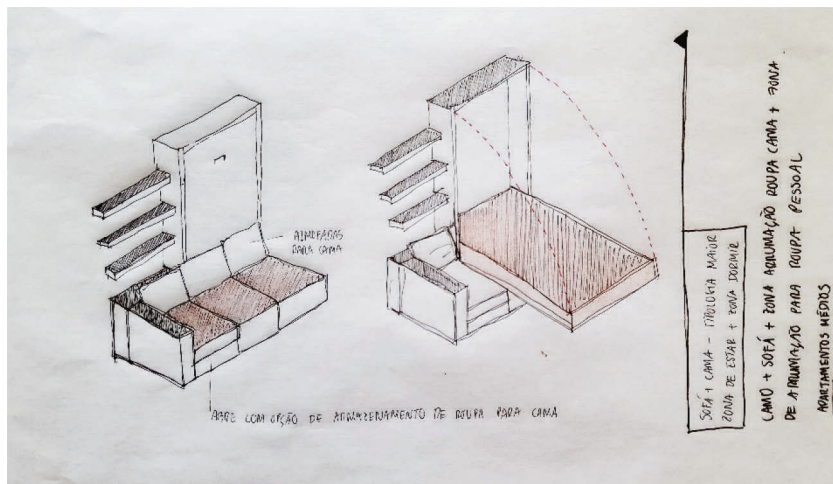
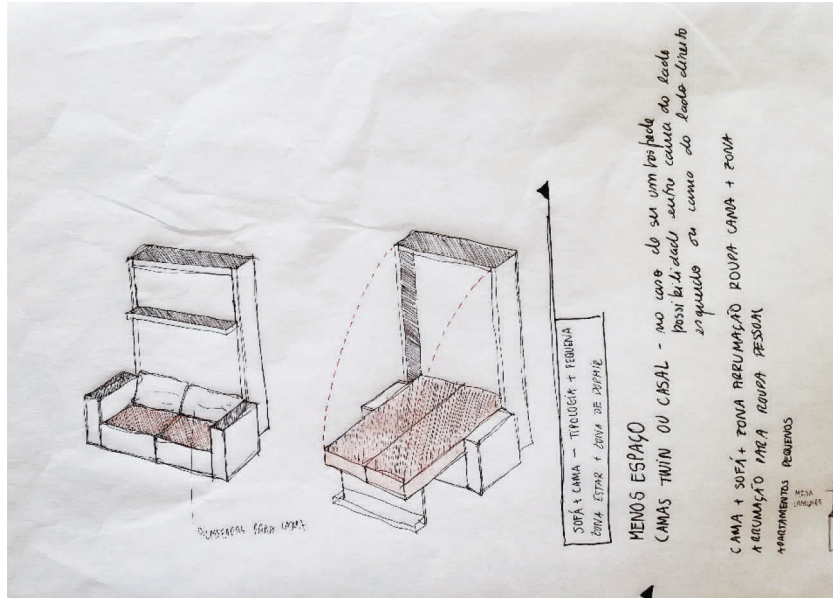
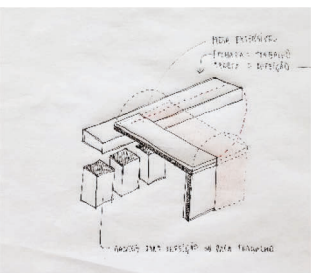
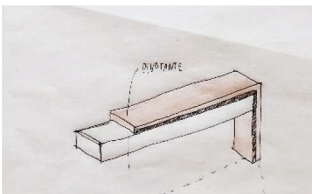
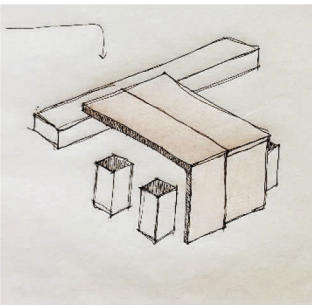


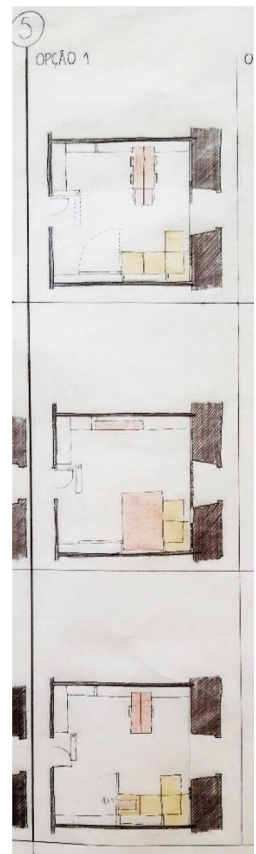
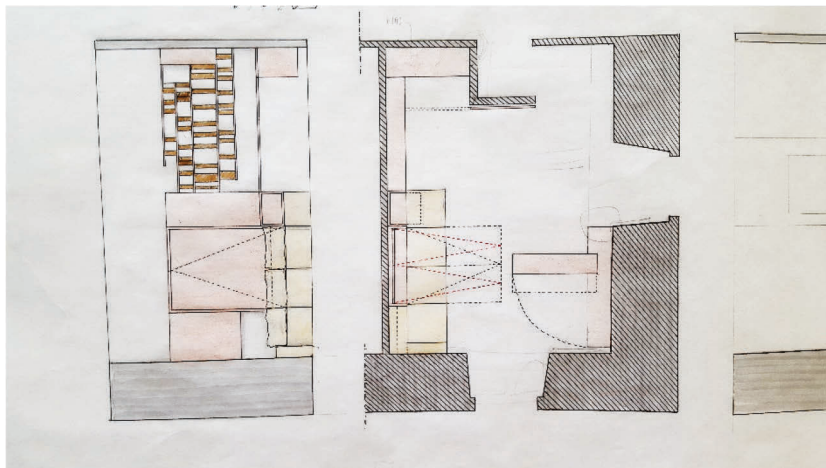
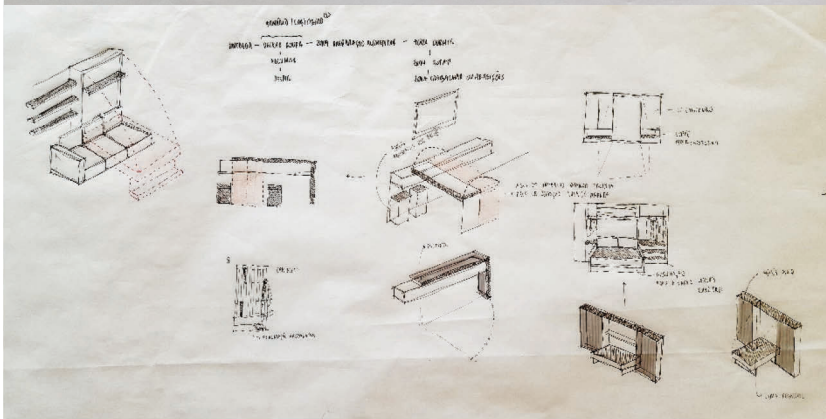
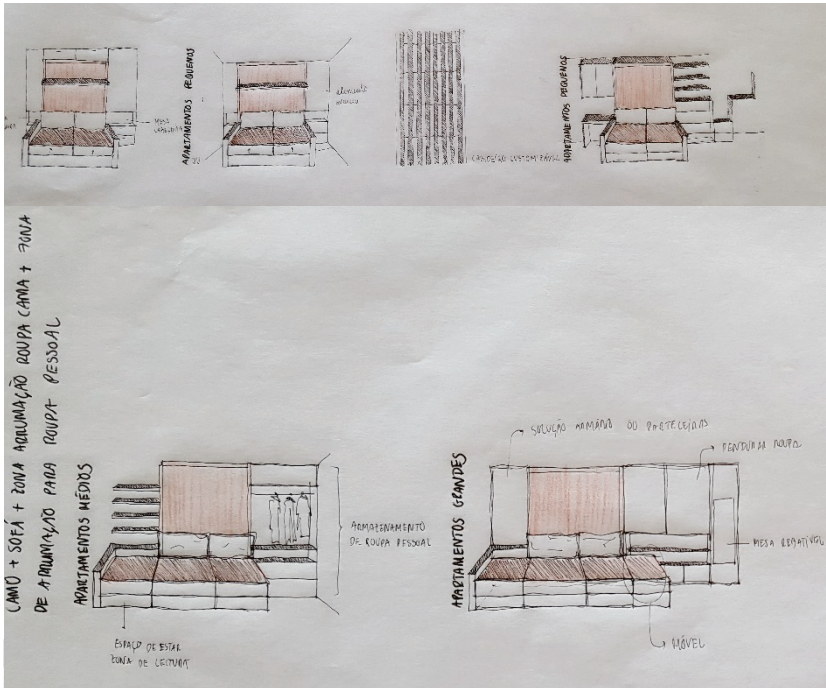
Definição das variantes de apartamentos nos pisos 1 e 2



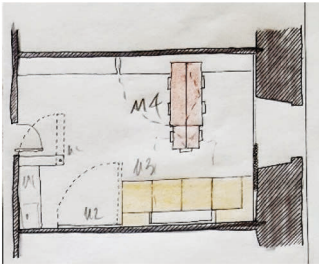


Mobiliário dos apartamentos,
transformado pelo utilizador

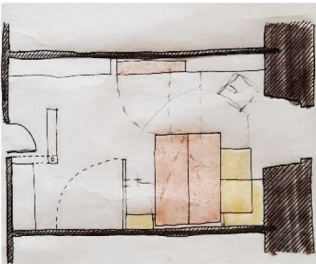




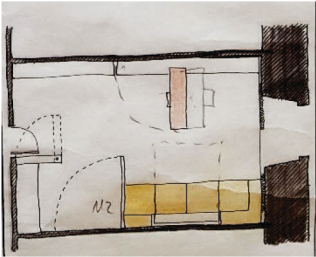
AMIGOS - FESTA



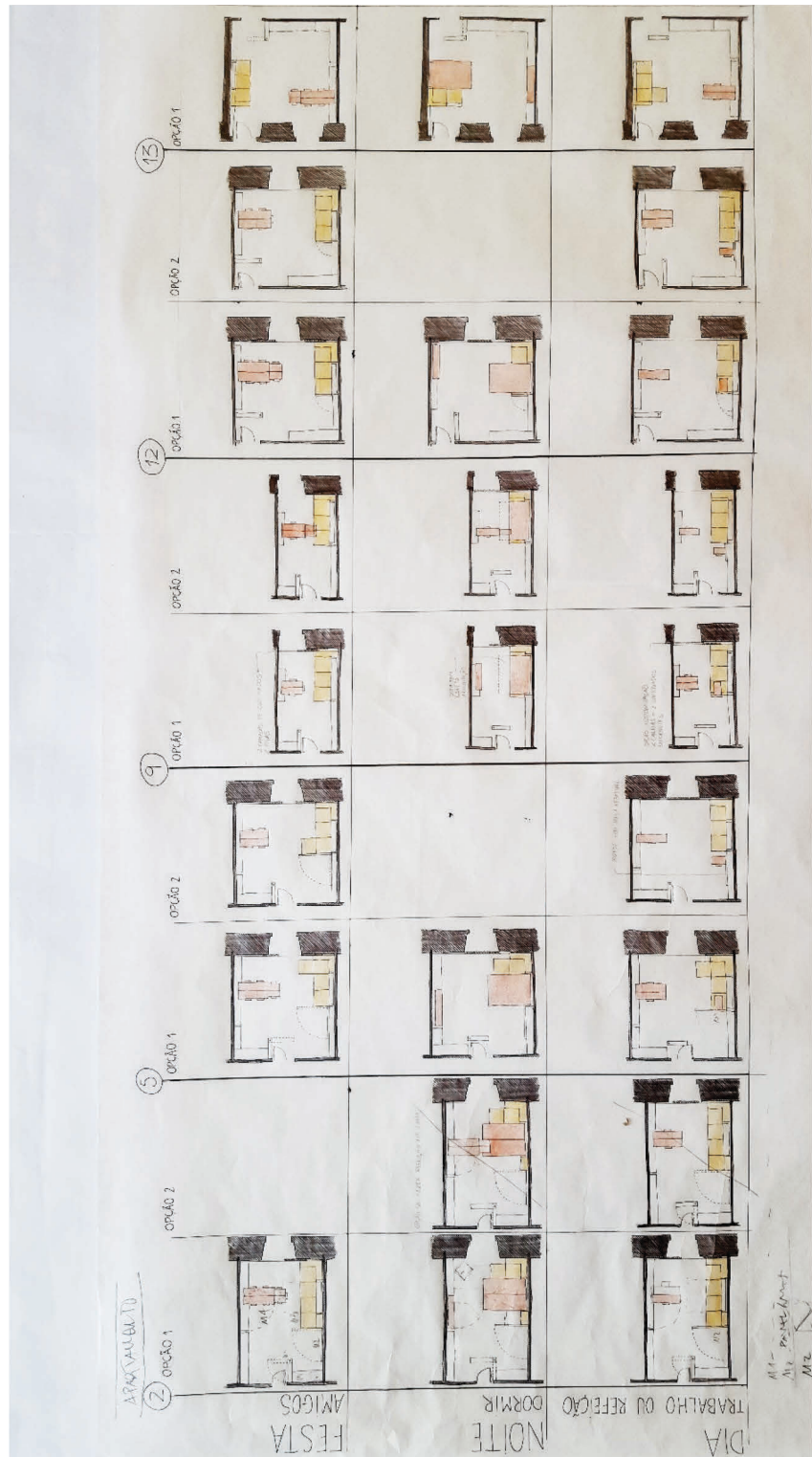
NOITE

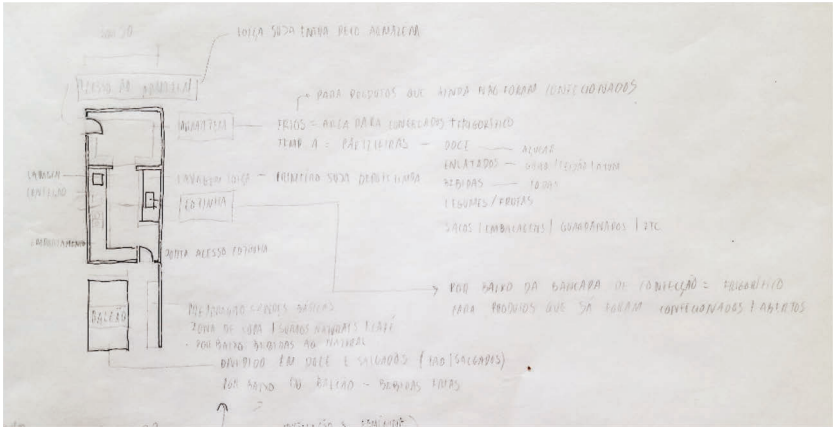


DIA

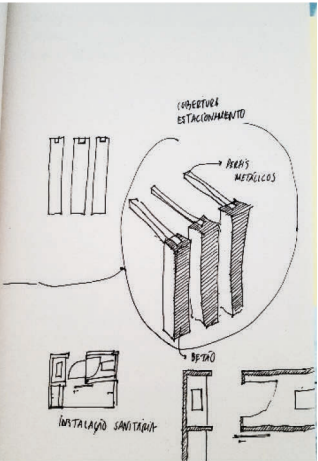


Esquema explicativo relativamente aos vários usos (dia, noite, com amigos) dos vários apartamentos - variantes

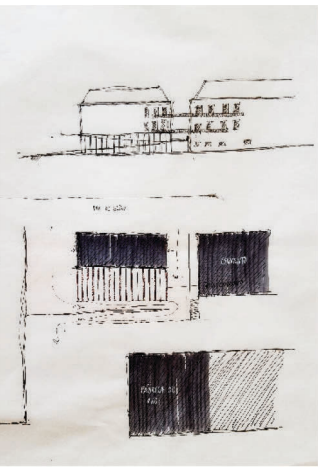
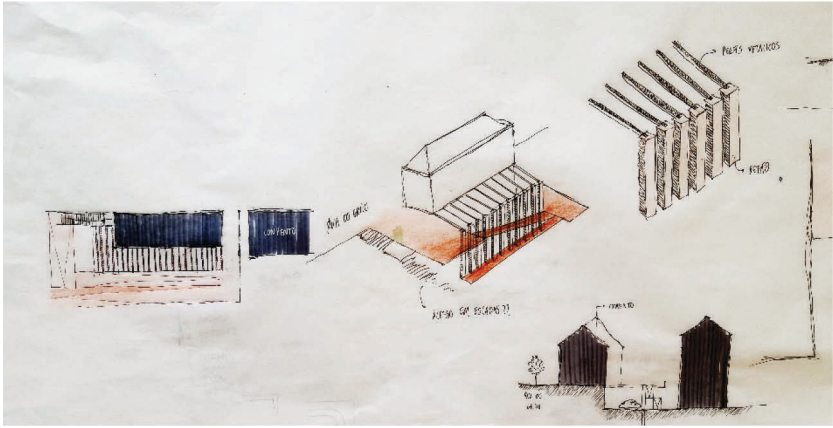
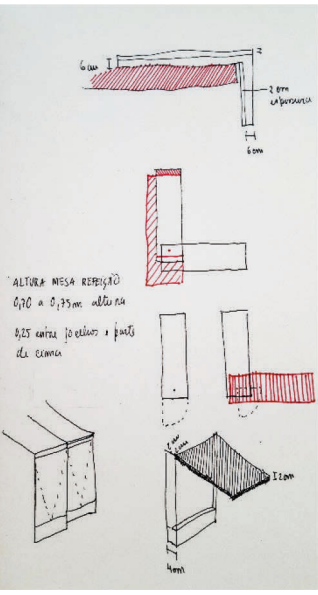




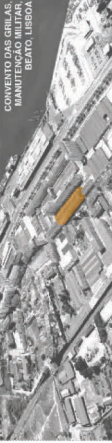
Organização do Café/Bar, funcionamento da cozinha e do armazém



Estudo do programa aplicado ao edificio das Residências



ELEMENTOS ESTRUTURAIS

EDIFÍCIO	ANO DE CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO ATUAL	LOCALIZAÇÃO
<p>CONVENTO DAS GRILAS O CONVENTO TEM ESTRUTURA HÍBRIDA PISO TERREO EM PEDRA E OS SUPERIORES EM GAVOLEIRO, COM ADIÇÃO DE MARQUISE COM ESTRUTURA EM BETÃO. SISTEMA PILAR E VIGA</p> 	<p>ORIGINAL DO SÉCULO XVII RECONSTRUÍDO NO INÍCIO DO SÉCULO XX</p>	<p>ADAPTADO PARA RESIDÊNCIAS, ATUALMENTE DESOCCUPADO</p>	<p>CONVENTO DAS GRILAS MUNICÍPIO DE BEATO LISBOA</p> 











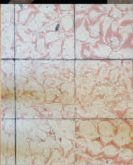












ELEMENTOS	PAREDES PORTANTES		PISOS			ESCADAS		MARQUISE	
	EXTERIORES	INTERIORES	PISO TERREO	PISO 1	PISO 2	COBERTURA	INTERIORES		EXTERIORES
CARACTERIZAÇÃO O CONSTRUCTIVA	FUNDAÇÃO DIRETA CORRENTE	ALVENARIA DE PEDRA LIOZ	ALVENARIA DE PEDRA LIOZ	ABOADAS DE TUJOLO ESTRUTURA DE REGULAZIÇÃO??	VIGAMENTO EM MADEIRA	ESTRUTURA EM ASNAS DE MADEIRA	ESTRUTURAL ESPELHO E COBERTOR EM MADEIRA	ESTRUTURA METÁLICA	ESTRUTURA EM BETÃO ARMADO
REVESTIMENTO	ARGAMASSA DE CIMENTO E AREIA	ESTUQUE	PEDRA MOSAICO HIDRÁULICO SOALHO	ESTUQUE NO REVESTIMENTO DAS ABOADAS. REVESTIMENTO DO PISO SOBRE AS ABOADAS.	MOSAICO HIDRÁULICO SOALHO	TELHA MARSELHA			ARGAMASSA DE CIMENTO E AREIA NO EXTERIOR. REVESTIMENTO DE REGULAZIÇÃO E MOSAICO HIDRÁULICO NOS PAVIMENTOS
ACABAMENTO	PINTADO A TINTA ACRILICA	PINTADO A TINTA ACRILICA	AMACIADO ENVERNIZADO	PINTADO A TINTA ACRILICA ENVERNIZADO	ENVERNIZADO		VERNIZ	PINTADO A TINTA ACRILICA	PINTADO A TINTA ACRILICA
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	RAZOÁVEL	BOM	BOM BOM RAZOÁVEL	BOM RAZOÁVEL	BOM RAZOÁVEL	BOM	RAZOÁVEL	MAU	BOM
ANOMALIAS	DESTACAMENTO DA TINTA		DESTAGASTE DA CAMADA SUPERFICIAL (VERNIZ)	DESTAGASTE DA CAMADA SUPERFICIAL (VERNIZ)	DESTAGASTE DA CAMADA SUPERFICIAL (VERNIZ)		DESTAGASTE DA CAMADA SUPERFICIAL (VERNIZ)	DESTACAMENTO DA TINTA E CORROSAO	
FOTOGRAFIAS			  	  	  	  	  	  	  

Tabela explicativa referente à caracterização do edifício do antigo Convento

ELEMENTOS PRIMÁRIOS


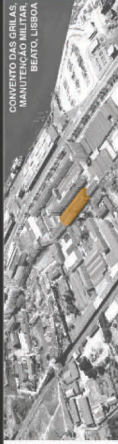

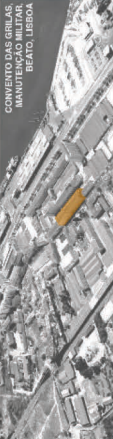
EDIFÍCIO	ANO DE CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO ATUAL	LOCALIZAÇÃO
<p>CONVENTO DAS GRILAS O CONVENTO TEM ESTRUTURA HÍBRIDA, PISO TERREO EM PEDRA E OS SUPERIORES EM GAIOLERO. COM ADIÇÃO DE MARQUISE COM ESTRUTURA EM BETÃO. SISTEMA PILAR E VIGA</p> 	<p>ORIGINAL DO SÉCULO XVII RECONSTRUÍDO NO INÍCIO DO SÉCULO XX</p>	<p>ADAPTADO PARA RESIDÊNCIAS, ATUALMENTE DESOCUPADO</p>	<p>CONVENTO DAS GRILAS MANUTENÇÃO MILITAR, BENFÉ, LISBOA</p> 
ELEMENTOS	PAREDES NÃO PORTANTES		
CARACTERIZAÇÃO CONSTRUTIVA	TETOS	INTERIOR	MARQUISE
REVESTIMENTO	PISOS SUPERIORES	TABIQUE	ALVENARIA DE TIJOLO
ACABAMENTO	ESTUQUE SOBRE FASQUIADO	ARGAMASSA DE CAL E AREIA	ARGAMASSA DE CIMENTO E AREIA
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	PINTADO A TINTA ACRILICA	PINTADO	TINTA ACRILICA NO EXTERIOR. REVESTIMENTO CERÂMICO E TINTA ACRILICA NO INTERIOR.
ANOMALIAS	BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO GERAL, COM ANOMALIAS PONTUAIS NAS ZONAS DE CONTACTO COM O EXTERIOR	BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO NO GERAL, COM ANOMALIAS PONTUAIS NAS ZONAS DE CONTACTO COM O EXTERIOR	BOM MAU
FOTOGRAFIAS	FISSURAS E INFILTRAÇÕES NO CONTACTO COM AS PAREDES EXTERIORES, DESTACAMENTO DO ESTUQUE E DO FASQUIADO	INFILTRAÇÕES, EFLUORESCÊNCIAS, DESTACAMENTO DA TINTA	INFILTRAÇÕES DESTACAMENTO DA TINTA

Tabela explicativa referente à caracterização do edifício do antigo Convento

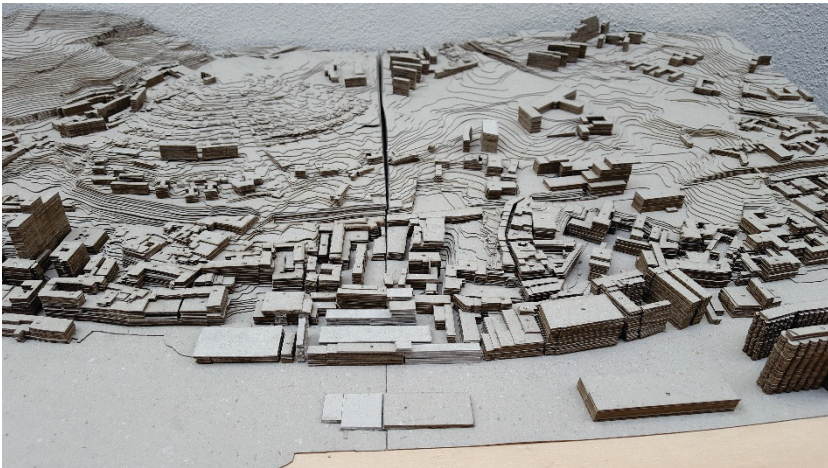
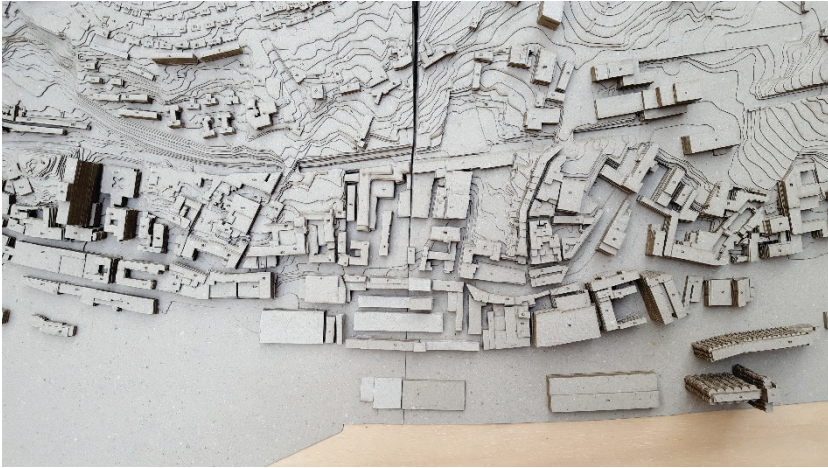
ELEMENTOS SECUNDÁRIOS

EDIFÍCIO	ANO DE CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO ATUAL	LOCALIZAÇÃO
<p>CONVENTO DAS GRILLAS O CONVENTO TEM ESTRUTURA HÍBRIDA, PISO TERREO EM PEDRA E OS SUPERIORES EM GAIOLLEIRO, COM ADIÇÃO DE MARQUISE COM ESTRUTURA EM BETÃO, SISTEMA PILARE E VIGA</p> 	<p>ORIGINAL DO SÉCULO XVII RECONSTRUÍDO NO INÍCIO DO SÉCULO XX</p>	<p>ADAPTADO PARA RESIDÊNCIAS, ATUALMENTE DESOCUPADO</p>	<p>CONVENTO DAS GRILLAS MANGUEIRA, BEATO, LISBOA</p> 

ELEMENTOS	VÁOS				CLARABÓIA	PEDRAS EXTERIORES	PEDRAS INTERIORES	CORRIMÃOS E GUARDAS	
	PORTÕES	PORTAS INTERIORES	PORTAS EXTERIORES	JANELAS INTERIORES					JANELAS EXTERIORES
CARACTERIZAÇÃO CONSTRUTIVA	<p>PILARES EM PEDRA LIOZ</p> <p>PERFIS DE AÇO TUBULARES DE SEÇÃO RETANGULAR</p> <p>CHAPA DE AÇO</p> <p>DUAS FOLHAS DE BATENTE</p>	<p>OMBREIRAS E VERGAS EM MADEIRA</p> <p>PORTAS ENGRADADAS DE MADEIRA</p> <p>ENGRADADAS COM ALMORADA OU VIDRO</p> <p>UMA FOLHA DE BATENTE POR VEZES COM BANDEIRA FIXA</p>	<p>ENGRADADAS MADEIRA COM BANDEIRA DE VIDRO</p> <p>PORTAS ENGRADADAS DE MADEIRA</p> <p>ENGRADADAS COM ALMORADA</p> <p>DUAS FOLHAS DE BATENTE</p>	<p>OMBREIRAS, VERGAS E PETTORIS EM MADEIRA</p> <p>ARO EM MADEIRA</p> <p>VIDRO SIMPLES</p> <p>PIVOTANTE HORIZONTAL DE UMA FOLHA OU TRÊS FOLHAS DE BATENTE</p>	<p>OMBREIRAS, VERGAS E PETTORIS EM MADEIRA</p> <p>AROS EM MADEIRA (FIXO A VERDE E MÓVEL A BRANCO)</p> <p>VIDRO SIMPLES</p> <p>DUAS FOLHAS DE BATENTE POR VEZES COM BANDEIRA FIXA</p>	-	<p>PILASTRAS, CANTARIAS, DEGRAUS EM PEDRA LIOZ</p> <p>CORRIMÃO, DEGRAUS, ESTRUTURA CHAMINES</p> <p>FERRO</p>	-	-
REVESTIMENTO	ANTI-CORROSIVO	-	-	-	-	-	-	-	
ACABAMENTO	PINTADO COM TINTA DE ESMALTE	PINTADO COM TINTA ACRILICA	PINTADO COM TINTA ACRILICA	PINTADO COM TINTA ACRILICA	PINTADO	BUJARDADO AMACIADO	POLIDO AMACIADO	PINTADO A TINTA DE ESMALTE	
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	RAZOAVEL	BOM	RAZOAVEL - MAU	BOM	RAZOAVEL	BOM	BOM	BOM	
ANOMALIAS	DESTACAMENTO DA TINTA E CORROSAO	-	DESTACAMENTO DE TINTA	-	FISSURACAO ?	-	-	-	
FOTOGRAFIAS	  	  	  	  	  	  	  	  	  

Tabela explicativa referente à caracterização do edifício do antigo Convento

Anexo III – Maquetas e simulações virtuais

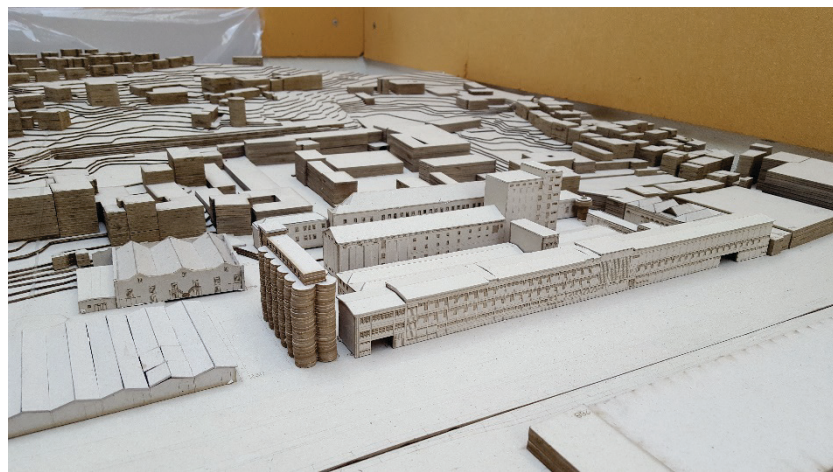


Maqueta da turma MIARQINT5A
Escala 1/2000

Maqueta da turma MIARQINT5A
Escala 1/2000



Maqueta da turma MIARQINT5A
Escala 1/500

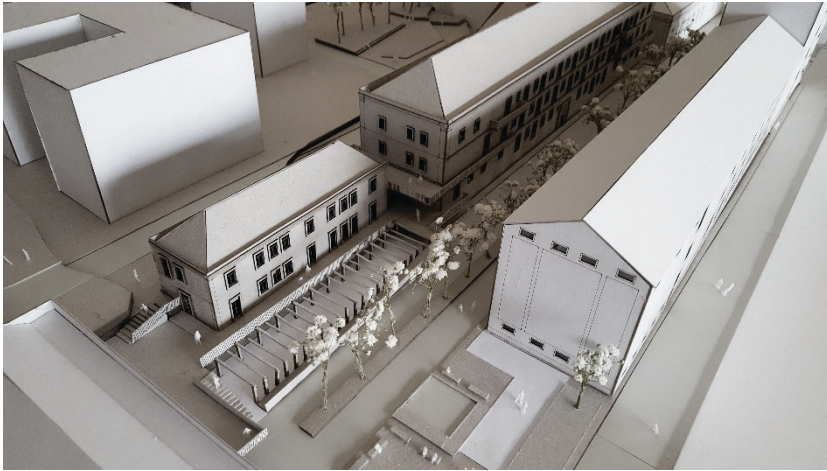




Maqueta da turma MIARQINT5A
Escala 1/500

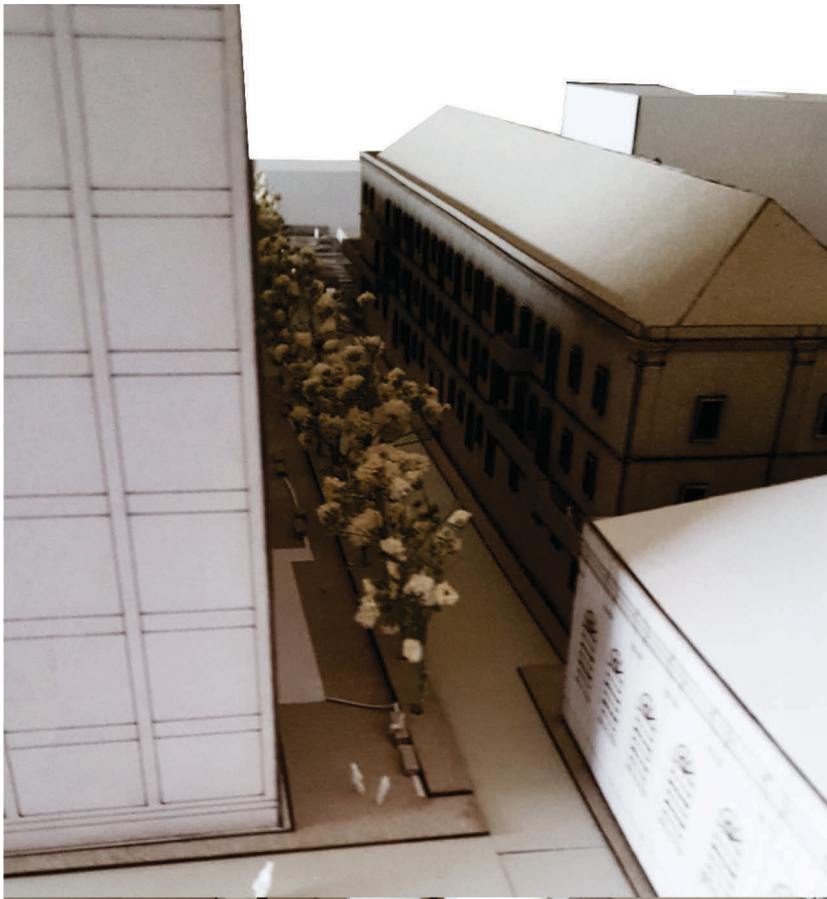


Maqueta da turma MIARQINT5A
Escala 1/500

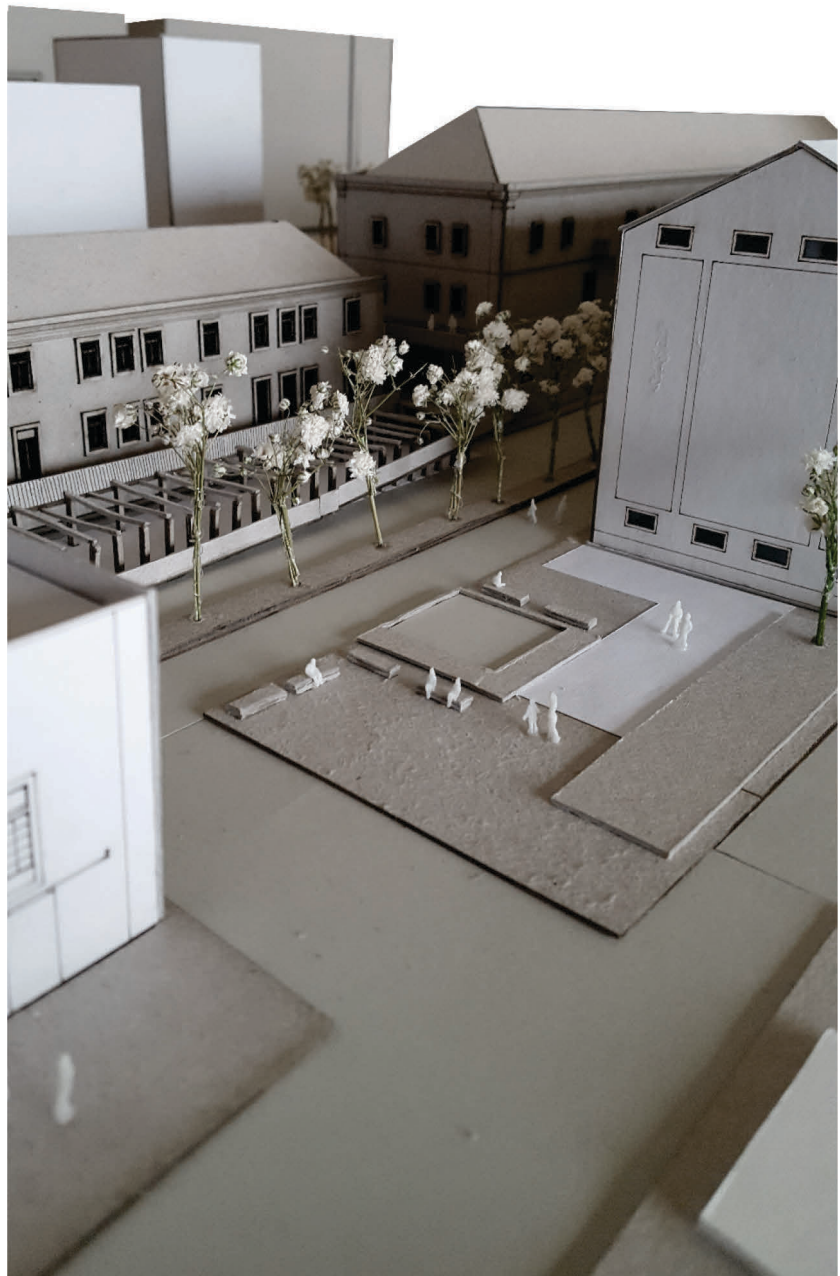




Maqueta desenvolvida pela autora
Escala 1/200



Maqueta desenvolvida pela autora
Escala 1/200



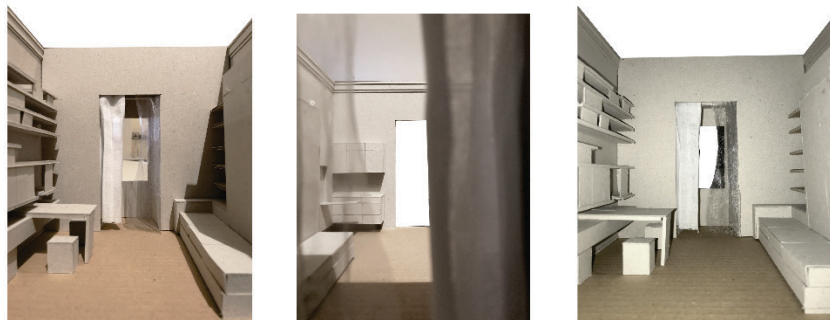
Maqueta desenvolvida pela autora
Escala 1/200



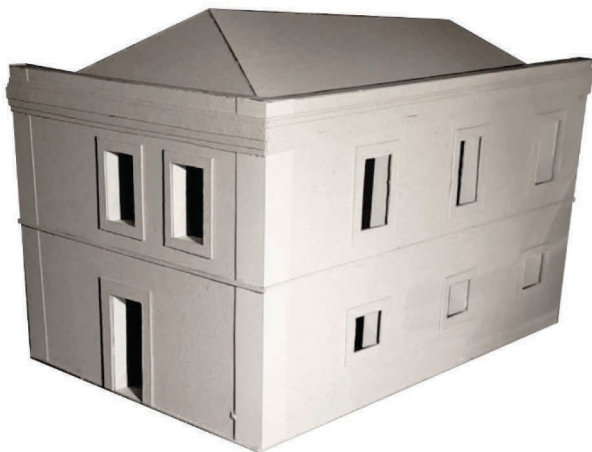
Maqueta desenvolvida pela autora
Escala 1/200



Maqueta exterior
desenvolvida pela autora
Escala 1/200



Maqueta apartamentos
desenvolvida pela autora
Escala 1/20



Maqueta edifício das residências
desenvolvida pela autora
Escala 1/100



Maqueta edificio das residências
desenvolvida pela autora
Escala 1/100



Maqueta apartamentos
desenvolvida pela autora
Escala 1/20



Maqueta apartamentos
desenvolvida pela autora
Escala 1/20



—
Simulações virtuais
Intervenções exteriores

Anexo IV – Painéis síntese A3

Listagem de desenhos

1. PLANTA URBANA – 1/5000
2. PLANTA DE LOCALIZAÇÃO – MANUTENÇÃO MILITAR
3. PLANTA DE LOCALIZAÇÃO – ZONA SUL DA MANUTENÇÃO MILITAR
4. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PISO -1
5. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PISO -1
6. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PISO 0
7. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PISO 0
8. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PISO 0
9. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PISO 1
10. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PISO 1
11. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PISO 1
12. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PISO 2
13. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PISO 2
14. PLANTA DE IMPLANTAÇÃO PISO 2
15. CORTE LONGITUDINAL A
16. CORTE LONGITUDINAL A
17. CORTE LONGITUDINAL A
18. ALÇADO SUL

19. ALÇADO SUL
20. ALÇADO SUL
21. ALÇADO ESTE
22. ALÇADO OESTE
23. ALÇADO NORTE
24. ALÇADO NORTE
25. ALÇADO NORTE
26. PORMENORIZAÇÃO DO APARTAMENTO TIPO 1
27. PORMENORIZAÇÃO DO APARTAMENTO TIPO 1
28. PORMENORIZAÇÃO DO APARTAMENTO TIPO 2
29. PORMENORIZAÇÃO DO APARTAMENTO TIPO 2
30. MAPA DE MOBILIÁRIO – M1 E M1.1
31. MAPA DE MOBILIÁRIO – M1.2 E M1.3
32. MAPA DE MOBILIÁRIO – M1.4 E M1.5
33. MAPA DE MOBILIÁRIO – M2 E M3
34. MAPA DE MOBILIÁRIO – M5 E M6
35. MAPA DE MOBILIÁRIO – M7, M8 E M9
36. MAPA DE VÃOS – JE1
37. MAPA DE VÃOS – JE2
38. MAPA DE VÃOS – JE2'
39. MAPA DE VÃOS – Pei1

- 40. MAPA DE VÃOS – PEi2
- 41. MAPA DE VÃOS - Pei3
- 42. MAPA DE VÃOS – PEE1
- 43. MAPA DE VÃOS – PEE2
- 44. MAPA DE VÃOS – PNi1
- 45. MAPA DE VÃOS – JN1
- 46. MAPA DE VÃOS – PNi2
- 47. MAPA DE VÃOS – JE3
- 48. MAPA DE VÃOS – JE4
- 49. MAPA DE VÃOS – PEE3
- 50. MAPA DE VÃOS – PEi5
- 51. MAPA DE VÃOS – PEi5
- 52. MAPA DE VÃOS – PEi6
- 53. MAPA DE VÃOS - VE1

Anexo V – Painéis finais A0

Listagem de desenhos

1. LOCALIZAÇÃO | ENVOLVENTE URBANA | ANÁLISE DE EVOLUÇÃO TERRITORIAL | ENVOLVENTE HISTÓRICA
2. ENVOLVENTE HISTÓRICA | ANÁLISE URBANA | INTERVENÇÃO URBANA
3. AXONOMETRIA PROGRAMÁTICA – INTERVENÇÃO | CORTE A E CORTE B
4. CORTE C E D
5. PLANTA PISO -1 | ALÇADO
6. PLANTA PISO 0 | ALÇADO
7. PLANTA PISO 1 | ALÇADO
8. PLANTA PISO 2 | ALÇADO
9. PORMENOR APARTAMENTO QUARTO SUL
10. PORMENOR APARTAMENTO QUARTO NORTE